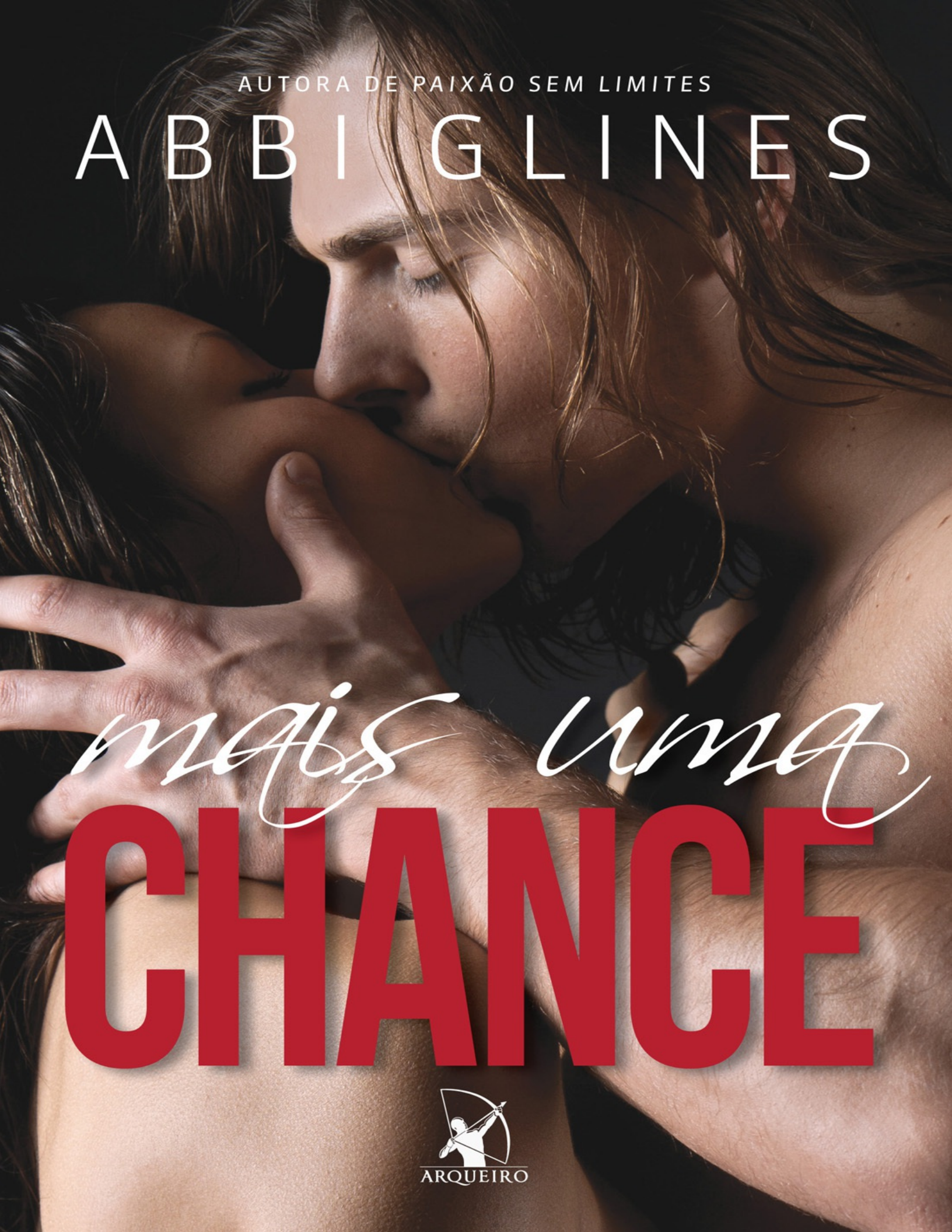
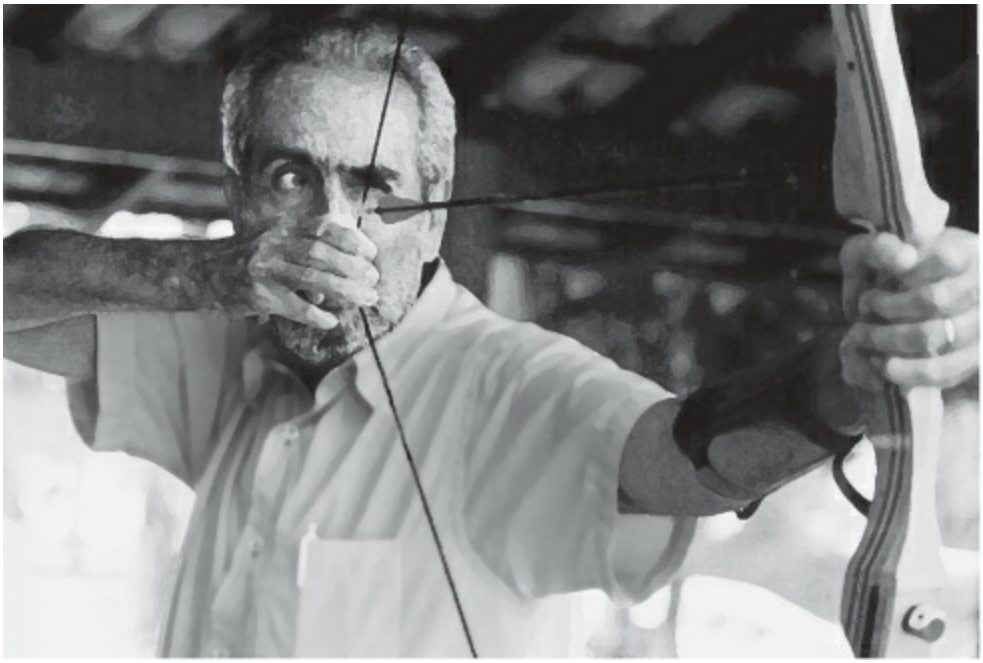

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES
ABBI GLINES
mais uma
CHANCE
ARQUEIRO

mais uma

CHANCE



O Arqueiro

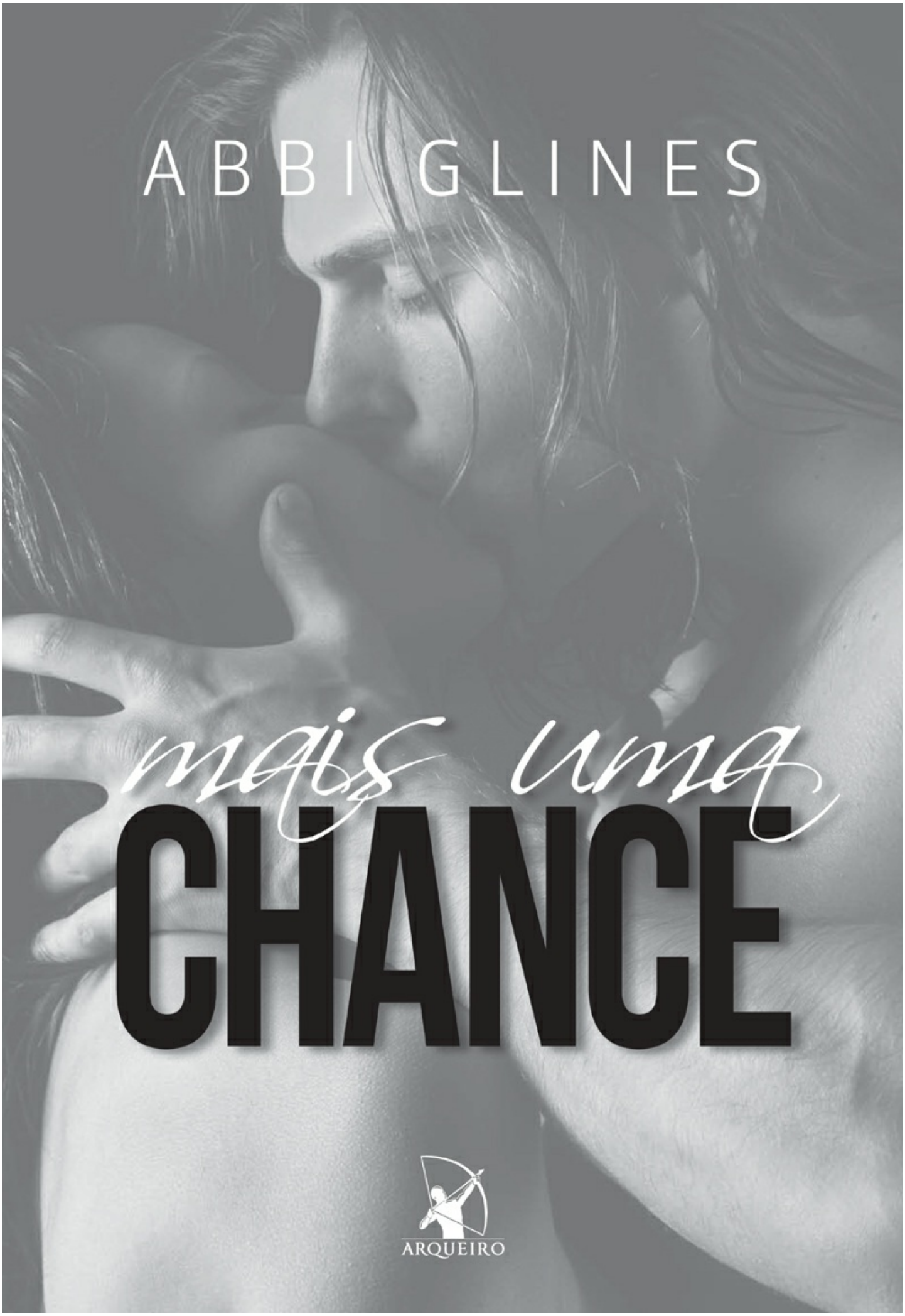
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


ABBI GLINES
mais uma
CHANCE
ARQUEIRO

Título original: *One More Chance*

Copyright © 2014 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicação feita mediante acordo com a editora original,
Atria Books, divisão da Simon & Schuster, Inc.

tradução: Cássia Zanon
preparo de originais: Lucas Bandeira
revisão: Cristhiane Ruiz e Rebeca Bolite
diagramação: Abreu's System
capa: DuatDesign
imagem de capa: MarishaSha / Shutterstock
adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G476m Glines, Abbi
Mais uma chance [recurso eletrônico] /Abbi Glines [tradução de Cássia Zanon].
São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: One more chance
Sequência de: A primeira chance
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-8041-484-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.

15-28516

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meu irmão, Jody Potts. Uma história de amor do seu passado inspirou esta parte da jornada de Grant e Harlow. Nunca me esqueci, e agora sei por que ela ficou na minha mente por todos esses anos.

"O momento em que a gente se dá conta de que ferrou completamente a nossa vida… é, eu conheço esse momento. Bem demais."

– GRANT CARTER

Grant

"Sou eu, mas você já sabe disso. Esta é a 48ª mensagem… o que quer dizer que há 48 dias eu não vejo seu rosto. Não abraço você. Não vejo seu sorriso. Eu não sei onde você está, Harlow. E eu procurei, gata. Meu Deus, eu fiz tudo o que pude. Onde você está? Você está pelo menos ouvindo estes recados? Sua caixa de mensagens é tudo o que me resta de você. Eu estraguei tudo. Ferrei tudo completamente. Só estou pedindo que me ligue ou me atenda ou me mande uma mensagem de texto. Não, me ligue. Não me mande só uma mensagem. Eu preciso ouvir a sua voz. Eu só… eu preciso ver você, Harlow. Eu não posso consertar isso se não puder abraçar você…"

Piii.

Mais uma mensagem interrompida. Maldita caixa postal que nunca me deixa terminar. Mas eu nem tinha certeza se ela estava acessando a caixa postal. Tenho ligado todas as noites desde o instante em que ela saiu pela minha porta, e nada ainda. Fui à casa do pai dela em Los Angeles e não havia ninguém lá, embora eu não tenha conseguido ver com meus próprios olhos – nem me deixaram passar pelo portão. Os seguranças ameaçaram chamar a polícia.

Rush me garantiu que ela não estava em Beverly Hills. Mas ele sabia onde ela estava. Harlow falou para ele aonde estava indo no dia em que deixou a minha casa, mas ele não queria me contar. Disse que ela precisava de tempo e que eu precisava dar isso a ela. Na noite em que me falou que não poderia me contar onde ela estava, dei um soco na cara dele. Isso nunca tinha acontecido. Ele recebeu o golpe e o ignorou como o valentão que é. Então me avisou que aquela tinha sido minha única chance. Que compreendia, mas que, da próxima vez, ia revidar.

Eu me senti um cretino por ter batido nele. Ele estava protegendo Harlow, e ela precisava que alguém a protegesse. Eu simplesmente não conseguia suportar não poder abraçá-la, não poder explicar por que agi feito um idiota.

Blaire havia acabado de voltar a falar comigo. Ficou muito brava quando viu o roxo no rosto de Rush e o nariz dele sangrando. Ela se recusou a conversar comigo por quase um mês.

Eu não conseguia falar com ninguém mais além da secretária eletrônica de Harlow.

Acordava de manhã e ia fazer trabalhos braçais em uma das minhas obras. Precisava do cansaço físico para conseguir dormir à noite. Depois que o sol se punha e eu não podia mais trabalhar, voltava para casa, comia, tomava um banho, ligava para a caixa postal de Harlow e ia para a cama. No dia seguinte fazia tudo de novo.

Nannette havia parado de tentar entrar em contato comigo. Depois de um tempo me recusando a atender suas ligações ou abrir a porta quando ela vinha até minha casa, ela se tocou e me deixou em paz. Encontrá-la apenas trazia de volta toda a dor que eu havia provocado em Harlow, e eu odiava ver o rosto de Nan. Não precisava de mais lembretes de tudo o que havia feito para ferir Harlow.

É possível odiar a si mesmo? Porque eu estou bastante certo de que me odeio. Por que eu não controlei toda a merda que saía da minha boca na última vez em que vi Harlow? Eu estraguei tudo. Eu a machuquei. Lembrar-me do rosto dela enquanto eu esbravejava por ela não ter me contado sobre sua doença não me deixava me olhar no espelho. Ela estava assustada, e eu fiquei preocupado comigo mesmo e com meus medos babacas. Como eu havia me tornado tão egoísta? Eu estava com

pânico de perdê-la, mas tudo o que fiz foi expulsá-la da minha vida.

Fui um cretino, um cretino insensível. Eu não a merecia, mas a queria mais do que queria continuar respirando.

Estava deixando de passar um tempo precioso com ela. Queria me certificar de que ela estava segura e protegida. Queria estar ao seu lado para cuidar dela e garantir que estivesse saudável. Garantir que o coração dela estivesse bem. Eu não confiava em mais ninguém para mantê-la viva. *Merda!* A possibilidade de ela não estar viva dilacerava o meu peito, e eu sentia até dificuldade de respirar.

– Você precisa me ligar, gata. Eu não consigo viver assim. Preciso ficar com você – gritei no quarto vazio.

Harlow

Sentada sobre um fardo de feno, com o queixo apoiado nos joelhos e os braços ao redor das pernas, fiquei vendo meu meio-irmão Mase amansar um jovem puro-sangue inglês que estava lhe dando muito trabalho. Era bom ter alguma coisa em que prestar atenção além dos meus próprios pensamentos. Eu me peguei mais preocupada com a chance de Mase quebrar o pescoço do que com meus problemas.

A noite chegaria logo. Meu telefone tocaria e então emitiria um bipe alertando que ele havia deixado mais uma mensagem. Eu passaria as horas seguintes olhando fixamente para a parede enquanto emoções contraditórias me dominariam. Eu queria ouvir as mensagens de Grant. Sentia falta dele. Sentia falta de ouvir sua voz. Sentia falta de suas covinhas quando ele ria. Mas eu realmente não podia ouvir as mensagens, mesmo que ele estivesse arrependido, e eu não tinha dúvida – depois de todos os telefonemas e de sua tentativa de invadir a casa do papai – de que ele de fato se arrependera.

Ele estava apavorado com a ideia de mais uma vez perder alguém de quem gostava. Se eu contar a ele que estou grávida de um filho nosso e que existe a possibilidade de eu não sobreviver ao parto, tenho medo de que ele queira que eu faça o que Mase também pediu. O que os médicos sugeriram que eu fizesse.

Eu amava Grant Carter. Eu o amava muito. Mas amava outra pessoa com a mesma intensidade. Soltei as pernas e pus a mão sobre a barriga. Ainda não estava aparecendo, mas eu tinha visto a vidinha dentro dela no ultrassom. Como eles podiam esperar que eu abortasse essa criança? Eu já a amava. Eu amava o pai dela. Eu jamais esperei me sentir assim. Era um sonho que por muito tempo eu havia abandonado.

Eu queria esse bebê. Queria que essa criança tivesse uma vida. Uma vida plena e maravilhosa, sem nada além de amor e segurança. Minha avó sempre foi muito firme em sua crença de que abortar era errado. Eu me perguntava se ela se sentiria assim se fosse eu quem engravidasse acidentalmente. Mas nunca passou pela minha cabeça que eu poderia conceber uma criança com um homem que amasse. Um homem que me fazia querer coisas que eu não deveria querer.

Meu medo era que talvez eles tivessem razão… Talvez eu não fosse capaz. Mas eu acreditava que seria. Eu queria esse bebê. Queria amar e segurar meu bebê e mostrar que faria qualquer coisa por ele. Eu queria um filho meu. Queria o bastante para viver. Estava convencida de que poderia fazer isso. Eu iria fazer.

Queria que Mase compreendesse. Detestava ver o medo em seus olhos toda vez que ele olhava para a minha barriga. Ele estava apavorado porque me amava. Eu não queria assustá-lo, mas ele precisava confiar em mim. Eu poderia fazer isso dar certo. Com minha força de vontade, eu poderia ter esse bebê e sobreviver. Como se pudesse ouvir meus pensamentos, Mase saltou do cavalo e me encarou. Sempre a preocupação. Observei enquanto ele levava o cavalo de volta à estrebaria. Ficamos ali a manhã toda, e agora estava na hora do almoço.

O padrasto de Mase lhe dera um pedaço de terra nos fundos da propriedade deles, e meu meio-irmão havia construído uma pequena casa de madeira. Para minha sorte, sua casa de 120 metros quadrados tinha dois quartos. Ninguém sabia sobre esse lugar, que era totalmente afastado, e assim,

quando a mídia apareceu na porta da casa da mãe de Mase, ela apenas disse que nenhum de nós estava lá e que, se eles não saíssem da propriedade, chamaria a polícia. Agora que a mídia me conhecia como filha de Kiro, era mais difícil me esconder.

Desde então, tudo estava silencioso. Não íamos à cidade, e eu consegui ficar escondida na casa. Com exceção da consulta ao obstetra, a que fui com a mãe de Mase, eu vinha me mantendo reclusa. Meu pai havia ligado algumas vezes. Eu ainda não tinha contado a ele sobre a gravidez, que eu mesma só descobrira na semana anterior.

Mase queria contar ao nosso pai. Ele tinha certeza de que papai conseguiria me obrigar a fazer um aborto. Eu sabia que não adiantaria. Sabia no fundo do coração o que ia fazer. Ninguém mudaria isso. E, se a minha força de vontade para viver não fosse suficiente, meu bebê seria amado. A única pessoa que estava do meu lado em tudo isso havia me garantido que criaria a criança e a amaria como se fosse dela. Maryann Colt era a mãe que toda criança merecia. Quando eu era pequena e visitava Mase, a mãe dele assava biscoitos e nos levava para fazer piqueniques. Ela nos botava na cama à noite e, depois de beijar o rosto de Mase e dizer que o amava, fazia o mesmo comigo. Como se ali fosse meu lugar.

E Maryann sabia como era ser mãe. Ela compreendia a necessidade que eu tinha de proteger esse bebê. Segurou a minha mão quando confirmaram que eu estava grávida. Suas lágrimas não foram de tristeza, mas de alegria. Ela ficou feliz por mim, porque eu estava feliz. Aquela noite foi a primeira vez que vi Mase brigar com a mãe. Maryann me apoiou quando expliquei que não ia fazer o aborto. Mase ficou furioso e me implorou que reconsiderasse a decisão.

Eu sabia que com Grant seria pior. Dizer a mim mesma que ele havia me esquecido ou que não se importava era inútil. Eu sabia que não era assim. Ele ainda me ligava todos os dias e deixava uma mensagem. Queria perdão e possivelmente estava pronto para correr o risco de amar alguém com a minha doença. Mas agora o risco era muito maior. No fundo, eu não acreditava que ele teria força suficiente para continuar comigo. Eu não conseguia me esquecer do que ele havia me falado na última vez em que o vi. Tínhamos desperdiçado nossa chance.

– Está se sentindo bem?

A voz de Mase interrompeu meus pensamentos. Protegi os olhos do sol e olhei para ele. Estava vestindo sua calça jeans desbotada e uma camisa xadrez azul. Por causa das atividades da manhã, uma fina camada de poeira o cobria, e ele empurrou o chapéu de caubói para trás enquanto secava o suor da testa com uma toalha que tirou do bolso de trás.

– Estou ótima. Apenas perdida nos pensamentos – expliquei.

Ele estendeu a mão para mim.

– Vamos lá, vamos comer alguma coisa. A mamãe já deve estar com o almoço na mesa.

Maryann preparava uma refeição completa no almoço todos os dias. Ela dizia que seus rapazes precisavam disso para continuar trabalhando duro. O padrasto de Mase ainda estava usando bengala depois de levar um tombo do trator, embora já tivesse tirado o gesso. Mase tinha se responsabilizado por parte das tarefas dele e parecia aliviado por ele estar voltando ao trabalho. Seu padrasto criava gado de corte, e a lida era muito cansativa. Mase costumava apenas treinar alguns cavalos.

Segurei a mão do meu irmão e deixei que ele me levantasse. Não admitiria a ele que estava me sentindo fraca pela perda de apetite. Não estava enjoando com a gravidez, mas sentia falta de Grant. Naquele momento, eu o queria. Queria dividir isso com ele. Vê-lo sorrir e ouvi-lo dar risada. Queria

mais do que ele poderia me dar.

– Faz dias que você não sorri – disse Mase, soltando a minha mão.

Limpei a poeira da calça e encolhi os ombros.

– Não vou mentir para você. Sinto falta dele. Eu o amo, Mase. Já admiti isso para você.

Mase caminhou ao meu lado enquanto seguíamos na direção do casarão branco de seus pais, que tinha varanda ao redor de toda a construção e flores nas janelas. Mase tivera uma vida perfeita. O tipo de vida em que crianças como eu não acreditam a não ser que vejam. Eu queria dar uma vida assim ao meu filho.

– Atenda à ligação dele esta noite em vez de deixar cair na caixa postal. Ele quer ouvir a sua voz. Dê a ele ao menos isso. Talvez faça você se sentir melhor – disse Mase.

Não era a primeira vez que ele me estimulava a atender as ligações de Grant. Eu não havia contado a Mase por que fugi. Não podia suportar a ideia de Mase odiar Grant. Ele não compreenderia por que Grant havia reagido da forma como reagiu. E ele jamais o perdoaria. Os dois serão da mesma família um dia. Esse bebê os fará ser da mesma família.

E se eu não estiver por perto…

– Você é teimosa, Harlow Manning. Sabia disso?

E empurrou meu ombro com o braço.

– Vou atender quando chegar a hora. Simplesmente ainda não é a hora.

Mase soltou um suspiro de frustração.

– Você está esperando um filho dele. Ele precisa saber disso. Não é certo o que você está fazendo.

Afastei dos olhos os fios de cabelo que haviam se soltado do meu rabo de cavalo. Ele não compreenderia por que eu não podia contar a Grant. Estava cansada de ter essa conversa com ele.

– Ninguém vai me convencer a desistir do bebê. Nâo adianta! Não vou escolher a mim em vez de escolher esta criança. Não posso. Não vou. Apenas… não me peça isso de novo, compreenda que eu preciso fazer isso do meu jeito.

Mase estava tenso ao meu lado. Qualquer lembrança de que eu estava botando minha vida em risco o incomodava. Mas a vida era minha e a decisão também. Eu não o forçava a concordar comigo, só queria que respeitasse minha opinião. Caminhamos em silêncio até a casa.

Maryann estava parada diante do fogão vestindo um avental de bolinhas azul e branco, que eu sabia que tinha um monograma na frente. Eu o havia dado de presente a ela quando tinha 17 anos. A porta de tela bateu atrás de nós, Maryann olhou por cima do ombro e sorriu.

– Está quase pronto. Ponham a mesa para mim, por favor – pediu ela, virando-se de novo para o fogão.

Mase foi até a gaveta de talheres e eu fui pegar os pratos. Aquilo havia se tornado uma rotina. Depois de colocar quatro lugares à mesa, fui buscar os copos e enchê-los de gelo e chá.

– São cinco lugares hoje. Major vem almoçar conosco. Ele ligou hoje de manhã para dizer que estava a caminho da cidade, e concordamos em contratá-lo pelos próximos seis meses. Ele precisa de uma folga do drama na casa dele e nós precisamos de outro par de braços fortes por aqui.

Eu me lembrava de Major como um valentão. Um valentão mirrado e mau. Mas eu não via o primo de Mase desde que ele tinha 10 anos, então as coisas podiam ter mudado. Ele já devia ter passado de 1,40 metro e não devia mais usar aparelho.

– O tio Chap ainda está pensando em se divorciar daquela garota? – perguntou Mase com uma expressão preocupada.

Nós nunca falávamos muito sobre o primo dele, mas Major estava morando em um país diferente toda vez que Mase falava nele. Tio Chap era fuzileiro naval, dos mais durões. E havia transformado em um objetivo de vida casar-se com o máximo de mulheres jovens e bonitas que conseguisse. Major sempre tinha uma nova mãe. Disso eu me lembrava.

Maryann suspirou e pôs os biscoitos na mesa.

– Acontece que, desta vez, não se trata apenas de uma menininha bonitinha querendo um papaizinho. Hillary também estava de olho em Major e, aparentemente, conseguiu o que desejava. Major cometeu um erro e, bem, Chap não está muito feliz com a mulher e o filho. Major não pode ir para casa e encarar o pai dele agora e não quer voltar para a faculdade. Está confuso e infeliz.

Mase pôs a jarra de chá na mesa e olhou para mim com uma expressão de surpresa. Ele não sabia dessa informação. Interessante.

– Quer dizer… Major pegou a madrasta?

– Não fale assim – disse Maryann, franzindo a testa para o filho. – E, sim, ele fez isso. Mas Hillary é só quatro anos mais velha do que Major. O que Chap esperava? Ele é um homem velho que se casou com uma menina e a colocou dentro de casa com o filho bonito enquanto ele trabalhava o tempo todo.

Mase soltou um assovio e deu uma risada.

– Major pegou a madrasta – repetiu.

– Já chega. Ele vai aparecer aqui a qualquer momento, e eu sei que está envergonhado de tudo isso. Seja legal. Pergunte a ele sobre a faculdade ou sobre o que ele quer fazer. Só não fale sobre Hillary ou o pai dele.

Eu estava tentando não parecer completamente perturbada com tudo aquilo. Nem com muito esforço eu conseguia imaginar Major bonito. Mas tudo o que eu conheci foi o Major com 10 anos de idade, não o com 21 anos capaz de atrair uma mulher que não deveria desejá-lo.

Uma batida rápida na porta chamou nossa atenção, e todos os olhos se voltaram para lá enquanto uma versão crescida de Major Colt entrava na casa.

Os olhos verdes dele eram quase cor de esmeralda. Fiquei surpresa por não me lembrar disso. Um sorriso inseguro se esboçou em seu rosto quando olhou para a tia e depois para Mase. Dei uma olhada rápida nele. Tinha pelo menos 1,90 metro, e cada centímetro dele era bem-feito. Braços grossos e musculosos que me lembravam muito os de Mase apareciam sob as mangas curtas da camiseta cinza.

– Então você pegou sua madrasta.

Essas foram as primeiras palavras a quebrar o silêncio. Claro que vieram de Mase.

– Mase Colt-Manning, eu vou dar uma surra em você – ralhou Maryann em uma voz séria, secando rapidamente as mãos no avental e indo na direção de Major.

O sorrisinho nos lábios de Major, que encarava Mase, me fez pensar que talvez ele não fosse ficar tão chateado quanto Maryann havia imaginado. Não parecia um jovem que tivesse sido obrigado a fazer algo contra a vontade. Era um homem feito, da cabeça aos pés.

Virou-se para falar com Maryann, mas parou quando seus olhos me encontraram. Fez uma pausa e sorriu. Um sorriso de verdade desta vez. Ele me reconheceu. Nada surpreendente, uma vez que meu rosto estava em toda a mídia nos dois últimos meses.

– Ora, se não é a senhorita desaparecida – falou Major. – Você é ainda mais bonita do que as fotos que mostram na TV.

– Calma – disse Mase, dando um passo para ficar entre mim e Major. – Sei que você é um conquistador agora, mas ela não está disponível para romance. Tenho certeza de que tio Chap terá uma nova mulher em breve, e você vai poder descobrir quanto tempo demora para pegá-la.

– Já chega! – disse Maryann, dando um tapa no braço de Mase como se ele fosse um menino levado e depois puxando Major para um abraço. – Estamos muito felizes de ter você aqui. Ignore a tentativa do seu primo de fazer graça. Ele não tem limite, e eu peço desculpas por isso.

Major correspondeu ao abraço e sorriu para Mase por cima da cabeça da tia, que não chegava sequer ao seu ombro.

– Obrigado, tia Maryann. Nada disso vai me afetar. Eu consigo suportar, acredite.

– Inacreditável. Ele dorme com a mulher do pai e você fica do lado dele e o trata como se fosse vítima – disse Mase, mas não havia ressentimento em sua voz. Ele sorria ao dizer isso.

A porta se abriu mais uma vez, e o padrasto de Mase entrou. Mesmo mancando, ainda era uma presença grandiosa. Altura era definitivamente uma característica dos Colts.

– Que bom que você está aqui, garoto – falou ele para Major. – Mas eu estou com fome, então você vai ter de soltar minha mulher para que ela possa me alimentar.

Desta vez Major riu. Uma risada alta e plena, que contagiou a todos.

Grant

"Mensagem de número 55. Todos os dias eu penso que será o último dia que a ligação vai cair na sua caixa postal. Que você vai acabar me atendendo. Eu só quero ouvir a sua voz e saber se você está bem e feliz. Quero você feliz. Estou infeliz. Não consigo dormir. Eu só penso em você. Sinto a sua falta, gata. Sinto muito a sua falta. Dói demais. Seria bom pelo menos saber que você está bem e com saúde. Rush me garantiu que você está, mas preciso ouvir isso de você. Qualquer coisa… eu faço qualquer coisa. Só fale comigo."

Piiiii.

Eu odiava aquele som. Ele zombava da minha dor e encerrava os poucos segundos em que eu sentia que Harlow estivesse me ouvindo. Mas, de qualquer maneira, ela provavelmente não estava nem escutando minhas mensagens. Eu tinha quase certeza de que ela já teria me ligado a essa altura se houvesse escutado pelo menos uma das minhas mensagens desesperadas. Ela não conseguiria me ignorar.

Rush dissera que ela não estava na casa de Maryann, no Texas, mas eu estava quase decidido a visitar Mase e descobrir o que ele sabia. Não me importava com a segurança extra da qual havia sido alertado. Não me importava de ir para a cadeia se antes conseguisse algumas respostas. Eu daria qualquer coisa para saber onde Harlow estava.

Meu telefone tocou e, por um instante, meu coração parou. Por uma fração de segundo, me permiti esperar que fosse Harlow, muito embora, no fundo, soubesse que não podia ser ela. Olhei para o telefone e vi o nome de Rush brilhando na tela. Ele não era Harlow, mas era a única conexão que eu tinha com ela no momento.

– O que foi? – disse ao telefone, olhando fixamente para o teto.

– Não sei bem por que ainda ligo para você, seu chato ranzinza – respondeu Rush.

Eu também não sabia. Mas, se ele ligava, eu logo atendia. Mesmo que Rush não tivesse ideia de onde Harlow estava, ele era o único com quem eu conseguia falar sobre isso. Sentia que só ele podia me compreender. Na verdade, talvez fosse a única pessoa capaz de entender quanto eu estava arrasado.

– Está tarde – falei.

– Não está tão tarde. Blaire acabou de subir para fazer Nate dormir.

Rush tinha essa vidinha feliz agora. Uma mulher que ele idolatrava. Um filho que adorava. Eu ficava feliz que ele tivesse tudo o que sempre quis. Nenhum de nós havia conhecido uma família normal e saudável. Agora ele conhecia. Agora tinha isso. Mas eu… Talvez fosse possível quando Harlow ainda estava aqui. Talvez.

– Sei que não está a fim de falar, mas só estou ligando para saber como você está. Blaire me disse para ligar e checar como você estava antes de ela subir.

Pelo jeito, Blaire realmente havia me perdoado. Queria poder dizer a Rush que eu estava bem. Que eu conseguia respirar normalmente e que meu peito não doía o tempo todo. Que eu não me sentia perdido e desamparado. Mas eu não podia dizer isso a ele. A verdade era que eu precisava de Harlow.

– Você ficou bem quando Blaire deixou você? – perguntei a ele, já sabendo a resposta.

Eu estava lá. Eu o havia obrigado a sair de casa.

– Não – respondeu ele. – Você sabe que eu fiquei um lixo.

– É – foi minha única resposta.

Naquela época, eu não o entendia. Mas agora tudo fazia sentido. Ele ficara em pedaços, e todos esperavam que seguisse como se tudo estivesse normal, agarrado à esperança de que ela voltaria.

– Desculpe por fazer você sair de casa naquela época. Eu não entendia.

Rush soltou uma risada baixa e triste.

– Acho que me ajudou um pouco. Não precisa se desculpar. Ficar lá parado pensando no assunto teria me deixado ainda pior. Eu não tinha um trabalho com que me distrair todos os dias como você.

– Você falou com ela? – perguntei, sem conseguir me conter.

Eu precisava de alguma coisa. Qualquer coisa.

– Ela está bem. Está em segurança. E perguntou como você estava. Eu disse que estava um trapo, que não estava muito bem.

Se estivesse escutando minhas mensagens na caixa postal, ela já saberia disso. Eu não escondia nada quando ligava para ela. Estava sendo totalmente sincero, expondo a minha alma.

– Algum dia ela vai me perdoar? – perguntei, fechando os olhos, com medo da resposta.

– Ela já perdoou. Só não está pronta para se abrir de novo ainda. Ela está lidando com muita coisa no momento. A mãe dela e Kiro, depois isso… só dê um pouco mais de tempo para ela.

Se ela havia me perdoado, por que não estava ouvindo minhas mensagens? Por que não atendia quando eu ligava?

– Diga que eu só quero ouvir a voz dela. Ela não precisa conversar muito tempo comigo… só um minuto. Eu quero dizer que a amo. Quero dizer que sinto muito. Eu… só preciso dizer que preciso dela.

Rush ficou em silêncio por um instante. Qualquer outro teria feito piada sobre quanto eu havia me tornado vulnerável. Não ele.

– Vou dizer isso a ela. Durma um pouco. Ligue para mim e dê notícias. Blaire fica preocupada.

Senti um nó na garganta. Nós nos despedimos e eu larguei o telefone no peito e fechei os olhos, deixando imagens de Harlow preencherem meus pensamentos. Eram tudo o que eu tinha agora.

Harlow

– Seu telefone está tocando – avisou Mase ao sair na minha direção estendendo o telefone.

Eu estava sentada no balanço que ficava pendurado no quintal desde que éramos crianças, sozinha com meus pensamentos.

– Quem é? – perguntei, com medo de olhar.

Eu estava perdendo o autocontrole. Se fosse Grant, não tinha certeza de que ainda conseguiria ignorá-lo.

– Blaire – respondeu Mase, atirando o telefone no meu colo. – Estou indo para o celeiro. Tem ração chegando, e eu preciso mostrar ao Major as funções dele agora que ele está instalado. Você precisa falar com Blaire. Depois, pense em ligar para Grant.

Toquei no botão de atender e levei o aparelho ao ouvido.

– Alô?

– Ei. Faz dias que não tenho notícias suas. Queria saber como estão as coisas.

Blaire ainda não sabia da gravidez. Eu confiava nela para tudo, menos para manter algo em segredo de Rush. Ela contaria para ele, e eu sabia que Rush contaria para Grant. Ele não conseguiria ficar calado. Então vinha mantendo o bebê em segredo.

– Estou bem – respondi, sem acreditar na minha própria voz. – Como estão as coisas por aí? – perguntei, não conseguindo pronunciar o nome dele.

– Você quer dizer como está Grant? Ele não está bem. Ainda do mesmo jeito. Muito trabalho e pouco sono. Não conversa com ninguém além de Rush e agora implora diariamente que diga onde ele pode encontrar você. Ele está um trapo, Harlow. Precisa ouvir sua voz.

Senti meu coração apertar e pisquei para afastar as lágrimas. Saber que ele estava sofrendo era difícil. Mas como eu poderia ligar e não desmoronar e dizer quanto eu sentia sua falta? Isso não ajudaria em nada. Ele apenas ficaria mais magoado quando eu me recusasse a dizer onde estava.

– Eu não estou pronta – disse a ela.

Blaire soltou um suspiro, e eu ouvi a risada de Nate ao fundo. A risada de um bebê era tudo de que eu precisava para lembrar a mim mesma por que não podia deixar Grant saber o que estava acontecendo.

– Blaire, posso perguntar uma coisa para você? – A pergunta saiu da minha boca antes que eu pudesse me segurar.

– É claro – respondeu ela.

A vozinha de Nate começou a cantarolar "Papa" sem parar.

– Só um minutinho. Rush acabou de chegar, e Nate fica muito empolgado quando vê o pai. Deixe-me ir para outro lugar – disse Blaire.

Eu queria o que Blaire tinha. Mais do que qualquer outra coisa, eu queria aquilo. Queria ver Grant com nosso bebê. O filho que concebemos. O filho que estava dentro de mim. Mas será que Grant iria querer isso?

– Pronto, posso ouvir melhor agora. O que você quer me perguntar?

Fechando bem os olhos, torci para não estar cometendo um erro.

– Antes de Nate nascer, você teria dado sua vida pela dele? Você o amava a esse ponto?

Blaire não respondeu. Ela ficou em silêncio por vários segundos, e eu comecei a pensar que havia falado demais. Que ela iria descobrir por que eu estava fazendo essa pergunta.

– Ele era uma parte de Rush e de mim. Eu faria qualquer coisa por ele desde o instante em que soube que estava dentro de mim. Então, sim – respondeu ela.

Ela falou lentamente e um pouco contra a vontade, mas eu sabia que estava sendo sincera. Também sabia que compreenderia a minha escolha.

– Mas Rush não teria pensado a mesma coisa – acrescentou.

A emoção trancando minha garganta dificultou a resposta.

– É. Achei que não. Eu, ahn, preciso ir. Falo com você depois.

Não esperei que ela respondesse antes de encerrar a ligação. Larguei o telefone no colo e cobri o rosto com as mãos, liberando a tristeza. Solucei pela vida que eu talvez não pudesse dar ao meu bebê, pela possibilidade de não estar presente se ele nascesse e pela família que eu queria tanto com Grant, mas temia que jamais pudesse ter. Chorei até secarem todas as lágrimas. Até eu não conseguir mais chorar. Então cobri a barriga com as mãos e fiquei ali sentada enquanto a brisa secava meu rosto molhado de lágrimas. Estava na hora de encontrar a força de que precisava para levar isso adiante. Dizer que eu não tinha medo de morrer era mentira. Eu estava apavorada, mas iria encarar as consequências se com isso o bebê dentro de mim pudesse viver. Esta vida era parte de mim e do homem que eu amava. O único homem que eu poderia amar.

Antes de conhecer Grant, eu não sabia o que era estar completamente apaixonada. Via casais e sonhava acordada com o dia em que um homem iria olhar para mim com devoção e adoração. Imaginava caminhar até o altar na direção de alguém que enxergasse e amasse apenas a mim. Um homem que me amasse apesar de toda a minha estranheza. Que amasse a mim e ao meu coração imperfeito. Por um momento, eu tive certeza de que o havia encontrado…

Meus pensamentos foram interrompidos pela caminhonete Dodge vermelha de Maryann. Ela vinha pela estrada de cascalho que levava da casa branca da fazenda até a casa de madeira de Mase. Fazia alguns dias que Maryann não passava por ali. Major estava sendo uma boa distração para ela. Eu sabia que minha próxima consulta se aproximava. Os médicos queriam me ver todas as semanas, já que a gravidez era considerada de alto risco. Mas eu não sabia ao certo para que dia ela havia marcado.

Em vez de ir almoçar na casa principal, eu havia passado os dois últimos dias ali. Sozinha. Eu me sentia segura sozinha. Também queria deixá-los à vontade para conversar sobre assuntos de família com Major. Sabia que ele não ficava confortável de falar sobre eles na minha frente. Eu não era da família dele. O único problema era que eu não tinha nada com que preencher meu tempo. Ficava entregue a meus pensamentos. Ler era algo que costumava me ajudar a fugir, mas eu não conseguia mais me concentrar na história.

Meus pensamentos eram sempre sobre Grant e o futuro.

A caminhonete parou, a porta de Maryann se abriu e suas pernas vestindo jeans apareceram quando ela saltou da cabine. Ela era uma beleza natural. Toda vaqueira que já imaginei se parecia com Maryann. Alta e magra, sempre usando jeans justos, botas e uma camisa xadrez de botão amarrada na cintura. O chapéu de vaqueiro na cabeça era o toque final. Não era nem um pouco feminino. Era sujo e usado.

Ela subiu os degraus da varanda e olhou para mim com a expressão preocupada de uma mãe. Uma mãe que eu nunca tive.

– Você está tentando me deixar preocupada, menina? – perguntou ela, me analisando atentamente.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, me desculpe. Eu só não tenho sentido fome. E preciso ficar sozinha.

Ela franziu ainda mais a testa.

– Você andou chorando, é o que me parece. Chorar não é bom para você, seu coração e esse bebê. Você precisa sair dessa. Se está chorando por causa daquele rapaz, ligue para ele. Fale com ele. Você precisa de toda a sua coragem e sua força de vontade se pretende fazer isso, menina. Não pode ficar deprimida, prestes a desistir.

Eu não havia pensando nisso. Mas falar com Grant significava que eu não poderia mais protegê-lo.

– Ele vai ficar apavorado. Estou tentando mantê-lo longe disso. O maior medo da vida dele é perder alguém que ele ame.

Maryann pôs as mãos na cintura e revirou os olhos.

– Você deve estar brincando comigo. Esse garoto é tão fracote que não consegue lidar com a vida? Se ele for um homem de verdade, vai se apresentar e ser a fortaleza de que você precisa agora. Se ele não conseguir fazer isso, não vale o seu tempo.

Ela não sabia quanto Grant havia ficado arrasado quando descobriu sobre meu coração. Ele era um homem maravilhoso, que havia confiado em mim. Eu havia escondido dele algo que o teria poupado de se ferir. Se tivesse simplesmente contado a ele sobre meu coração no dia em que ele apareceu no meu quarto com comida chinesa, ele jamais teria corrido este risco. Ele teria se protegido. Eu não teria conhecido o que era ser abraçada e tocada por ele, mas ele teria ficado bem. O coração dele teria ficado bem. Fui egoísta ao não permitir que ele escolhesse.

– Ele merece mais – eu disse a ela.

Era tudo o que eu podia dizer.

– Merece droga nenhuma. Se ele ganhou o seu amor, ele ganhou na loteria. Entendeu? É um homem de sorte. Nada mais importa. Você é uma mulher bonita, inteligente, carinhosa e pura que ilumina as pessoas ao seu redor.

Meus lábios se abriram em um sorriso.

– Obrigada.

Maryann me amava como uma mãe amaria. Quando eu era menina, ela foi uma excelente substituta, embora minha mente às vezes imaginasse como seria a vida em outras circunstâncias. Até bem pouco tempo, eu acreditava que minha mãe havia morrido em um acidente. Alguns meses atrás, descobri que ela estava viva em um hospital em Los Angeles, ainda que senil e incapaz de desempenhar as funções mais básicas. Quando a mídia descobriu o segredo, também me descobriu, e por isso meu rosto apareceu nas telas de TV de todos os Estados Unidos.

Ela se aproximou e sentou no balanço ao meu lado.

– Não me agradeça por ser sincera. Estou apenas dizendo o que acho.

Eu costumava me perguntar como alguém como Maryann pôde se envolver com meu pai. Ela era tão real. Tão cheia de vida e tão inteligente. Fazia sentido ela ter ficado com o homem com quem passou a maior parte da vida. Eles combinavam. Mas Maryann e Kiro eram um casal difícil de imaginar.

– Você é durona, você é forte. Sempre foi. Mesmo quando bebê, você era muito determinada.

Kiro a adorava, mas agora você sabe que também idolatrava sua mãe. Ela era a luz dele. Ela encontrou dentro dele o homem que ninguém mais havia conhecido e o mostrou para o mundo. Vê-lo com ela me maravilhava. Eu não conseguia odiá-la. Na verdade, eu a admirava. Ela era uma alma muito doce, exatamente como você. Eu vejo muito dela em você. Seu pai também.

Ela parou e apertou meu joelho.

– Se quer este bebê, eu acredito que você pode tê-lo. Acredito que você é forte o bastante. Eu vi esta força ao longo da sua vida, e acho que você consegue, mas precisa abraçar isso. Não deixe a dor e o medo a controlarem, ou você perderá.

Pensei um pouco no que ela disse e me dei conta de que tinha razão. Estava na hora de ser forte. Meu bebê precisava disso. E eu precisava ser forte por todos nós.

Grant

"Esta é a 57ª mensagem. Cinquenta e sete dias. Estou aqui sentado olhando fixamente para o golfo, como costumava fazer com você. Nada é a mesma coisa sem você aqui. Não consigo nem chegar perto do bar na cozinha. Lembrar o que fizemos lá é difícil demais. Tudo me lembra você. Se eu pudesse ouvir sua voz esta noite, Harlow, se eu pudesse ao menos ouvir você me dizer que está bem… eu ficaria melhor. Eu seria capaz de respirar fundo. Então eu imploraria. Imploraria que você me amasse. Imploraria que você me perdoasse. Eu não posso…"

Piiii.

Fiquei parado na varanda olhando para o mar enquanto a caixa postal me cortava e depois desliguei. Olhar para as ondas arrebentando na praia costumava me reconfortar. Agora elas me lembravam do medo que tinha dado início a tudo isso. O medo que me fez dizer a Harlow coisas que ela não merecia ouvir.

Perder Jace havia me marcado mais profundamente do que eu imaginava. Vivemos sem jamais pensar que quando nos afastamos de um amigo, de alguém que amamos, podemos nunca mais vê-lo novamente. Morte por afogamento no golfo era a última forma como eu esperava perder um amigo próximo. Foi inesperado e trágico e mudou tudo para mim.

Eu queria me proteger desse tipo de dor no futuro. Prosseguir e viver normalmente depois daquilo era impossível. Bethy, a namorada de Jace, era a prova disso. Ela parecia um fantasma agora. Nunca sorria e quase não falava. O brilho alegre havia desaparecido dos olhos dela. Eu detestava ficar perto dela. Detestava ser lembrado do que poderia acontecer a todos nós. Ela não estava vivendo sem Jace – ela estava apenas sobrevivendo.

Deixei a mão que segurava o telefone cair ao lado do corpo, então a enfiei no bolso do jeans e me virei para entrar. Afastei-me da água que havia mudado tudo em minha vida, que havia mudado a vida de todos os amigos próximos de Jace. Nenhum de nós jamais voltaria a ser o mesmo. Mas sabia que não podia proteger a mim mesmo desse tipo de dor. Porque, como Bethy, agora eu estava apenas sobrevivendo. Sem Harlow por perto, eu não tinha motivo para sorrir. A dor era grande demais. Tentar não amá-la era impossível, isso me destruía, me derrubava.

Meu telefone começou a tocar e eu o tirei rapidamente do bolso. Toda vez que tocava, meu coração começava a bater com a esperança de que fosse Harlow. O nome de Rush apareceu na tela. Por mais que quisesse tacar meu telefone na parede de frustração, ele ainda era meu único elo com Harlow.

– Sim – atendi, fechando a porta e indo até meu quarto.

– Preciso da sua ajuda. Me encontre no clube o mais rápido possível. Estou a caminho agora.

Eu não iria ao clube. Estava na hora de começar a me ajeitar para dormir, e eu não queria ver ninguém.

– Por quê? Estou exausto.

Rush resmungou um palavrão.

– Levante a bunda daí e vá para o clube. Tripp apareceu, e pelo visto Bethy estava no bar bebendo e agora está berrando com ele e dizendo um monte de maluquices. Blaire queria ir, mas Nate não está muito bem e quer ficar com a mãe. Eu disse a ela que você e eu iríamos ver o que

estava acontecendo e traríamos Bethy aqui para casa.

Bethy e Tripp? Isso nem sequer fazia sentido. Por que Bethy estaria gritando com Tripp? Jace adorava o primo. Sempre adorou. Eu não conseguia imaginar um motivo pelo qual Bethy poderia estar com raiva dele.

– Está bem. Certo, vejo você daqui a pouco.

– É bom mesmo – respondeu Rush, encerrando a ligação.

Ninguém havia visto Bethy fazer muito mais do que mover-se silenciosamente pela vida desde a morte de Jace. Mas agora ela estava bebendo no clube. Isso também não fazia sentido. Ela trabalhava lá cuidando do carrinho de bebidas. Por que estava bêbada? A tia dela ia despedi-la sem piscar se descobrisse. Não que a demissão fosse adiante. Blaire ficaria chateada e pediria a Rush, que era um dos diretores, que fizesse alguma coisa a respeito. Della também não ficaria feliz e, considerando que seu namorado, Woods, era dono do lugar – e fazia tudo o que pudesse para deixá-la feliz –, ele também tomaria uma atitude a respeito. Ainda assim. O que ela estava pensando?

Peguei as chaves da caminhonete e segui em direção à porta para falar com Bethy.
Ouvi Bethy berrando no instante em que desci da caminhonete, mas não consegui descobrir de onde vinha o som. Estava alto demais para estar vindo de dentro, o que significava que alguém devia ter levado Bethy até o estacionamento. Fechei a porta da caminhonete e segui o som. Perto da entrada dos funcionários, vi Rush segurando os braços de Bethy para baixo e falando com ela. Tripp estava ali parado, passando as mãos pelos cabelos sem saber o que fazer. Woods falava baixinho com ele e Tripp apenas balançava a cabeça em resposta.

– Volte para casa comigo. Blaire quer que você vá para lá. Você precisa dela agora. Também precisa ficar sóbria. Tripp não fez nada com você, Bethy. Você ainda está de luto, e ele foi a pessoa mais próxima que você encontrou para descontar isso. – A voz de Rush era gentil, mas firme.

– Você não sabe merda nenhuma, Rush! Mer-da-ne-nhu-ma! – Bethy falou com a voz arrastada, empurrando o peito de Rush. – Ninguém sabe! Mas ele sabe! – gritou ela, apontando Tripp. – Ele acabou comigo! Ele me destruiu. Eu não era boa o bastante. Nunca fui boa o bastante! É tudo culpa dele. Ele voltou. Por que você voltou, hein? Estava tentando me magoar? Pois conseguiu! *Você* é o motivo da minha vida ser o inferno sobre a terra!

Ela estava tremendo.

– Onde está Della? – perguntei, chamando a atenção de todos para mim. – Bethy precisa de uma amiga. Nós só vamos deixá-la mais chateada assim.

Woods não parecia querer Della por perto. Ele precisava parar de protegê-la como se fosse de cristal. Ela era forte e saudável. Ele não sabia o que era frágil. Ele não fazia ideia.

– Ela está dormindo. Acordou às cinco da manhã – disse Woods em uma voz dura que significava que ele não iria ligar para ela.

– Preciso ir embora. Ela fica perturbada ao me ver. Achei que pudesse conversar com ela, mas ela não está pronta. Ainda não – disse Tripp.

O sofrimento na voz dele era tão evidente que doía. Ele possivelmente estava sofrendo tanto quanto Bethy pela morte de Jace. Por que ela não aceitava a ajuda dele?

– Perturbada? Você acha que eu estou perturbada? Perturbada eu estava há cinco anos! Agora eu estou… perdida.

Ela disse a última palavra quase num sussurro. Então se encolheu no chão, passou os braços ao redor das pernas e começou a soluçar tão forte que todo o seu corpo sacudia violentamente.

– Precisamos fazer alguma coisa. Blaire vai saber o que dizer. Blaire deveria ter vindo. Eu só piorei tudo – disse Rush, olhando para mim. Então voltou a atenção para Tripp e o encarou por um instante. – Você sabe por que ela odeia você, não sabe? – perguntou, em seu tom simples, direto ao ponto.

Tripp não respondeu.

– *Sim!* Ele sabe! – disse ela, aos prantos. – Ele sabe. Mas Jace nunca soube.

Os gritos embriagados de Bethy não faziam sentido para mim.

Detestei assistir àquela cena. Detestei saber que, meses depois da morte de Jace, Bethy ainda era uma alma incompleta, vazia. Passei por trás de Rush e me abaixei ao nível dos olhos de Bethy.

– Vou pegar você no colo e levá-la até o carro de Rush. Ele vai levá-la até Blaire e você vai deixar que ela cuide de você. Ela vai estar lá para escutar. Você pode confiar nela. Ela ama você. Agora, ponha seus braços ao redor dos meus ombros.

Ela me encarou com os olhos tristes e vermelhos por alguns segundos antes de passar o braço em meu pescoço. Firmei um dos braços nas costas dela, deslizei o outro sob suas pernas e me levantei segurando-a.

– Onde você estacionou? – perguntei a Rush.

– Logo ali, do lado do carro de Woods – respondeu ele.

Olhei uma última vez para Tripp, que estava encarando Bethy com um olhar desesperançado que eu compreendia bem demais. O que não fazia sentido era por que Tripp estava olhando para Bethy como se ele fosse capaz de qualquer coisa para acabar com a dor dela. Os dois realmente se conheciam?

Harlow

– Está tudo bem, linda? – perguntou Major ao sentar ao meu lado sobre o fardo de feno de onde eu observava Mase trabalhar.

Olhei para Major e sorri, embora não estivesse realmente com vontade de sorrir.

– Sim, e com você? – respondi, porque era a coisa educada a se fazer.

Eu não estava a fim de conversar com ele nem com ninguém. Não hoje. Eu tinha ido à minha consulta médica semanal. Ver todas as grávidas e seus maridos carinhosos na sala de espera foi difícil e fiz o possível para não desmoronar. Eu sentia falta de Grant.

– Você não parece muito bem. Na verdade, parece que alguém matou seu bichinho de estimação – disse ele num tom provocador.

Eu tinha certeza de que Maryann e Mase não haviam contado nada a Major. Eu confiava em Major porque ele amava a família, e eu era uma extensão dela, mas eu detestava a ideia de que outras pessoas soubessem antes de Grant. Até que eu mesma contasse a Grant sobre nosso filho, não queria mais ninguém sabendo.

– Só estou tendo um daqueles dias – respondi, esperando que isso o calasse.

– Ahn – disse ele, então olhou para Mase, que estava montado em um dos cavalos. – Pelo que eu soube, você estava em uma história séria com Grant Carter, o ex-irmão postiço de Rush Finlay. Mas estou aqui há duas semanas e não vi o cara que derrubou três repórteres para levar você até o Range Rover de Rush e afastá-la do olhar do público. Sabe, aquele vídeo já teve um milhão de visualizações. O sujeito parecia furioso e pronto para enfrentar um exército inteiro por você. Estou curioso para saber por onde ele anda agora.

Eu também tinha visto esse vídeo. Várias vezes. Estava no YouTube, e eu assistia a ele com frequência. Não porque foi o momento em que eu deixei Grant, mas porque Major estava certo. Grant parecia determinado e furioso. Ele gritou com os repórteres e simplesmente abriu caminho através deles para me levar da porta da frente da casa dele até o carro de Rush. Mas a parte que eu não conseguia esquecer era a expressão no rosto dele, captada tão bem pelas câmeras, na hora em que eu fui embora. Ele se arrependeu das últimas palavras que havia me falado. A dor nos olhos dele era evidente, e eu ficava com o coração partido e ao mesmo tempo restaurado toda vez que via aquelas imagens. Ele não havia falado sinceramente. Estava assustado.

– Ele não sabe onde estou – admiti antes de conseguir me conter.

– Sério? Como assim? Você está se escondendo dele também?

Major estava sendo inconveniente, e talvez eu devesse ter dito para ele cuidar da própria vida, mas não disse. Eu queria falar sobre Grant com alguém. Tinha que falar.

– A gente precisava de espaço. Ele ficou com medo da minha doença cardíaca. Ele não quer me perder – expliquei vagamente.

Major não disse nada. Em vez disso, pegou um pedaço de feno e colocou na boca. Com o chapéu de vaqueiro de Mase enfiado na cabeça e os jeans desbotados, Major parecia pertencer ao Texas. Não parecia um viajante do mundo. Eu sabia que ele falava três línguas fluentemente.

– Ele não está tentando encontrar você? Ou ligar para você?

Toda semana, eu precisava apagar mensagens de voz para elas não encherem minha caixa postal.

Eu não conseguia ouvir a voz dele, mas também não queria que ele não conseguisse me deixar mensagens.

– Não, ele liga todas as noites. Ele vem tentando me encontrar.

Major tirou o pedaço de feno da boca e franziu a testa.

– Então por que você está aqui sentada parecendo tão triste?

Porque eu sentia falta de Grant. Eu queria atender as ligações. Só estava muito assustada.

– Tenho meus motivos – respondi.

– Você tem seus motivos, é? Tudo bem, então. Só espero que esses motivos valham a pena – replicou. – Não conheço nenhuma garota que me faria deixar mensagens diariamente para ela sem resposta por dois meses. Eu acabaria desistindo e seguindo em frente.

Se Grant desistisse, o que eu faria? Eu não queria que ele desistisse. Mas eu não estava sendo justa com ele. Eu odiava isso. Odiava ter que magoá-lo. Mas, se ele soubesse de tudo, apenas ficaria ainda mais magoado.

– Pare de dar em cima da minha irmã e mexa esse traseiro até aqui – gritou Mase da cerca.

Major deu uma risada.

– Ele é um pouco superprotetor, não é? – comentou.

– Você não faz ideia.

Major sorriu, então se levantou e caminhou com passos largos até Mase como se não tivesse uma única preocupação no mundo.

Grant

"Mensagem de número 59. Quase dois meses. Eu nunca me senti tão vazio na vida. Você levou a minha alma com você. Levou o meu coração. Eu sou uma casca vazia que passa pelos dias automaticamente, esperando você me ligar. Esperando você atender as minhas ligações. Nunca imaginei uma vida assim, mas, sem você, eu não consigo imaginar a vida. Você é a minha vida. Você é o que estava faltando na minha vida. Eu estava procurando desesperadamente alguma coisa que me fizesse me sentir inteiro. Encontrei isso em você. Você iluminou meu mundo e fez tudo parecer tão claro e empolgante. Mas agora você não está mais aqui, e eu estou em um lugar escuro, esperando. Preciso ouvir você. Tocar em você…"

Piiii.

O fim de outra mensagem de voz. Era o momento mais temido do meu dia. A escuridão na minha vida era tão espessa que estava tomando conta de tudo. Eu não conseguia enxergar além dela. Aquela caixa postal era tudo o que eu tinha para me levar de um dia para o outro, porque, por três segundos, a voz de Harlow estava lá, me dizendo para deixar uma mensagem. Eu amava aquela voz. Eu amava aqueles três segundos.

Alguém bateu na porta e em seguida tocou a campainha. Olhei para o telefone. Passava das dez. Ninguém além de Rush apareceria na minha casa a essa hora, e ele tinha uma chave. Atirei as cobertas para o lado, peguei a calça de moletom jogada no chão e a vesti enquanto saía do quarto e ia na direção da porta.

Chutei as botas de trabalho do caminho e ignorei a lama que havia começado a acumular onde eu as deixava todos os dias. Eu simplesmente não me importava. A minha cozinha também não estava em bom estado.

Abri a porta e encontrei Woods parado do outro lado. Woods Kerrington não era alguém que eu esperava ver às dez e meia da noite. Ele tinha uma noiva em casa com quem deveria estar agarrado. Raramente ficava longe de Della quando não estava trabalhando.

– Cheguei aqui antes de Rush. Era de imaginar. Me deixe entrar – disse Woods, entrando e olhando a lama seca no meu piso. – Eu entendo que você esteja deprimido, mas arranje uma faxineira. – E seguiu para a minha sala de estar.

Ia perguntar que diabo ele estava fazendo quando luzes de faróis chamaram a minha atenção, e eu vi o Range Rover de Rush parar e estacionar. O que está acontecendo?

– Você tem cerveja Corona? Ou só essa merda de Bud Light? – A voz de Woods veio da minha cozinha.

Eu não ia responder àquela pergunta. Proprietário de clube arrogante.

Rush subiu a escada na minha direção. Eu o observei atentamente. Se estavam planejando me levar à força para algum lugar, eu ia socar os dois. Eu precisava de uma boa briga. De alguma forma de liberar a dor.

– Relaxe, eu não estou aqui para dar conselhos você. Abra os punhos e me deixe entrar. Tem uma coisa que você precisa saber – disse Rush, parando na minha frente.

– Por que o Woods está aqui? – perguntei, sem saber se acreditava nele.

Rush suspirou e alisou o queixo. Ele estava nervoso. Merda. O que ele precisava me contar?

– Achei que a gente poderia precisar de algum apoio. O que vou contar não é algo que você queira ouvir. Mas você precisa saber. Então, eu pedi que ele viesse para o caso de você reagir mal.

– Harlow está bem? – perguntei, agarrando o braço de Rush enquanto ele entrava no apartamento.

O pânico que de imediato tomou conta de mim me deixou com a maior sensação de impotência da minha vida.

– Ela está bem. Me solte e se acalme. Vamos para a sala – disse Rush, e olhou para a minha mão no braço dele.

Eu o soltei, e ele passou por mim. Se Harlow estava bem, eu não sabia como qualquer outra coisa podia me chatear. Ela era a única coisa que importava para mim. Eu não ligava para mais nada ou mais ninguém. Rush sabia disso, então a declaração de que Harlow estava bem não ajudou muito a me acalmar.

Fui atrás dele e encontrei Woods no meu sofá com uma cerveja na mão e uma perna sobre o pufe, olhando para mim. Ele olhou para Rush e de novo para mim. Não parecia saber do que se tratava. A expressão de curiosidade no rosto dele era bem diferente da preocupação que Rush exibia.

– Obrigado por me encontrar aqui – disse Rush, e Woods assentiu.

– Sem problema. Pareceu importante – respondeu Woods.

– Me diga que merda está acontecendo – exigi, sem querer esperar mais.

Eu não ia me acalmar, e certamente não ia me sentar.

Rush se virou para mim.

– Provavelmente é melhor se sentar – disse.

– Não – disparei.

– Imaginei, mas achei melhor tentar – respondeu ele, sem fazer menção de se sentar. – Mase me ligou há duas horas – começou, passando a mão pelos cabelos, um hábito de quando estava nervoso.

– Ela está com Mase? – perguntei, olhando ao redor para ver onde havia deixado minhas chaves quando cheguei do trabalho.

Se ela estava no Texas, eu pegaria o próximo voo para lá.

– Grant. Não. Pare. Me escute – disse Rush em um tom firme.

Voltei a olhar para ele.

– Se ela está no Texas, eu vou para a merda do Texas! Você não pode me impedir. A polícia não pode me impedir. NINGUÉM PODE ME IMPEDIR! – rugi.

– Você precisa ouvir o que eu tenho a dizer primeiro. É importante.

O tom de Rush agora era autoritário. Acontece que eu não dava a mínima para isso. Eu iria atrás de Harlow.

– Ela mesma vai me contar o que está acontecendo. Eu vou para o Texas – disse com determinação suficiente para ele saber que eu estava falando sério.

Eu precisava ir até ela.

– Há algumas coisas que você precisa saber – disse ele, falando mais alto do que eu.

– Só preciso saber onde ela está. Só isso, merda! – rosnei.

Ele estava me fazendo perder tempo. Eu tinha que pegar minhas chaves e sair dali.

– Ah, pelo amor de Deus! Eu não queria simplesmente vir aqui e jogar isso em cima de você, mas você é tão teimoso! – gritou Rush quando dei as costas para ele. – Ela está grávida. Harlow está grávida, e não quer fazer um aborto, e dar à luz pode…

Ele não terminou. Não precisava. Eu sabia o final da frase. Senti os joelhos cederem e agarrei as costas da cadeira na minha frente enquanto um terror absoluto espremia meus pulmões e meu coração até eu não conseguir mais respirar.

Harlow não podia estar grávida. Não podia. Ah, meu Deus, não. Eu não podia perdê-la. Precisava que ela vivesse. Mesmo que não falasse comigo, eu precisava dela viva neste planeta.

– Mase está preocupado. Ela está decidida a ter esse filho. Mase disse que ela se recusa a contar para você porque sabe que não vai concordar com ela. Vai querer que ela faça um aborto. Ela não está disposta a considerar essa possibilidade.

– Não. Ela não pode fazer isso. Eu não posso perdê-la – falei, balançando a cabeça, recusando-me a aceitar.

Precisava ir para o Texas. Peguei as chaves e segui para a porta.

– Aonde você está indo? – perguntou Rush.

– Texas.

– Eu não disse que ela está lá. Eu falei que havia conversado com Mase – explicou Rush, vindo atrás de mim.

– Então onde ela está? Eu não vou perdê-la. Ela não pode fazer isso. – Eu estava gritando tão alto que Rush recuou.

– Você precisa de um plano – disse Rush, agarrando meu braço com força. – Mase me contou outras coisas. Se você sentar e se acalmar, posso contar tudo. Estar preparado é a única maneira de chegar até ela.

Ele tinha razão. Eu odiava esperar. Odiava não poder ir até ela, mas ele tinha razão. Eu precisava estar equilibrado. Se pretendia salvá-la, precisava estar pronto quando a encontrasse. Ir atrás dela em um pânico desesperado apenas a faria fugir para outro lugar.

– Ela está se sentindo bem? Ele falou se ela está com saúde? Ela está doente? – perguntei.

– Ela está bem. Mase fica de olho nela. Apesar de sentir sua falta, ela está bem.

Ela sentia a minha falta? Tudo o que precisava fazer era me ligar. Eu estaria lá. Por outro lado, por que ela confiaria em mim depois do que eu havia feito para ela? O ódio que eu sentia por mim mesmo cresceu e se transformou em uma terrível bola de fúria. Eu poderia estar com ela agora se tivesse lidado direito com a situação. Se eu não tivesse sido tão egoísta e medroso, ela agora não estaria enfrentando a situação sozinha.

– Eu ligo… eu ligo todos os dias, caramba. Tudo o que ela precisa fazer é atender.

Rush deu um tapinha nas minhas costas.

– Ela também está assustada. Só que está assustada por motivos diferentes.

Como ela pode pensar nisso? O coração dela… ela é tão frágil.

– Eu não entendo por que ela faria isso. Ela sabe que não pode.

Rush afundou na poltrona de couro perto dele e soltou um suspiro cansado.

– O bebê é real para ela. Está dentro dela. Ela já tem uma ligação com ele. É uma coisa de mãe. Não posso dizer que sei como você se sente, porque, no instante em que soube que Blaire estava grávida, eu desejei aquele bebê. Era o nosso bebê. Era uma parte de nós. Mas Blaire estava ligada a Nate, mesmo naquele momento. Não acho que senti exatamente o que ela sentiu até o colocarem nos meus braços. E… – Rush fez uma pausa, balançou a cabeça e olhou diretamente para mim. – Eu jamais poderia escolher entre Nate e Blaire. Agora que o tenho, eu não conseguiria compreender não tê-lo. Abrir mão dele. E, se Harlow já sente até mesmo uma pequena parte disso, eu entendo. Eu

compreendo totalmente.

A situação dele havia sido diferente. Completamente diferente. Ele nunca precisou encarar a possibilidade de Blaire morrer. Meu Deus! Eu não conseguia sequer pensar nisso. Doía demais.

– Você – eu disse, apontando para ele. – Você não faz ideia de como me sinto. Você nunca encarou a possibilidade de perder Blaire. De ela… – Não consegui dizer em voz alta. Aquilo me destruiria.

– Você tem razão. Isso não aconteceu. Eu sei que, se Blaire estivesse na mesma situação, eu preferiria que ela fizesse um aborto. Eu não iria querer que ela arriscasse a própria vida. Ela é o meu mundo. Mas agora… eu não consigo imaginar um mundo sem Nate. Ele… – Rush parou e respirou fundo. – Nate completa meu mundo.

Isso não importava. Eu jamais seguraria essa criança nos braços, porque nada era mais importante do que a vida de Harlow. O coração dela continuaria batendo. Eu garantiria isso.

– Você está dizendo que eu preciso escolher. Bem, eu escolho Harlow.

Rush assentiu.

– Eu sei. Mas ela escolheu o bebê. Ela já tem essa conexão. Eu entendo a necessidade feroz que ela tem de proteger o bebê dela… o bebê de *vocês*.

Balançando a cabeça, eu me afastei dele. E me afastei de Woods, que continuava em silêncio no sofá. A vontade de atirar objetos e amaldiçoar o mundo estava batendo no meu peito, querendo sair. Mas eu não podia fazer isso. Focar em Harlow e salvá-la eram minhas prioridades – não liberar minha raiva.

– Eu não permitiria que Della fizesse isso também – disse Woods afinal. Eu me virei para ele. – Não a deixaria sacrificar a própria vida. Não sou nada sem ela. Eu entendo. Você precisa salvá-la.

Woods jamais estaria na minha posição, mas pelo menos ele compreendia. Eu não era um monstro por querer que Harlow abortasse meu filho. O corpo dela não conseguiria suportar. Ela não era feita para dar à luz. Era culpa minha. Eu não havia tomado cuidado suficiente.

– Não estou dizendo que não compreendo. Só estou dizendo que também compreendo Harlow. O amor que temos por um filho é intenso. Vá com calma com ela. Não a force a nada. Se fizer isso, ela vai fugir e você não vai poder salvá-la – disse Rush, levantando-se em seguida. – Mase tem uma casa nos fundos da fazenda dos pais dele. Fica fora da estrada, e você precisa passar pelo portão de entrada da fazenda para chegar lá. É onde ela está. É onde ela esteve escondida esse tempo todo. Eu consegui guardar o segredo até Mase me ligar hoje e contar sobre a gravidez. Falei com Blaire, e ela me disse que estava na hora de eu contar a você. Mase quer que você vá falar com ela. Ele não consegue convencê-la a desistir da gravidez e precisa de sua ajuda. Também disse que ela perdeu peso e nunca sorri. Ela sente sua falta, mas se afastou para proteger você. Ela não quer que você tente impedi-la.

Rush fez uma pausa, olhou para Woods e se voltou novamente para mim.

– E ela não quer que você tenha medo.

Meu medo de perdê-la. Ela estava me protegendo da possibilidade de meu pesadelo se tornar realidade.

– Eu vou para o Texas esta noite. Não posso ficar longe dela mais um instante.

Rush balançou a cabeça.

– Eu sei. Já havia imaginado isso. Tenho um avião particular esperando por você no aeroporto. Apenas seja inteligente. Saiba que ela defenderá essa criança acima de qualquer outra coisa. Seja

sensível, porque agir como se aquela vida dentro dela não significasse nada para você irá feri-la. É uma parte de você que ela está carregando. Isso faz com que ela ame esse filho ainda mais.

Harlow

Meus olhos abriram de repente, e eu levei um instante para descobrir por que estava acordada antes do sol nascer. Vozes graves vindas do lado de fora me despertaram dos meus pensamentos sonolentos, e eu me sentei na cama e tentei escutar. Peguei o telefone e vi que eram pouco mais de três da manhã. Saltei da grande cama de dossel e vesti o robe antes de me dirigir para a porta da frente, seguindo as vozes.

Olhei para a porta do quarto de Mase, vi que ela estava aberta e a luz estava acesa. Uma das vozes do lado de fora era de Mase. Se o pai dele ou Major estavam ali naquele horário, havia alguma coisa errada na fazenda. Fechei o robe com o cinto acetinado e vesti um par de pantufas que havia deixado ao lado da porta do quarto na noite anterior ao entrar depois de ficar no balanço na varanda da frente.

Estava difícil enxergar alguma coisa na escuridão da escada que dava na varanda. As vozes vinham da direita. Comecei a caminhar em direção a elas, mas parei no primeiro degrau quando ouvi a voz de Grant.

– Eu quero vê-la agora. Apenas me deixe entrar. Não vou incomodá-la, só quero vê-la dormir. Juro. Eu imploro, por favor, deixe-me vê-la.

O desespero em sua voz era mais do que eu podia suportar. Eu havia ignorado os telefonemas e ficado afastada dele por quase dois meses.

– Ela não merece ser surpreendida assim. Ela está frágil agora, e…

– Eu sei que ela está frágil. *Meu Deus!* Você acha que eu faria alguma coisa para machucá-la? Eu prefiro me atirar de um precipício, Mase. Eu a magoei uma vez e, juro por Deus, nunca mais farei isso. Apenas me deixe entrar. Deixe-me vê-la. Por favor, eu preciso ficar perto dela.

Houve uma pausa. Embora estivesse escuro, pude ver os olhos de Grant quando eles me encontraram. Ele passou por Mase e começou a caminhar na minha direção. Havia determinação em seus olhos, mas também muita dor. Eu tinha provocado aquela dor. Claro, ele havia me magoado, mas fez de tudo para entrar em contato comigo, para tentar me encontrar. Ele não me deixara ir embora simplesmente.

– Harlow.

Ele disse meu nome em um tom tão reverente que senti os joelhos tremerem e o corpo enfraquecer.

Eu sentia alívio. Um alívio pelo qual não esperava. Ele estava ali, e eu não ia conseguir mais afastá-lo. Eu estava aliviada porque precisava dele. Mais do que de qualquer outra pessoa neste planeta, eu precisava dele.

– Você veio – eu disse simplesmente.

Ele subiu os degraus de dois em dois até parar na minha frente.

– Eu teria vindo ante se soubesse onde você estava. Eu procurei por você. Eu liguei.

Ele parou, procurando respostas no meu rosto. Eu teria de dizer a ele, e ele iria embora quando compreendesse tudo. Mas, naquele momento, eu precisava dele. Não estava pronta para contar a ele sobre o bebê e mandá-lo embora com medo.

– Nós vamos para o meu quarto, Mase – eu disse ao meu irmão, e me afastei de Grant para ver

Mase, que nos observava discretamente do último degrau.

Ele assentiu em silêncio e permaneceu onde estava. Virando de novo para Grant, segurei a mão dele e o levei para o meu quarto. Eu sentira falta dele e estava completamente emocionada. Não confiava em mim mesma para dizer ou fazer a coisa certa. Eu apenas o queria perto de mim. Com os braços dele ao meu redor, eu ia sentir que tudo estava bem.

Grant andava tão perto de mim que seu corpo roçava no meu no caminho até o quarto. Ele fechou a porta atrás de nós e me abraçou com força. Simplesmente ficamos ali no escuro. Passei os braços na cintura dele e deitei a cabeça em seu peito. Tê-lo comigo de novo me dava uma força inesperada. Meu coração sempre fora fraco, mas amar Grant o tornara forte.

Os lábios dele tocaram o topo da minha cabeça.

– Eu amo você. Eu amo tanto você – sussurrou ele no silêncio.

A plenitude que senti ao ouvir aquelas palavras parecia que ia me fazer explodir. Eu tinha o amor daquele homem. No fundo, eu sabia que ele me amava, mas ouvi-lo dizer isso depois de tudo o que eu o havia feito passar tornava tudo real.

– Eu também amo você – eu disse a ele, então levantei a cabeça e o encarei.

A emoção naqueles olhos profundos me fez balançar.

– Você precisa dormir. Podemos conversar de manhã, mas, agora, você precisa descansar, e eu não quero nada além de abraçá-la enquanto você dorme – disse ele, então deu um beijo na minha testa, como se eu fosse uma flor delicada que ele não queria estragar.

Eu não queria dormir. Havia muita coisa que eu queria fazer, mas dormir não era uma delas.

– Eu estou acordada agora – disse a ele.

Ele segurou meu rosto com uma das mãos e deslizou o polegar pela minha bochecha.

– Você deveria estar dormindo. Eu acordei você. Precisa dormir antes de conversarmos. Eu também preciso dormir.

Ele me pegou no colo, me levou até a cama e me deitou nela antes de arrancar a camisa. Observei maravilhada seu peito lindo se revelar. Ele tirou os sapatos, começou a desabotoar a calça jeans e parou. Eu estava tão concentrada em vê-lo se despir que, quando ele se deteve, ergui os olhos para encará-lo.

Em vez de desejo, eu vi dor. Não entendi.

– Acho que vou parar por aqui. Nós precisamos dormir – disse ele, deitando-se na cama e puxando-me gentilmente na direção de seu peito.

Ele me abraçou.

– Quase tenho medo de fechar os olhos – admiti.

– Por quê? – perguntou ele, e percebi que ficou tenso.

Afastei a cabeça do ombro dele para ver seu rosto.

– Porque tenho medo de isto ser um sonho. Eu vou acordar e você não vai estar aqui – confessei, levantando a mão e tocando seu rosto para lembrar a mim mesma que ele era real e estava ali.

– Se você acordar e isto for um sonho, ligue para mim. Eu virei correndo. Juro – falou Grant, segurando minha mão e dando um beijo na palma. – Tudo o que você precisa fazer é me ligar. Eu largo o que for para estar com você.

Grant

Eu estava acordado fazia mais de uma hora, mas, como Harlow ainda dormia tranquilamente, não me mexi. Ela precisava dormir. O corpo dela precisava de todo descanso possível antes que eu a fizesse analisar a situação racionalmente. Olhei para ela enroscada ao meu lado e percebi sua mão descansando protetoramente sobre a barriga. Mesmo no sono, ela defendia a vida dentro dela.

Um aperto dentro de mim ao pensar na ideia de um bebê, meu bebê, me assustou. Eu não esperava sentir qualquer coisa pela vida que poderia tirar Harlow de mim. Mas eu sentia. Eu sentia alguma coisa. Não era o suficiente para arriscar a vida de Harlow, mas experimentei uma profunda sensação de perda quando pensei no que precisávamos fazer. Não consegui fingir que o sentimento não estava ali. Eu lamentaria a perda do bebê, mas seria capaz de seguir em frente porque teria Harlow.

Meu foco principal era convencê-la que salvar a si mesma era o mais importante. Isso e mantê-la descansada, com o corpo saudável. Eu apenas não sabia ainda qual seria a dificuldade de conseguir a primeira parte. Pelo jeito como Rush falou, não seria fácil.

O cheiro do café invadiu o quarto, e eu ouvi Mase andando pela pequena casa. Queria que ele saísse – que fosse fazer outra coisa e nos deixasse a sós. Eu não queria a interferência dele. Aquilo era entre mim e Harlow. O irmão havia tomado conta dela enquanto eu não pude, mas agora eu tinha chegado e estava na hora de Mase sair de cena.

– Bom dia. – A voz sonolenta de Harlow atraiu meu olhar para seu rosto.

Seus olhos grandes e lindos pareciam felizes naquela manhã. Ela me queria ali. Tentou me manter afastado, mas me queria ali. Aquela era toda a prova de que eu precisava.

– Bom dia, meu doce – respondi, beijando seus lábios macios.

Fui gentil e não fui além daquele beijo. Precisávamos conversar primeiro. Saboreá-la precisaria esperar. Não sabia se conseguiria continuar focado se me permitisse ir adiante naquele momento.

– Não foi um sonho – sussurrou ela.

– Não. Foi real. Estou aqui – garanti a ela.

E não iria embora sem ela.

Ela começou a traçar pequenas formas na minha barriga com a ponta do dedo. Fiquei observando aquela mão pequena. Harlow franziu o cenho. Ela estava pensando. Eu sabia sobre o quê. Ela não tinha certeza do que fazer agora que eu estava ali.

Ela precisava saber que eu não iria deixá-la. Ficar preocupada e nervosa não lhe faria bem. Segurei a mão dela e a apertei. Eu tinha que ir com calma, precisava escolher as palavras com cautela.

– Eu não posso perder você. Isso me destruiria. Você me levaria junto. Eu não conseguirei viver se você não viver.

Silenciei e lutei contra o terror que essa ideia me trouxe. Eu a afastei da mente, recusava-me a aceitá-la.

– Eu quero que você seja feliz, mas quero você viva. Eu lhe darei qualquer coisa. Basta pedir. Mas não posso sacrificar você. A sua vida não é algo que eu esteja disposto a arriscar.

Ela ficou paralisada nos meus braços, tão imóvel que eu não sentia sua respiração. Não havia lhe ocorrido que eu já poderia saber do seu segredo. Se ela pensasse em fugir de mim, eu iria atrás dela.

– Você entrou na minha vida. Mudou o meu mundo. Fez eu me dar conta de que sou capaz de amar completamente. Você é minha cara-metade. É tudo para mim. Este é o meu amor épico, e eu não posso perdê-lo.

Harlow soltou um suspiro trêmulo e enterrou o rosto no meu peito. Segurei sua nuca e acariciei suavemente suas costas enquanto ela respirava profundamente. Desistir dela era algo que eu jamais iria fazer. Ela apenas precisava entender que eu a adorava e necessitava dela.

– Quando você aprendeu a falar assim? Você precisa me preparar antes de falar essas coisas – disse ela ao levantar a cabeça para olhar para mim.

Os olhos vermelhos e marejados me fizeram querer abraçá-la e afastá-la de qualquer coisa que pudesse feri-la.

– É verdade – garanti a ela.

Ela fechou os olhos e soltou um suspiro longo e irregular.

– Durante toda a minha vida, eu sonhei em ter alguém que me amasse como você me ama. Mas, nesse sonho, eu imaginava uma família. Do tipo que eu não tive quando menina. Um marido que amasse a mim e a nossos filhos, porque eu sempre quis ter filhos. Eu vi Rush segurando Nate no colo, e a alegria nos olhos dele é algo que eu sempre quis para mim. Eu nunca pensei que viria a sentir nada parecido. Mas eu recebi esse presente maravilhoso que é você. – Ela fez uma pausa e tocou a barriga lisa. – E recebi este milagre. Um milagre que eu não planejava nem esperava, mas que recebi mesmo assim. Eu não posso dar fim a isso. Não posso… não posso. Eu amo você, mas não posso.

Rush tinha razão. Ela já amava a vida dentro dela. Ela ainda não conhecia a criança, mas a amava. Amava o suficiente para dar sua vida por ela. Como a razão poderia competir com isso? Como eu poderia salvá-la?

Puxando-a para bem perto do meu peito, eu a segurei em meus braços e respirei fundo, sentindo seu cheiro. Eu compreendia o que ela queria, mas não podia ser assim. Eu poderia amá-la pelo resto das nossas vidas, mas gestar e dar à luz uma criança era muito perigoso.

Eu teria que impedir isso. Só não sabia como. Tentar convencê-la agora não era a coisa certa a fazer. Eu precisava recuperar a confiança que ela tinha em mim. Precisava nos consertar primeiro. Então eu mostraria como ela não poderia fazer isso comigo – como me deixar destruiria a minha vida. Eu nunca me recuperaria de perdê-la. Jamais.

– Quem contou para você? – perguntou ela sussurrando.

Harlow havia confiado que o irmão guardaria seu segredo, mas eu não podia mentir. Imaginei que Mase admitiria, de qualquer maneira.

– Mase ligou para Rush – expliquei. – Ele está preocupado com você. Assustado o bastante para me chamar. Não fique brava com ele. Eu devo a minha vida a ele agora.

Harlow soltou um longo suspiro e deu um beijo no meu peito antes de responder.

– Eu não estou brava com ele. Acordei nos seus braços, como posso ficar brava com ele por isso?

Meu Deus, eu não a merecia. Nem um pouco.

– Parece que ele fez café. Quer um pouco? – perguntou ela, aproximando-se mais de mim.

Havia muitas coisas que eu queria fazer com ela no momento, mas eu não faria nada antes de falar com um médico. Precisava saber o que era seguro e o que não era. Precisava protegê-la. Se ela não ia se cuidar, eu cuidaria dela.

– Isso, vamos tomar café – respondi, dando um beijo no topo da cabeça de Harlow.

Seus lábios se ofereciam de modo tentador, e ela pareceu um pouco frustrada por eu não ceder a eles, mas eu não sabia se era prudente beijá-la enquanto estávamos na cama assim. E se ele quisesse mais? Eu conseguiria dizer não? Ou, se não conseguisse, faria mal a ela? Então saí de seus braços antes que ela me tentasse mais e me afastei dela.

– Eu quero falar com seu médico. Hoje. Ontem – eu disse.

Ela sentou na cama e deixou a coberta cair até a cintura. O traje sumário que ela usava na cama – sem sutiã – não ajudou. Nem um pouco.

– É isso que está incomodando você? – perguntou ela, parecendo quase aliviada e achando um pouco engraçado. – Eu tive uma consulta ontem, mas não perguntei sobre… aquilo. Não achava que era uma possibilidade – disse ela, com um sorriso brincando nos lábios.

– Vista-se, e vamos tomar um café. Espere aí… Você pode tomar café? É seguro?

Havia tantas coisas em que eu não havia pensado, tantas coisas que eu não sabia. Eu precisava da porcaria de uma aula sobre como manter Harlow saudável e segura. A sensação de desamparo que tomava conta de mim toda vez que pensava que era incapaz de salvá-la já estava começando a me dominar.

– Mase deve ter preparado um descafeinado para mim – garantiu enquanto se levantava.

Mesmo assombrado pelo horror de machucá-la fisicamente, meu corpo ainda reagia ao vê-la assim, toda sexy e desarrumada do sono. Eu precisava sair daquele quarto.

– Tudo bem, eu encontro você lá fora para o café da manhã – disse e saí do quarto antes que ela me convencesse a ceder e beijá-la.

Harlow

Sentei na cama e fiquei olhando para a porta pela qual Grant havia saído. Ele estava apavorado. Sua expressão e suas atitudes deixavam isso claro. Fiquei tão feliz quando vi o rosto dele de manhã que não pensei na reação que teria à novidade. Eu só precisava que ele me abraçasse. Queria que ele me dissesse que ficaria ao meu lado nessa história. Queria sonhar com a família que teríamos. Mas o homem que havia acabado de sair correndo do quarto sem sequer me dar um beijo não ia ser capaz de realizar todas essas coisas.

Claro, Mase era o motivo pelo qual Grant havia descoberto. Mase também estava assustado, e ligar para Rush havia sido sua última esperança. Eu compreendia isso. O que Mase não entendia era que eu não podia tomar uma decisão apenas para aliviar os medos de Grant. A verdade era que eu também estava com medo, mas isso não mudava nada. A vida é cheia de medos, e fugir deles nos impede de viver as experiências que fazem a vida valer a pena. Esse bebê era uma bênção – que eu iria proteger.

Lidar com Grant era outra história. Eu não queria que ele me deixasse. E não queria ficar ali e ser um fardo para meu irmão. Mas o simples fato de não querer fazer determinada coisa não significa que eu não faria se fosse preciso. O amor não deveria fazer as escolhas por nós. Deveria deixá-las mais importantes. Eu não sabia como explicar isso a Grant e ao meu irmão.

Daria a Grant tempo para aceitar a situação, mas, se ele não conseguisse, eu precisaria ir embora de novo, desta vez para a segurança da casa do meu pai em Los Angeles. Mesmo que fosse o último lugar onde eu gostaria de estar.

A porta da frente da casa se abriu, e uma voz masculina se juntou às outras na cozinha. Major estava ali. Ele havia se habituado a tomar café conosco desde que Maryann o mandou com biscoitos e molho de carne na primeira manhã dele na fazenda. O valentão da minha infância era na verdade um cara bem charmoso agora. Um pouco galinha – tudo bem, muito galinha –, mas, como eu não estava saindo com ele, gostava da sua companhia.

Vesti rapidamente um short de moletom e uma blusa de mangas compridas antes de sair para a sala de estar. Como a casa era pequena, a sala de estar e a cozinha se uniam em um único espaço aberto. A lareira de pedra da sala dava uma sensação acolhedora ao ambiente.

Os três homens pararam de falar e se viraram para me olhar. Os olhos de Grant se voltaram rapidamente para as minhas roupas, e ele pareceu satisfeito. Eu não sabia ao certo por quê. Talvez estivesse simplesmente feliz de me ver. Ele se levantou, veio até mim e me puxou para seus braços como se não tivéssemos acabado de acordar juntos na mesma cama.

– Estava prestes a ir conferir como você estava – sussurrou ele, dando-me um beijo na testa.

– Não faça isso na minha frente. Eu trouxe você até aqui, Grant, então pelo menos respeite o fato de eu não querer assistir a suas demonstrações públicas de afeto. Isso me lembra aquela viagem de avião que fiz com vocês dois, e não é algo de que queira me lembrar – resmungou Mase, franzindo a testa.

Ele estava sentado do outro lado da mesa com as pernas estendidas na frente, cruzadas na altura dos tornozelos. Corei com a lembrança do meu irmão ouvindo Grant e eu fazendo sexo em um avião particular a caminho de Los Angeles.

– Bom dia para você também – respondi, feliz por Grant não ter me soltado mesmo depois da rabugice do meu irmão.

Mase só resmungou em resposta.

– Sem bom-dia para mim, linda? – perguntou Major com o sorriso displicente que ele sabia que fazia mulheres de toda parte quererem agradá-lo.

Ele sabia que eu não me afetava nem um pouco com ele, o que tornava ainda mais ridículo ele me lançar aquele sorriso agora. Grant apertou os braços ao meu redor, e eu o senti tenso. Ele não sabia que Major era um paquerador de marca maior e aquele galanteio não significava nada.

– Bom dia, Major – respondi, aninhando-me ainda mais nos braços de Grant para tranquilizá-lo. – Estou vendo que você já foi apresentado a… Grant – A última palavra saiu em voz baixa. Não sabia bem como me referir a Grant. "O pai do bebê" não parecia adequado.

– Sim, Mase já nos apresentou. Eu não sabia que você tinha um cara. Estou com o coração partido – respondeu ele com aquele sorriso idiota.

Isso não era verdade. Eu havia confessado meus sentimentos por Grant a Major naquele fardo de feno alguns dias antes. Ele estava tentando causar problemas. Eu ia chamar sua atenção quando Grant me soltou e deu um passo na direção de Major. Estendi a mão para segurar seu braço, embora talvez Major merecesse.

– Ah, pare de palhaçada, seu babaca. Pare de provocar Grant. O cara vai acabar lhe dando uma surra, e eu vou deixar. Beba seu café e cale a merda da boca, ou vá embora – disse Mase, claramente irritado com a cantada de Major.

Segurei o braço de Grant com as duas mãos.

– Ele sabe que estamos juntos. Só está provocando.

Queria acrescentar que eu estava grávida de um filho dele. Ele não deveria agir de maneira possessiva, mas eu não precisava lembrá-lo de nossos problemas reais justo agora.

Major levantou as mãos.

– Não queria causar problemas. Ninguém me avisou que Grant era tão possessivo.

Mase revirou os olhos, balançou a cabeça para afastar as palavras do primo e então olhou para mim.

– Você está bem? – perguntou, mudando o tom de voz de irritado para sincero.

Eu sabia o que ele queria dizer. Ele havia ligado para Rush consciente de que isso faria Grant vir direto até mim. Estava se certificando de que havia tomado a decisão certa. Eu poderia estar brava por ele não respeitar meu desejo, mas os braços de Grant estavam ao meu redor de novo, e apenas sentir o calor dele fazia com que eu me sentisse mais forte.

– Sim – respondi sinceramente.

Eu estava feliz. Estava mais feliz do que em qualquer outro dia daqueles dois últimos meses. E não estava assustada. Não mais. O simples fato de ver Grant e saber que havíamos criado a vida dentro de mim me lembrava de quanto eu amava esse bebê.

– Eu queria ter sabido antes – disse Grant em uma voz tensa, e eu olhei para ele e vi que ele encarava Mase com a testa franzida.

– Ele estava respeitando minha vontade. Queria que eu ligasse para você. Ele me implorava para atender suas ligações todas as noites.

Eu não queria Grant bravo com meu irmão por ele ter feito o que eu havia pedido. Precisava que fossem uma família. E não apenas por mim.

– Ela é teimosa – acrescentou Mase.

Grant abaixou a cabeça na direção da minha.

– Eu sei – foi a única resposta dele.

Eu estava parada bem ali enquanto os dois falavam sobre mim. Em vez de ser sarcástica, eu simplesmente encolhi os ombros. Eu *era* teimosa. Eu *era* determinada. Era parte da minha força. Eu não iria negar. Tinha orgulho disso.

– Então qual é o plano? – perguntou Mase.

– Plano? Que plano? – intrometeu-se Major depois de nos observar em silêncio.

Virei minha cabeça para Grant e expliquei a ele num sussurro:

– Ele não sabe.

– Não é da sua conta – informou Mase a Major.

– Estou me sentindo ligeiramente indesejado nesta pequena reunião. Acho que vou para os estábulos começar a trabalhar. Nos vemos mais tarde – disse Major para Mase, e então olhou para mim e sorriu. – É a primeira vez que vejo você sorrir de verdade. Você fica bem sorrindo. – E deu uma piscadela antes de sair da casa com passos largos.

– Não fique com ciúme, Grant. Ele tem razão. Ela não sorriu nos últimos meses, então você apareceu e ela está toda sorrisos hoje de manhã. É um alívio – interveio Mase, levantando da mesa. – Eu sei que vocês têm planos, e quero saber quais são.

Embora os olhos dele tenham encontrado os meus rapidamente, ele estava falando com Grant. Eu não tinha tido tempo de pensar em planos ou de debatê-los com Grant. Não sabia ao certo se ele já tinha algum plano. Eu não queria que ele tivesse. Nós precisávamos de tempo.

– Rush fez algumas ligações. Tem um médico em Destin que é especializado em gravidez de alto risco, exatamente o que temos aqui. Ele é um dos melhores. Eu vou levá-la para casa… para a minha casa, para a nossa casa… agora…

Opa. Espere um pouco. O quê? Soltei-me de seu abraço e cruzei os braços sobre o peito. Por mais que quisesse ficar com Grant, eu não gostava da ideia de deixar a zona de conforto que havia encontrado ali. Eu era livre para tomar minhas próprias decisões e tinha o apoio de Maryann.

Grant estava com os olhos fixos em mim, e a súplica em seu rosto quase me fez desistir sem pensar no resultado.

– Não podemos morar com o seu irmão, e eu não posso viver sem você. Quero que os melhores médicos cuidem de você, meu doce. Por favor, volte comigo. Deixe-me cuidar de você.

Mase pigarreou, mas eu não desviei o olhar de Grant.

– Por mais que goste de ter você aqui, detesto vê-la tão perdida. É ele que você quer. Mas vou para Rosemary Beach sempre que precisar de mim. Basta me ligar que vou até você. Não importa com quem eu precise brigar para chegar até você.

Aquela foi a forma de Mase avisar a Grant que ainda estava do meu lado. Mas eu não queria que houvesse lados.

Grant estendeu as mãos e segurou meu rosto.

– Deixe-me levá-la para casa. Vou fazer tudo certo desta vez. Me dê mais uma chance. Juro que vou fazer tudo certo.

Havia muitos motivos pelos quais ir embora era uma má ideia, mas, naquele momento, nenhum deles importava.

– Está bem – respondi.

Grant

Enquanto Harlow arrumava suas coisas e se despedia de Maryann, marquei para o dia seguinte uma consulta com o obstetra que Rush havia descoberto em Destin. O médico era membro do Kerrington Country Club, e um telefonema de Woods abrira magicamente um horário na agenda dele para nós.

Eu não ia forçar Harlow a fazer nada que não quisesse nesse momento. Meu primeiro plano era levá-la para casa e deixá-la se instalar. Eu precisava ouvir o que o médico diria sobre sua saúde e então… Então eu conversaria com ela, eu a convenceria de que não podia colocar a própria vida em risco. Ela era preciosa demais para mim.

Ela estava fora, na casa dos pais de Mase, havia uma hora, mas eu não queria interrompê-la ou passar a impressão de que a estava apressando. Mandei uma mensagem de texto para Rush contando que Woods havia me ajudado a conseguir uma consulta e agradecendo por ele ter feito a pesquisa para mim. Então me sentei e liguei a televisão.

A primeira coisa que preencheu a tela foi o rosto de Kiro Manning. Dois meses antes, a informação de que a mãe de Harlow ainda estava viva havia sido notícia em todos os meios de comunicação. Depois das primeiras semanas, sem Harlow ou Kiro darem as caras, a notícia foi sendo lentamente esquecida. Então apareceram fotos de Kiro empurrando Emily – a mãe de Harlow – em uma cadeira de rodas na margem de um lago particular na casa de repouso onde ela vivia.

Quando viu as fotos, Kiro deu uma surra nos seguranças da casa de repouso, o que também foi parar no noticiário. Os seguranças não registraram queixa, e Kiro foi liberado pela polícia. Então, justamente quando *essa* notícia começou a desaparecer, o Slacker Demon anunciou que estava cancelando o restante da turnê. Kiro não estava disposto a terminá-la, e desde então não fora mais visto. O mundo estava pirando com medo de aquele ser o fim do Slacker Demon.

Agora exibiam fotos de Kiro em festas tiradas no começo daquele ano, antes de vazar a informação de que sua mulher ainda estava viva. Eu detestava que Harlow tivesse que ver essa merda toda. Ela já tinha bastante coisa com que se preocupar, não precisava disso também. Pelo menos haviam parado de falar de Harlow.

– Grant, ela está vindo. Desligue isso agora! – disse Mase assim que entrou na casa.

Desliguei a TV e me levantei.

– Ela assiste a essas coisas? – perguntei, esperando que ela tivesse se mantido afastada daquilo.

Ele encolheu os ombros.

– Não muito. Ela sente falta de Kiro. Jamais admitiria, mas se preocupa com ele. Ele sempre a amou, e ela o ama também. Ela não gosta de pensar que ele sofreu todos esses anos por causa da mãe dela. Mas, no momento, sua preocupação principal é… o bebê.

O bebê. *Nosso bebê*. Não parecia real. Eu me obrigava a afastar esses pensamentos da cabeça. Não podia pensar nisso agora. Precisava me manter focado e levar Harlow de volta para casa. Queria envolvê-la e protegê-la. Levá-la para a minha casa era o primeiro passo.

– Você não quer que ela tenha o bebê, não é? – perguntou Mase com uma careta.

– Eu quero Harlow – respondi. Era tudo o que importava.

– Ela quer o bebê.

Eu sabia. Só não queria falar sobre isso naquele momento.

– Vou cuidar disso. Só preciso de tempo.

Mase concordou e soltou um suspiro cansado.

– Você precisa fazer isso. Eu também não posso perdê-la. Também amo essa menina.

– Não vamos perdê-la. Não vou deixar isso acontecer – garanti, tanto para ele quanto para mim mesmo.

Uma caminhonete apareceu na entrada da garagem, e vi Harlow descer da cabine de Maryann e se despedir com um aceno. Então se virou para a casa e seguiu na nossa direção. Estava com um sorriso nos lábios. Parecia feliz, adorava vê-la assim.

– Você a faz sorrir – disse Mase. – É o único motivo pelo qual vou deixá-la ir embora com você. Acho que você pode ser a única pessoa no mundo que a quer viva tanto quanto eu.

Eu não ia dizer a ele que era impossível ele a querer saudável e viva mais do que eu. Ele não fazia ideia do que era uma garota ser o único motivo para alguém respirar.

Ela abriu a porta de tela e olhou para mim, abrindo os lábios em um largo sorriso.

– Estou pronta – disse ela.

– Vai me abraçar antes de ir? – perguntou Mase do outro lado da sala.

Harlow sorriu e foi até ele.

– É claro. Eu não iria embora sem dizer adeus e obrigada. Por tudo.

Ela passou os braços ao redor dele, que a abraçou com força. Os olhos dele cruzaram com os meus por cima da cabeça de Harlow. Ele não precisava falar em voz alta para eu compreender o alerta. Se eu voltasse a magoá-la, ele me mataria. Mas não havia motivo para ele se preocupar. Eu caminharia sobre as águas por aquela mulher.

– Ligue para mim se precisar de alguma coisa – disse Mase a ela.

– Pode deixar. Amo você – respondeu ela, e então se afastou do abraço dele.

– Amo você também – disse ele.

Era evidente aquele amor entre irmãos; eles realmente se importavam um com o outro, sem nenhum tipo de egoísmo. Pensei no que Rush tinha com Nan, que era muito unilateral. Nan era egoísta demais para dar valor ao irmão. Gostaria que Rush tivesse algo parecido com aquilo. Ele merecia.

– Vamos para casa – disse ela, virando-se de novo para mim.

Casa. Isso tivera muitos significados diferentes para mim durante toda a vida. Mas, agora, qualquer lugar onde ela estivesse comigo seria minha casa.

Harlow

Ele não falou sobre o assunto. Não puxou conversa nenhuma vez. Era como esperar pelo inevitável. Eu dissera a ele que não abortaria o bebê, e agora estávamos simplesmente sentados em silêncio dentro do avião.

Ele não havia feito qualquer pergunta sobre o bebê desde que eu contara a ele e, com exceção de um beijo rápido antes de irmos para o aeroporto, ele só me abraçara – nada mais. Ele não estava agindo como o homem apaixonado e determinado que me apresentou à intimidade. Era como se eu fosse de vidro. Ele estava me tratando como se um movimento errado fosse me quebrar.

E era justamente por isso que eu não queria contar a ele sobre o meu coração desde o começo.

Eu detestava ser tratada de maneira diferente, mas as coisas estavam piores agora. Para ele, eu não era só uma garota doente. Era a garota que estava por um fio. Ele não entendia que eu estava viva porque me recusava a me entregar às restrições de alguém com a minha doença cardíaca? Fui uma lutadora desde o dia em que nasci. Eu não ia parar agora.

Queria meu Grant de volta. O homem que não conseguia manter as mãos longe de mim. O homem que eu sabia que me desejava acima de todas as coisas e fazia com que eu me sentisse desejada. Não o homem que agia como se seu único objetivo de vida fosse me manter viva. Não era isso que eu queria de jeito nenhum.

– Você está bem? – A voz preocupada dele só aumentou a minha frustração.

Encolhi os ombros, porque tinha medo de abrir a boca e berrar com ele. Eu o amava e estava feliz com ele, e não queria gritar. Mas não sabia ao certo se conseguiria evitar fazer isso se ele continuasse agindo desse jeito.

– Seu rosto me diz que tem algo incomodando – observou ele.

Alguma coisa *estava* me incomodando, mas eu não ia dividir isso com ele. Mordi o lábio inferior para não rosnar de frustração e me virei para olhar pela janela do avião. Estávamos perto de Destin, na Flórida. Dava para ver o mar.

– Harlow – ele continuou com a voz suave –, olhe para mim, por favor.

Eu detestava quando tentava ser firme com ele e ele ficava gentil. Era difícil ignorar um Grant Carter gentil. Cedendo, olhei para ele. Ele estava com a testa franzida e os olhos cheios de preocupação.

– Eu não sou quebrável. Ainda sou eu. Você está me tratando de um jeito diferente – disse, detestando a forma como a minha voz parecia tensa, o que só fez com que eu me sentisse mais vulnerável.

Eu estava tentando convencer aquele homem de que era durona.

Grant se levantou do lugar onde estava na minha frente e se sentou no sofá de couro ao meu lado, me puxando para os braços dele. Soltou um suspiro cansado e beijou o topo da minha cabeça. Eu esperava que ele negasse imediatamente que vinha me tratando de um jeito diferente, mas não foi o que ele fez. Pelo menos estava consciente.

– Sinto muito. Estou tentando lidar com a situação. Só consigo pensar em manter você segura.

– Passei a vida toda me cuidando. Não sou frágil. Eu quero ser tratada como… como você me tratava antes.

Não consegui dizer que queria que ele me desejasse. Seria patético demais.

– Eu não sei se consigo fazer isso – respondeu ele.

Eu não sabia que poucas palavras podiam ser tão desoladoras.

– Me dê um tempo. Depois que conversarmos com o médico, vou me sentir um pouco no controle em relação a isso. Não posso simplesmente ignorar a sua saúde por desejar você. Pode ter certeza: tudo o que eu mais quero é tirar a sua roupa e fazer amor com você sem parar. Ouvir você arfar e gritar. Quero muito isso, gata. Mas você é o meu mundo. Eu protejo o que é meu.

Como eu poderia discutir com isso? Passei os braços ao redor dele e afundei o rosto em seu peito. Nós íamos superar isso. Ele estava ali comigo e não estava fugindo correndo. Ele me queria segura, e eu não podia ficar brava com isso. Grant tinha seus medos. Eu precisava respeitá-los e lhe dar um tempo.

– Eu senti sua falta – falei, encostada no peito dele, embora ele já soubesse. Queria dizer de novo.

– Eu senti mais a sua. Senti sua falta a cada segundo – sussurou ele, os lábios pairando sobre meu ouvido.

O calor da respiração dele me fez estremecer.

Ficamos sentados um nos braços do outro até a aterrissagem. Não falamos, porque não era preciso. Apenas estarmos juntos bastava. Meus olhos começaram a ficar pesados, e eu os fechei, sabendo que, quando acordasse, ele ainda estaria ali.

Grant segurava minha mão quando entramos no consultório em Destin. Dessa vez, quando vi as outras grávidas na sala de espera com seus maridos, não senti perda ou tristeza. Grant estava comigo e, mesmo que houvesse algo quase possessivo naquele gesto protetor, como se ele precisasse nos defender de algum ataque, gostei de tê-lo ali.

– Vá se sentar. Eu pego a papelada – disse ele gentilmente, apontando as cadeiras vazias do outro lado da sala.

Não discuti, porque estava começando a me dar conta de que ele precisava fazer aquilo. Ele se sentia mais seguro se estivesse tomando conta de mim, mesmo que eu pudesse pegar minha própria papelada. Fui até meu lugar e percebi que os olhos de várias das mulheres na sala estavam direcionados para Grant. É claro que estavam. Ele se destacava. A voz baixa enquanto falava com a moça da recepção bastava para chamar a atenção de qualquer um. Mas a visão de seu traseiro naquela calça jeans também era algo difícil de evitar. A mulher sentada mais perto dele se endireitou na cadeira e cruzou as pernas, e depois arrumou o sutiã, levantando os seios para que não desse para ignorar seu decote. Fui tomada pela raiva e senti o rosto ficar quente. Olhei furiosa para ela, que continuava com a atenção totalmente voltada para Grant. Ela passou os longos cabelos loiros por cima do ombro e puxou a saia um pouco, para exibir as coxas. Mas que inferno!

Grant se virou com a prancheta e seus olhos imediatamente encontraram os meus. Por um instante, eu me senti melhor. Então a voz da loira o interrompeu.

– Grant Carter? – arrulhou ela em uma voz sensual que certamente não era a sua verdadeira.

Grant parou e olhou para a mulher que havia se arrumado para receber a atenção dele. Ele fez uma pausa e então sorriu. Senti um enjoo.

– Melody? – perguntou ele, como se não tivesse certeza de que aquele era mesmo o nome dela.

Ela sorriu alegremente, como se ele tivesse dito a coisa mais maravilhosa no mundo. Eu estava oficialmente nauseada. E com ciúmes. Morrendo de ciúmes. Porque ele estava sorrindo para ela.

– O que está fazendo aqui? Nunca esperei ver Grant Carter no consultório do meu ginecologista.

Como se ela não o tivesse visto chegando comigo.

Grant se virou para ele, e abriu mais o sorriso.

– Eu estou aqui com a minha… – Ele fez uma pausa. Foi uma pausa breve, mas, naquele momento, eu senti como se ele tivesse me cortado com uma faca. Ele nem sequer sabia o que eu era para ele. Não havia pensando nisso. – Namorada – terminou ele, antes de piscar para mim e se virar novamente para a loira com peitões.

A loira mal olhou para mim, mas logo depois pareceu levar um susto. Quando entrei ao lado de Grant na sala cheia de mulheres, ninguém prestou atenção em mim, e eu não havia sido reconhecida. Detestava o fato de meu rosto ser tão conhecido agora.

– Aquela é… ah, meu Deus, é… – disse ela com espanto na voz.

Grant foi rápido. Em segundos, estava ao meu lado, puxando a minha mão e me levantando, e me levou para fora da sala de espera.

– Ela precisa de privacidade – informou ele à moça na recepção, que pareceu compreender e balançou a cabeça enquanto ele fechava a porta atrás de nós.

Uma enfermeira nos recebeu no corredor vazio.

– Por aqui – disse ela, abrindo a porta para uma sala de exame e acenando para que entrássemos. – Peça à Srta. Manning que preencha a papelada. Em breve eu voltarei para buscá-la.

Eu estava um pouco zonza pela rapidez com que as coisas tinham acontecido. Grant havia sido rápido. Ele não havia parado para se despedir de Melody ou dar qualquer explicação.

– Foi mal. Eu deveria saber que ela reconheceria você. Ela é do tipo tiete. Eu a levei à casa do Rush uma vez, e ela agiu feito uma idiota – disse Grant, parecendo frustrado.

– Então você saiu com ela? – perguntei, sem conseguir disfarçar o ciúme na voz.

Eu normalmente não era tão transparente em minhas emoções, mas não consegui evitar.

Grant franziu a testa, e então deu um sorrisinho. Aproximou-se e me empurrou devagar contra a mesa de exame, parecendo extremamente satisfeito.

– Sim, saí com ela algumas vezes há uns anos. Está com ciúme, meu doce? – perguntou com a fala arrastada e carinhosa.

Eu poderia mentir, mas, em vez disso, encolhi os ombros. Tentaria a indiferença.

Grant jogou a cabeça para trás e riu antes de me abraçar e se debruçar sobre mim.

– Ah, não. Você não vai fazer isso. Eu estou gostando deste momento. Gosto de você ter ficado com ciúmes. Não que você tenha qualquer motivo para sentir ciúmes, mas gosto disso. Eu sou seu, gata, mas saber que você me quer é bom demais.

Tentei ficar séria, mas deixei escapar uma risada.

Grant

– Teremos de dar um passo de cada vez. Harlow tem consciência dos riscos. Várias vezes por ano, vejo mulheres com a doença dela darem à luz. Mas também vejo outras coisas acontecerem. Embora a mortalidade materna tenha diminuído na última década, esta ainda é a nossa preocupação número um aqui. Também há a possibilidade de o feto não resistir além do primeiro trimestre. Pode ocorrer um aborto espontâneo, que não conseguimos evitar. Isso acontece mesmo em gestações normais, mas poderia causar complicações. Além disso, o bebê pode nascer prematuro. E, mesmo que o parto seja bem-sucedido, pode herdar a doença de Harlow.

Eu escutava o que o médico falava, mas estava perdendo o foco. A expressão "mortalidade materna" havia paralisado meus pulmões e feito meu coração bater violentamente no meu peito. Eu não podia aceitar aquelas duas palavras. Nunca.

Em seguida, o médico falou diretamente com Harlow.

– Visitas semanais são imprescindíveis. Preciso monitorar o seu ritmo cardíaco e, conforme progredirmos, teremos de ficar de olho no desenvolvimento do feto.

Merda de complicações. Eu odiava aquilo. Odiava saber que Harlow estava correndo esses riscos porque eu não tinha usado a porcaria da camisinha algumas vezes. Era culpa minha. Se eu a perdesse, seria minha culpa. Eu fiz isso a ela. Eu coloquei lá dentro aquele… aquele bebê que ela estava tão decidida a proteger. Que ela amava.

Eu a amava. Eu a amava demais.

– Examinei seu histórico médico esta manhã assim que ele chegou. Fico feliz em dizer que você está muito mais saudável do que a maioria das mulheres com esse problema. Você fez cirurgias bem-sucedidas na infância e levou uma vida saudável, sem problemas ou complicações. É uma grávida de alto risco, mas todos os sinais me dizem que podemos ter sucesso. Você é uma lutadora. Isso é evidente, pelo que vi. – O médico olhou então para mim. – E ela vai precisar de apoio. Ela não precisa de negatividade. Precisa de uma equipe. Você é a parte mais importante dessa equipe.

Engoli em seco o medo que travava a minha garganta. Eu precisava dela. Precisava que ela vivesse. Que ela ficasse bem. Balancei a cabeça, concordando com o médico. Foi o máximo que consegui.

– Hipertensão é uma preocupação importante neste momento. A pressão arterial dela deve ser medida pela manhã e à noite. Ela precisa fazer exercícios moderados. Talvez caminhar um quilômetro, um quilômetro e meio pela praia, mas não mais do que isso. Nadar também é bom. Se vocês tiverem piscina, isso seria ideal. Alguma coisa fácil. Descansar ao longo do dia e manter os pés elevados é importante. Ela vai precisar de alguém por perto para lembrá-la e se certificar de que ela faça isso.

Concordei mais uma vez. Se convencer Harlow a pôr um fim a essa gravidez fosse impossível, então eu pretendia me certificar de que ela faria tudo isso. Se eu precisasse largar meu maldito emprego, largaria.

– Por volta da 18ª semana de gravidez, faremos um ecocardiograma fetal para ver se o bebê herdou a doença. Precisamos saber disso antes do parto. Pode salvar a vida do bebê. – O médico olhou para sua prancheta e ergueu o olhar, primeiro para Harlow e depois para mim. – Marquei

consulta com um cardiologista a cada duas semanas. Mandei o histórico de Harlow para ele, e nós dois vamos nos reunir para discutir o caso antes da primeira consulta dela na semana que vem. É fundamental para que seja uma gravidez bem-sucedida.

Ao meu lado, Harlow balançou a cabeça e então deslizou a mãozinha na minha e apertou. Ela precisava que eu a tranquilizasse, e eu estava ali parado tentando lidar com meu próprio medo. Eu não havia pensado no medo que ela devia estar sentindo. Ainda assim, ela estava decidida a fazer isso.

– Saiba que você está na categoria de alto risco, mas há níveis diferentes dentro dela. Pelo que podemos ver neste momento, você está na parte mais baixa da escala. E isso é bom. É muito bom – continuou o médico, e a mão de Harlow apertou a minha mais uma vez. – Quanto a relações sexuais, é permitido. No entanto, o coração dela está trabalhando mais no momento. Nada muito intenso. – E olhou para mim.

– Mas nós podemos fazer, ahn, sexo? Certo? Apenas nada muito, ahn, criativo?

O médico segurou um sorriso como reação à pergunta tímida de Harlow. Depois de pigarrear, ele assentiu.

– Sim. Tudo bem uma atividade normal. Se você seguir as outras instruções que passei, não deverá haver problema. A gravidez normalmente exige mais do que a atividade média – respondeu, olhando agora para mim. – Verei você na semana que vem, depois da consulta com o Dr. Nelson. Ele vai me enviar os resultados da visita, e seguiremos a partir disso.

Harlow balançou a cabeça e se levantou, ainda segurando a minha mão.

– Obrigada – falou ela com tanta sinceridade que partiu meu coração.

Ela queria muito aquilo. Como eu poderia ser contra? Como eu poderia convencê-la a não fazer isso quando ela queria tão desesperadamente?

– Vamos – disse ela, olhando para mim.

– Obrigado – falei ao médico, acompanhando Harlow até a porta.

Uma enfermeira nos encontrou no corredor.

– Vocês podem sair pelos fundos. Assim, a Srta. Manning não precisa lidar com a multidão na sala de espera.

A forma como ela disse "multidão" me despertou da névoa emocional em que estava. Que multidão?

– Apareceram algumas pessoas desde que vocês chegaram aqui. Chamamos a polícia. Em breve todos terão ido embora – explicou a enfermeira.

Merda. Maldita Melody. Será que ela havia alertado a porcaria da mídia?

– Sinto muito – disse Harlow.

Voltei-me para ela e vi a expressão horrorizada em seu rosto. Merda. Por que eu não havia me preparado melhor para mantê-la livre disso?

– Não há do que se desculpar, Srta. Manning. Nós devíamos tê-la feito entrar pelos fundos. O erro foi nosso. De agora em diante, podem entrar por esta porta, e mandaremos vocês diretamente para uma sala de exame. Então terão privacidade.

– Obrigada – murmurou Harlow, mas eu não deixei de perceber o tom de frustração em sua voz.

Ela não gostava da atenção e havia voado abaixo dos radares por muito tempo. A história dos seus pais havia acabado com sua privacidade.

Harlow

Nós podíamos fazer sexo. Por mais que estivesse chateada com a mídia aparecendo no consultório do médico, isso não diminuía a alegria de saber que podíamos fazer sexo. Eu vinha tendo fantasias muito claras com Grant ultimamente e precisei lutar contra a vontade de subir em cima dele quando chegamos ao carro.

– O que você achou do médico? – perguntou Grant enquanto saía do estacionamento de ré para pegar a estrada que nos levaria para casa.

– Gostei dele. Eu me sinto melhor conversando com ele do que com o médico anterior. Ele parece saber mais sobre a minha situação – respondi sinceramente.

O médico que Rush arrumou havia explicado as coisas cuidadosamente e foi meticuloso no exame clínico, até mesmo marcou consultas com um cardiologista para mim. Eu tinha um cardiologista em Los Angeles, mas precisava de um ali. Precisava de um envolvido na gravidez. O único medo que eu tinha era que nosso bebê pudesse não ser saudável. Eu não queria amaldiçoar esta criança com a minha doença cardíaca.

– Ele parece otimista – disse Grant.

Gostei do otimismo do médico. Fez me sentir que eu não era a única pessoa no mundo a acreditar que eu era capaz de fazer isso.

– Sou baixo risco – repeti as palavras do obstetra.

Gostava de ser baixo risco.

– É – foi tudo o que disse Grant, embora eu pudesse ver a expressão tensa em seu rosto.

Ele não ia aceitar aquilo tão facilmente. Eu compreendia que ele estivesse assustado. Aos olhos dele, o bebê me fazia mal. Ele precisava aceitar que o bebê era uma bênção. Eu acreditava que, com o tempo, ele acabaria compreendendo.

– Grant – falei, olhando para os braços dele flexionando enquanto dirigia.

Queria lamber seus bíceps. Estava prestes a implorar.

Ele olhou para mim. Seus olhos me envolveram antes que ele voltasse o olhar para a estrada.

– No que você está pensando, gata?

Eu estava pensando que queria lamber os bíceps dele. E depois o abdômen e aquele músculo maravilhoso que fazia um V e desaparecia em seus jeans. Era nisso que eu estava pensando.

– Em você – respondi.

– Merda – murmurou ele, respirando fundo.

– O médico disse que não tem problema – lembrei a ele.

Ele balançou a cabeça.

– É, eu escutei.

Estendi a mão e deslizei um dedo pelo braço dele, passando a mão ao redor dos bíceps, que flexionaram quando ele segurou a direção com mais força.

– O que você está fazendo? – perguntou ele com a voz trêmula.

Eu já havia saltado sobre ele dentro de um carro antes. Mas, dessa vez, eu não ia fazer isso. Não estávamos longe do apartamento dele. Queria ter tempo para explorá-lo e beijar cada parte perfeitamente esculpida de seu corpo.

– Harlow? – chamou ele, por eu não ter respondido.

– Só estou tocando em você. Não consigo mais esperar – falei, deslizando os dedos até seu ombro.

Rocei as pontas dos dedos sobre a veia do pescoço, que saltou como se ele sentisse dor.

– Estou sentindo o que você está fazendo, mas não vou conseguir dirigir se você continuar com isso.

Talvez eu não pudesse esperar que chegássemos ao apartamento.

– Você não pode parar? – perguntei, a respiração mais acelerada com a expectativa.

Grant soltou uma porção de palavrões antes de virar em uma saída e parar no estacionamento do primeiro hotel decente que apareceu, que tínhamos visto da autoestrada. Ele mal havia puxado o freio de mão da caminhonete, já foi abrindo a porta e saltou para fora. Eu observei fascinada ele dando a volta pela frente da caminhonete a passos largos e abrindo a minha porta.

Suas duas mãos agarraram a minha cintura, e ele me puxou, embora eu não precisasse de ajuda para sair da caminhonete.

– Não vou ficar com você dentro de uma porcaria de caminhonete – foi tudo o que ele disse ao pegar minha mão e nos guiar para dentro do hotel.

Não levou muito tempo para conseguir um quarto. Quando entramos no elevador, ele me encostou na parede e me beijou. Realmente me beijou pela primeira vez desde que aparecera na casa de Mase. Ele se entregou totalmente naquele beijo. Suas mãos agarraram meus quadris com força, num gesto possessivo e faminto, enquanto sua boca tomava conta da minha. Quando a língua dele deslizou na minha, senti o sabor de menta do chiclete que ele estava mascando e estremeci com o contato íntimo. A campainha do elevador nos lembrou que ainda não estávamos a sós.

Grant interrompeu o beijo e deu um passo para trás para olhar para mim.

– Preciso sentir o seu gosto. De você inteira – disse, antes de segurar minha mão de novo e me levar pelo corredor na direção do quarto 2200.

Ele destrancou a porta com o cartão magnético e a luz verde piscou. Então abriu a porta, revelando a suíte.

– A gente só precisava de uma cama – falei, sorrindo e olhando o quarto enorme, com bar e lareira a gás.

– Depois que você ficar nua, gata – disse ele, aproximando-se de mim –, não pretendo deixar você se vestir por um bom tempo. Precisamos de uma banheira grande e boa e de um lugar onde eu possa me aninhar em você. Não só de uma cama.

Ah. Tudo bem.

Grant começou a aproximar a boca da minha, e então parou. De repente, eu estava no ar.

– Precisamos de uma cama. Agora – disse ele, dando um beijo nos meus lábios enquanto nos levava para o quarto.

Ele me deitou na cama, então deu um passo para trás e ficou olhando para mim. O apetite e o desejo estavam lá, mas o amor… estava ardendo ainda mais.

– Eu sinto muito – continuou, sem se mexer para tirar nossas roupas, embora eu realmente quisesse que um de nós ficasse nu.

– Pelo quê? – perguntei, confusa.

Ele passou um dedo pelo meu rosto em uma carícia suave.

– Por ter magoado você. Por ter permitido que você me deixasse. Por ter sido um filho da puta –

sussurrou ele, ainda olhando fixamente para mim.

Eu me apoiei nos cotovelos.

– Está perdoado. Agora, quer fazer o favor de tirar a roupa? – eu pedi, dando um sorriso.

Ele começou a rir e arrancou a camisa pela cabeça, presenteando-me com a visão de seu tórax espetacular. Ah, sim. Era o que eu queria.

– Você está um pouco impaciente, não está, meu amor? – disse ele com uma voz sexy. Ele desabotoou o jeans e o deixou aberto antes de se abaixar para dar um beijo nos meus lábios. – Eu nunca vi você tão carente – falou, mordiscando meu lábio inferior e dando leves lambidas, que me deixaram louca.

– Eu disse que estava sentindo sua falta – lembrei a ele, um pouco sem graça por estar sendo tão exigente.

– É, você disse mesmo. Achei que estivesse sentindo falta do meu belo rosto. Não sabia que estava sentindo falta do prazer – continuou ele no tom de voz provocante, enquanto encontrava o botão da minha calça jeans.

Fiquei observando seus músculos definidos movendo-se e flexionando deliciosamente enquanto ele abaixava minha calça jeans e avançava para cima de mim como um leão faminto. Ele parou na barriga e deu um beijo logo abaixo do umbigo, então subiu, levantando minha camiseta. Estendi os braços para que ele pudesse arrancar a minha blusa. Suas mãos abriram rapidamente meu sutiã, que ele atirou no chão. A visão das mãos grandes e bronzeadas segurando meus seios agora inchados me fez estremecer de prazer.

– Estão maiores – disse ele, olhando para meus seios como se fossem um tesouro.

– Acontece na gravidez – expliquei, mas não consegui falar mais alto do que um sussurro.

Ele abaixou a boca, e sua língua disparou para lamber um de meus mamilos, que estavam em prontidão. A simples visão de Grant os deixara de pé. Eu estava tão excitada que os mamilos pinicavam.

– Ah! – arfei, contorcendo as mãos nas cobertas.

Grant olhou para mim e ficou me observando atentamente enquanto colocava o mamilo ansioso na boca.

– Ahhhh! – gritei.

Não fazia sentido tentar não fazer barulho. Não consegui me controlar.

Grant soltou o mamilo enquanto passava os lábios pelo bico e traçou um caminho de beijos até o outro, dedicando a ele a mesma atenção, enquanto eu lhe fazia súplicas desesperadas e arfantes.

Quando ele começou a se afastar, minhas mãos soltaram os lençóis para agarrar seus cabelos e segurá-lo lá. Eu estava muito perto de gozar apenas com sua boca. Não queria que ele saísse naquele momento.

– Me deixe descer, gata. Quero provar um pouco mais – disse ele num sussurro rouco, encarando-me nos olhos e roçando os lábios sobre minha pele sensível.

Soltei um pouco sua cabeça, e ele sorriu antes de voltar a percorrer meu corpo com beijos, cada vez mais para baixo. Ele não precisou abrir minhas pernas – eu as estava abrindo desavergonhadamente. Sabia aonde ele estava indo, e o queria lá. Mais do que qualquer outra coisa naquele momento, eu queria a cabeça de Grant Carter no meio das minhas pernas.

Grant

Se Harlow gritasse e soltasse aquele gemido suplicante mais uma vez, eu iria perder o controle. Juro por Deus, nunca havia me sentido mais excitado na vida. Toda vez que eu a tocava, ela tremia e se contorcia embaixo de mim, como se nada fosse o bastante. Eu sentia como tivesse algum tipo de toque mágico, e era uma sensação inebriante.

Cada vez que minha língua deslizava, ela gritava meu nome, e suas mãos agarravam meus cabelos como se ela precisasse se segurar em mim para não cair. Eu estava adorando aquilo. Estava adorando aquele poder e saber que ela estava recebendo prazer das minhas mãos, da minha boca. Cara, era enlouquecedor.

– Por favor, entre em mim, por favor – disse ela, arfando desesperadamente, e eu não deixei meus medos ou qualquer outro pensamento me interromper.

Levantei e me livrei dos jeans com um movimento apenas, e então me debrucei sobre ela. Ela afastou as pernas de maneira muito, muito convidativa e agarrou meus braços enquanto arqueava embaixo do meu corpo. Eu nem sequer havia entrado nela e Marlow já estava gemendo. Não ia aguentar.

– Gata, se você continuar fazendo isso, não vou conseguir segurar muito tempo. Isto vai acabar cedo demais – falei, deslizando lentamente para dentro dela.

Meus olhos reviraram e, desta vez, o gemido de prazer foi meu. Ela parecia mais apertada e quase inchada por dentro. Nunca na minha vida havia sentido algo tão bom. Nem mesmo a primeira vez que eu estive dentro dela. Aquilo… aquilo era o máximo. O momento que muda nosso mundo. O momento que não apenas nos mostra o paraíso como nos faz entrar nele.

– *Grant!* – gritou ela, enroscando as pernas ao meu redor.

Seu calor macio começou a me apertar com força. Ela arranhou as minhas costas e repetia meu nome. Foi o que bastou para eu acompanhá-la. Atirando a cabeça para trás, gritei seu nome e a preenchi. Eu a preenchi.

Garanti que ela jamais duvidasse de que era minha.

– Podemos fazer de novo? – perguntou Harlow depois que recuperamos o fôlego.

Dando uma risada, eu rolei e a puxei para cima de mim.

– Ainda não. Prefiro colocar você em uma banheira e deixar você relaxar um pouco enquanto ligo para o serviço de quarto. Então pretendo fazer uma massagem nos seus pés e ficar abraçado em você naquele sofá imenso em frente à lareira.

Ela precisava ser mimada. Não havia prestado atenção no médico.

– Eu gosto de massagem nos pés… mas prefiro sexo.

– Nada de exageros. Você ouviu o médico. Vamos com calma, está bem? Deixe-me cuidar de você. Por favor – falei. Precisava que ela compreendesse.

Ela forçou um longo suspiro.

– Tudo bem. Acho que vou deixar você me dar banho e me mimar. *Sacrifícios*.

Dando risada, beijei-a na cabeça e me levantei. Não conseguia ficar ali com ela nos braços daquele jeito e não me empolgar. Apenas um pouco de estímulo já seria suficiente.

– Fique aí. Vou preparar seu banho. Então venho buscá-la – disse, antes de pegar os jeans e vesti-

lo de novo.

Ela se virou para me observar.

– Você podia entrar na banheira comigo – falou ela, olhando o zíper da minha calça.

– Não sou tão forte assim, gata. Vou ter de me contentar em dar um banho em você.

Segui para o banheiro antes que acabasse cedendo e fizesse o que ela me pedia.

– Grant – chamou.

– Sim?

Virei e a vi sentada na cama com o lençol enrolado na cintura, deixando os peitos lindos e muito maiores do que eram à mostra para eu babar.

– Eu não preciso gozar para a gente… fazer coisas. Eu sempre posso cuidar de você. Gosto de fazer isso.

Agarrando a maçaneta da porta antes de meus joelhos bambearem, inspirei fundo. Só podia estar sonhando. Engoli em seco e forcei um sorriso.

– Harlow, não sei se sou forte o suficiente para isso. Você vai me enlouquecer.

Ela sorriu e encolheu os ombros, o que fez com que seus seios balançassem, chamando mais uma vez minha atenção. Eles eram tão lindos, redondos, macios… *Caraaaaca!* Eu precisava me afastar dela por um minuto.

Virando a cabeça, olhei para dentro do banheiro.

– Vou ligar a água agora – falei com a voz estrangulada.

Harlow riu atrás de mim, e aquele som musical quase me convenceu de que eu já estar duro feito pedra mais uma vez não era um problema. Ela estava feliz. Eu a queria feliz. Mesmo que fosse às minhas custas.

Assim que acertei a temperatura da água, acrescentei um pouco dos sais de banho do hotel e voltei para pegá-la. Encontrei-a parada de pé com o lençol enrolado no corpo e os cabelos escuros desgrenhados. Fiquei parado, olhando fixamente para ela. Ela era linda. Tudo nela era lindo. Eu soube disso desde a primeira vez que a vi. Era algo que dava para ver nos olhos dela. A beleza vinha de dentro.

Mas agora… ela era minha.

Era toda minha.

– Tem certeza de que não vai entrar comigo? – perguntou ela, deixando o lençol cair no chão.

– Harlow – falei, devorando-a com os olhos.

A pequena cicatriz no peito, que eu havia ignorado antes, saltava aos meus olhos agora. Com a iluminação do banheiro, ela se destacava, lembrando-me de tudo o que eu podia perder. De tudo o que eu morreria para proteger. A minha Harlow.

– Entre no banho e relaxe. Deixe-me pedir alguma coisa para comer. Então vou voltar para lavar as suas costas e qualquer outra parte do corpo que você me deixar lavar – falei enquanto ela vinha na minha direção.

Ela fez um beicinho. Era algo tão incomum nela que fiquei surpreso e meio sem fala. Minha doce menina havia se tornado uma sedutora, e eu não sabia ao certo como lidar com isso. Ela podia me controlar com muita facilidade.

– Se você insiste... Mas são muitos os lugares que preciso lavar – disse ela, roçando em mim enquanto entrava na banheira.

Minha nossa.

– Esta nova Harlow não está facilitando as coisas para mim – comentei.

Ela olhou para trás, por cima do ombro, enquanto afundava lentamente na água.

– Eu sou a mesma Harlow. Só estou me sentindo segura com o homem que amo. Eu não tenho nada a esconder de você.

Ali estava o motivo pelo qual aquela mulher era minha dona.

Harlow

Grant levou uma bandeja de frutas e queijo para o banheiro, junto com água com gás. Deixei que ele me alimentasse e tentei não provocá-lo. Ele estava fazendo um esforço imenso para cuidar de mim. Se com isso ele sentia que estava me protegendo, eu o deixaria continuar.

Assim que terminou de me dar banho e me secar, ele me levou para a sala e nos enfiamos embaixo de um cobertor no sofá. A lareira a gás estava acesa, e ele abriu bem a janela para termos uma vista do golfo.

Não falamos muito. Ficamos apenas olhando as ondas quebrarem na praia e as pessoas andando de um lado para outro na faixa de areia. Quando alguém entrava na água, eu me perguntava se Grant pensava em Jace. Eu não o havia conhecido, mas pensava nele mesmo assim. Ficava triste por todos que sentiam falta dele, especialmente Bethy. Agora que tinha Grant, eu não conseguia imaginar o que seria estar no lugar dela.

– Vamos ouvir as batidas do coração na semana que vem – disse ele afinal, interrompendo o silêncio.

Havia um toque dolorido em sua voz, como se ele não estivesse seguro em relação ao que pensava sobre aquilo.

– Eu sei. Estou ansiosa – falei, sem olhar para ele.

Naquele momento, não consegui. Eu estava empolgada e cheia de esperança, mas sabia que o rosto dele estaria expressando algo completamente diferente.

– Não pense que eu não quero um filho com você. Você é a única mulher sobre a terra com quem eu desejo ter um filho. Mas eu quero você mais. Eu só… eu não acho que consigo fazer isso sem você. Se eu perder você… – Ele parou e pude ouvi-lo engolir em seco.

Eu me virei em seus braços e deitei a cabeça em seu peito. Eu entendia o que ele estava dizendo. Se eu morresse, ele achava que não conseguiria ser pai daquele bebê. Eu sabia que não seria assim. Levaria tempo, mas ele acabaria se tornando o melhor pai do mundo.

– Vai ficar tudo bem – garanti a ele.

Os braços ao meu redor me apertaram com mais força. A batida do coração de Grant me tranquilizou. Fechando os olhos, aproveitei o instante e decidi que iria criar um cofre no meu cérebro para guardar as lembranças de momentos como aquele. Talvez até mesmo as escrevesse. Sim, era o que eu iria fazer: escreveria sobre momentos como aquele para o bebê ler um dia… Apenas por garantia.

Se eu não estivesse por perto para criar meu filho, queria que ele soubesse quanto eu o amava e que ele havia nascido de uma história de amor. Até poucos meses atrás, eu não sabia quanto amor envolvia meu nascimento. Ver Kiro com Emily mudara tudo para mim. Eu ouvia dizer que ele amava a minha mãe, mas crescer vendo-o tratar as mulheres como se elas não significassem nada além de brinquedos para ele tornava um pouco difícil acreditar naquilo. Então eu o vi com a minha mãe. Eu o vi escovando os cabelos dela, falando com ela com muita doçura. Ela não podia responder – nem sequer sabia que ele estava lá –, mas ele a adorava. Mesmo agora, depois de todo esse tempo.

Seria bom ter sabido disso quando criança. Teria me dado mais segurança e confiança. Queria que nosso filho jamais questionasse o amor que Grant e eu sentimos.

Mas agora não era o momento de contar a Grant que pensava em escrever bilhetes para o bebê. Ele não precisava de lembretes do futuro. Eu acreditava que era forte o suficiente para conseguir. Queria que ele também acreditasse.

– Rush disse que seu pai não sabe da gravidez – disse Grant, entrelaçando os dedos nos meus.

Eu não havia contado ao meu pai porque sabia que ele ficaria furioso por eu estar levando isso adiante. Ele já estava lidando com coisas demais no momento, protegendo Emily do mundo. O Slacker Demon não estava mais em turnê, e tudo havia mudado para ele em poucos meses.

– Não acho que ele precise de mais nada com que se preocupar no momento. Está com muitos problemas – expliquei.

– Ele vai descobrir. O consultório do médico hoje… – disse ele, interrompendo a frase no meio.

Eu não havia pensando nisso. Será que a mídia mencionaria que eu havia me consultado com um obstetra? Será que diria algo sobre Grant estar comigo? Ah, droga.

– Você acha que vão falar disso? Ninguém conseguiu fotos nossas.

Grant soltou um suspiro e apertou a minha mão.

– É, gata. Acho que sim. No momento, não tem sido fácil para eles conseguir qualquer informação sobre você, mas eles vêm tentando. Com o seu pai fora de cena, estão procurando qualquer coisa. E não vão precisar necessariamente de provas para inventar uma história.

Eu precisava ligar para meu pai. Ele não podia descobrir desse jeito.

– Vou ligar para ele amanhã quando chegarmos em casa. Aliás, vamos para casa hoje ou amanhã? – perguntei, olhando a suíte que ele havia reservado apenas para fazermos sexo.

Será que ele pretendia que ficássemos ali naquela noite?

– Eu quero você na minha cama – respondeu ele, roçando o polegar no meu lábio inferior.

Eu também queria estar na cama dele. Queria voltar para Rosemary Beach e ficar com ele. Ver Blaire era um bônus. Havia coisas sobre gravidez que eu gostaria de perguntar a ela. E queria ver Nate.

– Está pronto para ir? – perguntei a ele.

Um sorriso malandro tocou seus lábios sexy.

– Sim, mas, antes, quero comer alguma coisa.

Nós havíamos acabado de comer. Franzi a testa, e Grant continuou com o sorriso sacana estampado no rosto enquanto me deitava no sofá. Ele se inclinou sobre mim e roçou os lábios nos meus.

– Eu não estava falando de comida – sussurrou.

Consegui me agarrar no sofá e segurar firme enquanto ele descia pelo meu corpo e começava a me amar com aquela boca tão hábil.

– Ah! Sim… você não pode… fazer isso… Ah! Ah, meu Deus! Mas eu faço o mesmo em você depois.

Arfei enquanto a língua dele circundava meu clitóris. Ele levantou a cabeça para olhar para mim. Ver aquela boca linda lá, pairando sobre mim, me fez estremecer. Era uma visão de tirar o fôlego.

– Você não precisa negociar para colocar essa boca deliciosa em mim – disse ele. Manteve os olhos em mim enquanto acariciava meu botão inchado e ávido com a língua. – O gosto é tão bom. Como senti falta disso.

Ele colocou as duas mãos nas minhas coxas e as abriu ainda mais.

– Eu poderia comer isto o dia inteiro sem jamais me cansar.

A sacanagem que ele dizia me fez gritar coisas que eu não sabia se faziam sentido. Eu me deixei perder na sensação. Nada importava naquele momento além dele. E daquilo.

Grant

Fui acordado por duas mensagens de texto e uma ligação do canteiro de obras de Sandestin. Estávamos construindo um condomínio lá, e havia alguns problemas para serem resolvidos. Deixar Harlow enroscada como um anjo na minha cama imensa não foi fácil.

Ela estava dormindo quando chegamos em casa na noite anterior, e eu a levei no colo até a cama e tirei suas roupas. Tudo o que ela conseguiu fazer foi resmungar algumas coisas sem sentido, mas ainda doces.

Preparei minha garrafa térmica de café e varri a lama que estava acumulada ao lado da porta, porque realmente não queria que Harlow visse aquilo. Chamaria alguém para limpar o resto da casa ainda naquele dia. Olhei para o telefone e soube que precisava ir, mas estava esperando Rush acordar Blaire e pedir que ela me ligasse. Se precisava deixar Harlow, queria que alguém lhe fizesse companhia.

A tela acendeu, e eu suspirei de alívio ao ler o nome de Blaire.

– Oi – falei, afastando-me da porta do quarto para não acordar Harlow.

– Bom dia. Já voltou? – perguntou Blaire.

– *Voltamos* – respondi. – Ela precisa dormir, mas vai querer ver você e precisa de uma amiga para o tempo em que eu estiver fora. Vou demorar apenas algumas horas. Se fosse algo simples, eu não iria, mas é um cliente importante, e eu preciso resolver umas coisas.

– Estou me vestindo. Rush vai passar o dia com Nate e eu vou tomar conta de Harlow. Não se preocupe com ela. Não vou deixá-la.

Eu não tinha uma irmã, mas Blaire era uma alternativa maravilhosa.

– Muito obrigado.

– De nada, mas faço isso por mim tanto quanto por você. Quero vê-la. Não foi só você quem sentiu falta dela.

Sorrindo, peguei as chaves e deixei um bilhete em cima do balcão, onde tinha certeza que ela viria.

– Sim, mas eu senti mais.

Blaire riu.

– Não vou discutir isso.

– Obrigado de novo, Blaire. Deixei um bilhete para ela ligar para você quando acordar, mas talvez ela não ligue. Com ela nunca se sabe. Ela não gosta de incomodar as pessoas.

– Estarei aí em uma hora, mais ou menos. Vá trabalhar, Grant. Está tudo certo.

– Sim, senhora.

Desliguei e enfiei o celular no bolso. Olhei para a porta do quarto, que se abriu devagar. Harlow saiu, usando uma das minhas camisetas, que eu havia vestido nela na noite anterior. Estava com os cabelos totalmente despenteados, e o rosto tinha marcas de travesseiro. Eu nunca havia visto nada mais lindo.

– Está saindo? – perguntou ela com uma voz sonolenta.

Fui até ela.

– Não queria acordar você. Tem um problema em um dos canteiros de obras que preciso resolver

– expliquei, passando os braços pela cintura dela.

– Está bem. Ouvi você falando – disse ela, piscando lentamente enquanto ajustava os olhos à claridade da sala.

– Liguei para Blaire. Ela vem fazer companhia para você hoje. Ela sentiu sua falta.

Um sorriso iluminou seu rosto.

– Ah, que bom. Eu queria vê-la.

Sair era uma droga, mas saber que Blaire ficaria com ela facilitava a situação. Era bom que Harlow cultivasse amizades. Sempre tivera poucos amigos, e eu queria que ela fosse feliz, que tivesse com quem contar. A garota que eu conheci não tinha. Vivia para os livros e não saía do quarto. Queria mais do que isso para Harlow.

– Volto assim que puder. Aproveite seu tempo com Blaire, mas me ligue se precisar de alguma coisa.

Beijei-a nos lábios. Nada era melhor do que beijar Harlow.

Ela passou os braços ao redor do meu pescoço e se colou em mim. Isso não facilitava a minha saída. Eu estava prestes a mandar o trabalho à merda quando ela deu um passo para trás e levou a mão até seus lábios inchados.

– Está bem, vá. Podemos fazer isso quando você voltar.

– Esteja pronta para mim, porque tenho planos para você quando eu chegar em casa – disse, atirando um beijo antes de finalmente sair.

Eu ia me atrasar um pouco, mas os planos podiam me esperar.

Meu bebê querido,

No primeiro dia em que o vi, meus joelhos fraquejaram e senti o estômago embrulhar. Como se houvesse nele borboletas batendo asas. Foi como me senti quando pus os olhos no seu pai pela primeira vez. Ele era lindo. Eu nunca havia achado um homem lindo antes, mas Grant Carter era lindo.

Jamais imaginei que ele fosse me notar. Eu era quieta e introvertida. Não fazia amigos com facilidade e não confiava em outras pessoas. São coisas que eu não quero que você viva ou sinta nunca. Eu as superei porque encontrei seu pai.

Naquela noite, ele me encurralou e transformou aquela quedinha em uma paixão absoluta com apenas algumas palavras. Mas eu fiquei apavorada. Em pânico total. Não estava acostumada a lidar com os homens quando eles davam em cima de mim. E não sabia na ocasião que ele mudaria a minha vida.

Também não sabia que a vida era cheia de cor e emoção. Eu havia me escondido e ficado sozinha por muito tempo. Estava deixando passar muita coisa. Mas seu pai me ensinou a viver. Ele me ensinou sobre amor e me deu o maior presente que alguém poderia ter me dado: você.

Quando você tiver idade suficiente para ler esta carta, espero estar sentada ao seu lado. Espero que eu a leia para você. Mas, se eu não estiver aí fisicamente, sei que estarei com você em espírito. Sempre. Eu nunca sairei do seu lado. E vou amar você para sempre.

Você foi criado a partir de um amor muito forte, um amor que deveria ser cultivado e compartilhado.

E agora nós temos você com quem compartilhar.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

Eu não tive amigas até Blaire. Ela estava noiva de Rush Finlay quando eu a conheci, e imediatamente gostei dela, porque havia bondade em seu olhar. Além disso, se alguém era capaz de fazer Rush se apaixonar, essa pessoa devia ser especial. Ele era uma das pessoas mais cínicas que já encontrei… até conhecer Blaire. E agora os dois tinham um filho, Nate, e Rush era uma pessoa completamente diferente.

Poder conversar com Blaire era maravilhoso, mas entrar no Kerrington Country Club não era algo que eu queria fazer agora. Blaire havia mencionado casualmente que minha meia-irmã malvada estava em Paris, mas eu ainda estava tensa. Não queria ver Nan. Nunca mais, se possível.

Grant havia saído com Nan. Agora era mais fácil esquecer isso. Ele me amava. Eu sabia disso e estava segura. Mas, ainda assim, Nan era o tipo de beleza com a qual eu não podia competir. Havia me escondido das Nans do mundo até meu pai me botar para morar com ela quando ele saiu em turnê.

– Você parece estar com vontade de vomitar. Está tudo bem? – perguntou Blaire enquanto caminhávamos até a entrada do restaurante no clube onde tomaríamos café naquela manhã.

– Estou ótima – garanti.

A porta se abriu, e fomos recebidas por um cara vestindo o tradicional uniforme de calça social e camisa polo com o monograma do Kerrington Club bordado.

– Bom dia, Sra. Finlay, Srta. Manning – disse ele com um sorriso educado.

– Bom dia, Clint. Jimmy está trabalhando no turno da manhã? – perguntou Blaire.

O sorriso do rapaz cresceu, como se ouvir o nome de Jimmy o deixasse feliz.

– Sim, está.

Blaire deu uma risadinha e agradeceu, e então seguimos até a hostess.

– Dois lugares, Sra. Finlay? – perguntou a menina, desviando rapidamente os olhos de mim como se tentasse não me encarar mas quisesse se certificar de que estava me vendo.

Eu detestava essa fama súbita que viera com o meu pai.

– Por favor, e queremos sentar na área de Jimmy – respondeu Blaire.

A menina assentiu, ainda me encarando com os olhos arregalados. Droga, isso não podia ser bom.

– E… – Blaire fez uma pausa e olhou para o crachá com o nome da menina – April, se algum tipo de veículo de comunicação aparecer aqui no clube, o Sr. Kerrington vai ficar muito irritado. Vou enviar uma mensagem de texto para ele e Della quando nos sentarmos pedindo que a segurança seja reforçada. Entendeu o que eu estou dizendo?

Blaire era durona. Eu queria ser como ela.

A menina balançou a cabeça e engoliu em seco, nervosa.

– Sim, Sra. Finlay, é claro.

Blaire abriu um sorriso para a menina.

– Obrigada, April. Agradeço a sua ajuda.

April corou, como se Blaire tivesse acabado de lhe fazer um grande elogio, e nos acompanhou até nossos lugares. Parecia que a menina não queria deixar a nossa mesa. Mais um pouco e ela pediria

um autógrafo.

– Muito bem, April, pare com a tietagem e deixe as moças respirarem. Elas vieram para tomar café da manhã, não para serem admiradas. Caramba, garota – disse Jimmy enquanto se aproximava da nossa mesa.

A pobre April saiu correndo.

– Ela é nova, mas é um doce. Com o tempo, aprende – disse Jimmy, sorrindo para nós. – Olhe essas duas maravilhosas mulheres vindo aqui sozinhas, sem seus homens superprotetores. Acho que vou aproveitar e dar em cima.

Blaire levantou as sobrancelhas e lançou um olhar cúmplice para Jimmy.

– Acho que o Clint ficaria um pouco chateado se você fizesse isso, não?

Jimmy riu e deu uma piscada para ela.

– Você sacou rapidinho.

– Ele ficou todo sorridente quando perguntei se você estava aqui. Só se eu fosse cega não sacaria.

Jimmy sorriu. Ele sabia que era bonito, mas, acima de tudo, era uma das melhores pessoas que eu havia conhecido em Rosemary Beach.

– O que vocês querem beber? Café, quem sabe? Ou cappuccinos?

Eu tinha orientações rígidas de ficar longe de cafeína.

– Vou tomar um suco de laranja – disse.

– Eu adoraria um cappuccino, obrigada, Jimmy – pediu Blaire, olhando o cardápio.

Eu me perguntei se ela realmente precisava ler o cardápio. Ela havia trabalhado ali até Rush exigir que ela parasse, quando ficou grávida. Imagino que soubesse o cardápio de cor a essa altura.

– A quiche é ótima, mas os pãezinhos de framboesa e queijo também são – sugeriu Blaire.

Escolhi uma quiche e um croissant integral. Estava tentando não comer açúcar – era mais saudável evitar.

– Olha, ele parece estar em uma missão – disse Blaire em um sussurro, e levantei os olhos para ver Woods Kerrington vindo em passos largos na nossa direção.

Ele parecia preocupado. Parou ao lado de nossa mesa e voltou-se para mim. Seus olhos escuros estavam sérios, e Blaire tinha razão: ele não estava para brincadeira.

– Kiro acabou de passar pela nossa segurança. Disseram que ele estava xingando e resmungando que encontraria você. Liguei para o Rush, e ele disse para levar vocês duas para a minha sala e trancá-las lá até ele mesmo falar com Kiro. Os seguranças disseram que ele estava furioso e andou bebendo.

Meu pai estava ali. Ele sabia. Era a única desculpa para estar agindo dessa forma. Blaire se levantou imediatamente e pegou a bolsa.

– Venha, vamos sair daqui.

– Eu preciso ficar aqui – disse Woods. – Kiro tem um motorista, mas não acredito que o cara vá tentar segurá-lo. Kiro é capaz de derrubar todos os meus manobristas se um deles disser a coisa errada.

– Eu levo Harlow até a sua sala – garantiu Blaire a Woods, segurando meu braço. – Vamos lá, eu conheço um caminho pelos fundos.

Eu não precisava fugir do meu pai. Nunca fugi dele e não tinha medo de seus ataques de fúria. Ele nunca ficou bravo comigo. Mas, se ele achasse que o bebê estava me fazendo mal, não ficaria feliz. Ele não estava acostumado a ouvir não e, dessa vez, eu lhe diria não.

– Você acha que pode acalmá-lo? Ou talvez Rush? – perguntei a Woods.

Woods balançou a cabeça.

– Finlay consegue lidar com ele. Vocês duas saiam daqui.

Obedeci e fugi do meu pai. Eu me senti terrivelmente culpada por isso. Fiquei preocupada por ele estar bebendo de novo. Será que Emily estava bem? Havia acontecido algo com ela? Será que ele precisava de mim? Talvez ele não soubesse do bebê. Talvez só estivesse tendo uma crise maluca de bebedeira e sentisse minha falta. Não era como se ele nunca tivesse aparecido na Carolina do Norte desse jeito quando eu era pequena. Sempre que Kiro Manning sentia minha falta, pegava um avião e ia me ver, mesmo que fosse depois de um show em que estivesse completamente doidão. Minha avó detestava quando ele aparecia desse jeito. A única vez em que ele foi até a minha escola, ainda bêbado da noite anterior, contando com a segurança que a fama lhe dava, foi humilhante. Mas ele era meu pai. Eu sabia lidar com isso.

– Onde está ela? E onde está aquele imbecil escroto que a engravidou?! – A voz de Kiro estava arrastada, mas percorreu todo o corredor quando ele entrou no restaurante.

Fiz uma careta e agradeci mentalmente por Grant não estar por perto.

Não consegui ouvir o que Woods dizia, mas sua voz estava dura.

– Rush vai estar aqui a qualquer minuto – sussurrou Blaire, carregando-me até um elevador que nos levaria ao andar de cima.

Não conseguia olhar para ela. A situação era humilhante. Ela havia me dado os parabéns quando chegou naquela manhã ao apartamento de Grant, mas ainda não havíamos realmente falado sobre a minha gravidez ou suas complicações.

Quando estávamos em segurança na sala de Woods, Blaire trancou a porta atrás de nós e soltou um suspiro.

– Nossa, ele está furioso. Você acabou de contar a ele? – perguntou ela, virando-se para mim.

Fui até o sofá de couro macio, afundei nele e segurei a cabeça entre as mãos. Não podia estar ali em cima. Devia estar lá embaixo falando com ele. Ele não ia se acalmar enquanto não me visse. Eu só não conseguia encará-lo ainda. Não queria ouvi-lo me pedir que abortasse o bebê.

– Não. Acho que havia gente da imprensa no consultório médico ontem. Paparazzi, talvez. Não tenho certeza. Eles nos fizeram sair pelos fundos.

Blaire se aproximou e sentou ao meu lado. Pousou a mão nas minhas costas.

– Está nas revistas de fofocas. Sua "visita ao obstetra com o namorado, Grant Carter". Entrevistaram uma mulher do lado de fora do consultório que disse que conhecia Grant e tinha certeza de que era você lá dentro.

Soltei um gemido de frustração. Temia que isso fosse acontecer. Aquela mulher idiota tinha de me reconhecer?

– Preciso ir falar com ele.

– Não. De jeito nenhum. Você não vai falar com ele nesse estado. Rush pode levá-lo para nossa casa e fazê-lo dormir até passar o porre. Quando ele estiver sóbrio, Rush o leva para ver você, mas Grant vai estar ao seu lado quando isso acontecer.

Blaire parecia uma mãe. Eu teria sorrido se conseguisse. Saber que meu pai estava lá embaixo, berrando minha vida particular para todo o clube, me deixou à beira das lágrimas.

Meu telefone começou a tocar, e Blaire o pegou dentro da minha bolsa. Depois de conferir quem era, entregou-o a mim.

– É o Grant – disse ela.

Senti meu coração apertar. Eu o queria muito ali.

– Alô – falei, com a voz trêmula e os olhos se enchendo de lágrimas.

– Estou a caminho. Rush está com Kiro no carro e vai levá-lo para a casa dele. Woods vai subir para pegar você em um minuto e levá-la para casa. Blaire pode ficar com você até eu chegar. Está tudo bem?

Balancei a cabeça e funguei, e então me dei conta de que ele não podia me ver.

– Acho que sim – respondi.

– Não, não está. Merda. Eu não devia ter deixado você. – E eu o escutei dizendo um palavrão e batendo em alguma coisa. – Estou a caminho, gata. Estou a caminho. Seja forte para mim, está bem?

– Pode deixar – garanti a ele. – Dirija com cuidado.

– Sempre.

Grant

Maldito Kiro. Se o sujeito não fosse pai da Harlow, eu iria enfiar a mão na cara daquele cretino. Ele havia invadido o clube e a deixara chateada. Aquele bêbado escroto nem sequer pensou em como isso afetaria Harlow.

Cheguei em casa na metade do tempo normal. Furei três sinais vermelhos e ultrapassei todos os limites de velocidade, mas agora estava ali. Bati a porta do carro atrás de mim e subi correndo as escadas que levavam ao meu apartamento. Harlow não precisava ficar chateada. Ela tinha que ficar tranquila e feliz.

Abri a porta da frente e segui na direção das vozes. Blaire estava servindo dois copos d'água, e Harlow estava sentada no sofá com as pernas dobradas sob o corpo. Quando me viu, percebi alívio em seus olhos. Atravessei a distância que nos separava com três longos passos e a puxei para os meus braços.

– Estou aqui. Agora está tudo bem.

E então ela começou a soluçar.

Eu ia matar Kiro Manning.

Passei a mão na cabeça dela e sussurrei palavras doces, garantindo que, agora que eu estava ali, estava tudo bem. Implorei que não chorasse, mas ela se agarrou a mim e encharcou minha camisa com lágrimas. Mais uma vez, eu estava desamparado. Não sabia ao certo por que ela estava chorando tanto, mas sabia que tinha a ver com o pai, e isso bastava para botá-lo na minha lista negra.

– Isso não faz bem para você – lembrei a ela.

Não consegui dizer que não fazia bem para o bebê, porque, por mais que tentasse, não conseguia me importar com qualquer outra coisa além da saúde de Harlow.

– E para o bebê – disse Blaire, aproximando-se.

Olhei para ela por cima da cabeça de Harlow, e ela me encarou fixamente, repreendendo-me pelos pensamentos que parecia saber que estavam na minha cabeça.

– Beba a água e respire fundo algumas vezes – continuou, tocando o braço de Harlow.

Harlow estava fungando e soluçando, mas parou de chorar e pegou o copo d'água. Blaire havia pronunciado as palavras mágicas. A essa altura, eu não me importava quais haviam sido as palavras, estava apenas agradecido por ela ter se acalmado.

– Sinto muito – sussurrou Harlow, tomando um gole d'água.

Estava com os olhos vermelhos e inchados, e o rosto afogueado e molhado.

– Não, não se desculpe. Eu só quero que você se acalme – falei a ela.

Mantive o braço ao redor dela e acariciei a pele do ombro e do braço nus, tentando tranquilizá-la.

– Eu simplesmente fugi dele. Nunca fujo do meu pai, mas eu simplesmente fugi e me escondi. Ele deve estar pensando… Não sei o que ele está pensando. Eu só não estava pronta para enfrentá-lo.

Ela sabia que ele iria pedir que ela fizesse um aborto. Dizer não ao pai seria difícil. Ela adorava aquele homem. Eu não sabia ao certo por que, já que ele era o pior pai do mundo, embora tivesse a doce Harlow como filha. Imaginava que Emily Manning devia ter sido uma mulher incrível para

Harlow ter superado os genes herdados daquele homem.

Deus sabe que Nan tinha todas as características ruins do pai, além das de Georgianna.

– Você precisava esperar que ele ficasse sóbrio. Fez a coisa certa – garantiu Blaire.

Harlow bebeu a água e ficou olhando fixamente para a frente, contemplando o nada. Eu detestava vê-la daquele jeito, mas encarar o pai não era algo que eu pudesse impedi-la de fazer. Kiro estava acima da lei. Ele havia provado isso depois dos últimos incidentes. Ninguém quisera prestar queixas.

– Quando ele acordar, quero vê-lo. Não vou me sentir melhor enquanto não o encontrar – sussurrou ela, sem olhar para Blaire ou para mim, ainda olhando para a frente.

– Rush vai ligar no instante em que achar que Kiro está pronto para vir – eu respondi.

Eu havia falado com Rush no caminho para casa. Ele estava cuidando de Kiro e havia me prometido que avisaria assim que conseguisse deixá-lo sóbrio. Bethy estava tomando conta de Nate. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que Blaire fosse embora para ficar com Nate.

– Ele vai exigir que eu faça um aborto – disse Harlow, finalmente olhando para mim.

Eu não podia dizer a ela que ele não faria isso. Eu não tinha dúvida de que ele praticamente a colocaria dentro da limusine e tentaria levá-la até a melhor clínica de aborto de Los Angeles. Eu me dei conta de que ele queria o mesmo que eu, mas a diferença era que eu me recusava a permitir que ele a obrigasse a fazer qualquer coisa.

– Por que não descansa um pouco? Deixe Grant abraçar você e tente não pensar nisso. Apenas lembre-se de que o bebê precisa que você fique calma. E Grant precisa que você fique bem – disse Blaire. – Vou buscar Nate, que está com Bethy. Daqui a pouco é a hora da soneca dele, e Bethy não vai conseguir fazê-lo dormir.

Harlow balançou a cabeça e se afastou de mim para abraçar Blaire.

– Obrigada por tudo. De verdade. Sinto muito que nosso dia tenha sido estragado desse jeito.

– Eu também sinto muito, mas vamos compensar. Agora você se preocupa em cuidar de você e do bebê. Deixe Grant tomar conta de você.

As palavras de Blaire foram gentis, mas firmes. Ela parecia saber como falar com Harlow.

– Obrigado – falei.

Ela sorriu e deu um tapinha em meu braço.

– Você está no controle. Vai ficar tudo bem – disse baixinho antes de ir embora.

Quando a porta se fechou atrás de Blaire, Harlow se virou para mim e soltou um suspiro cansado.

– Acho que também quero tirar um cochilo.

Ótimo. Ela precisava descansar.

– Vamos, meu bem. Vamos para a cama, e eu vou inclusive deixar você me usar como travesseiro.

Um leve sorriso apareceu no rosto triste dela.

– Uma proposta que qualquer garota teria dificuldade de recusar.

Passei o braço por cima de seu ombro.

– É, mas você é a única garota para quem eu ofereceria meu peito como travesseiro.

– Que sorte a minha – disse ela em tom provocante.

– Não, que sorte a minha – respondi.

Meu telefone me acordou horas mais tarde. Me soltei do corpo de Harlow e silenciei o celular até conseguir sair do quarto. Olhando para a tela, vi o nome do meu pai. Ele estava furioso. Eu não havia resolvido os problemas do trabalho, e ele provavelmente acabara de ficar sabendo que eu tinha saído sem dar qualquer explicação.

– Alô – falei, preparando-me para ouvi-lo berrar.

– É verdade? – perguntou, e eu olhei de novo para o celular para ter certeza de que era mesmo ele.

Sim. Era mesmo o meu pai.

– Do que você está falando? – perguntei, confuso.

– Você engravidou a filha de Kiro Manning? A que tem o problema cardíaco?

Merda. Quando foi que meu pai começou a se interessar por fofoca de celebridades?

– Não fale assim. Estou apaixonado por ela. Não era um casinho qualquer. Nós estávamos em um relacionamento sério quando isso aconteceu.

Ele ficou em silêncio por um instante, e então soltou um gemido de frustração.

– Filho, se a notícia for verdadeira, ela tem um problema cardíaco congênito. Não é recomendável ter um bebê. Ela pode morrer.

Ele achava que eu não sabia disso? Eu não era um idiota.

– Eu sei disso – respondi com os dentes cerrados.

– E filha de Kiro Manning? Sério? Você não aprendeu nada vendo essa gente e andando com Rush?

Meu pai fora casado com a mãe de Rush, Georgianna. Eu era pequeno quando os dois se casaram, e o relacionamento durou pouco. Ele não era muito fã de ninguém que tivesse ligação com a família.

– Ela não tem nada a ver com eles. Ela é… maravilhosa, pai. Ela é boa demais para mim, ela me ama.

– O coração dela…

– Eu sei do coração dela! Caramba, eu entendo o que pode acontecer. Não quero que ela tenha o bebê. Quero salvá-la, mas ela está decidida. Ela já ama muito a criança e se recusa a escutar quando dizem que não pode trazê-la ao mundo. E eu a amo demais para ir embora apenas para evitar que meu coração seja destruído. Não posso deixá-la, então, se é isso que ela quer, vou correr esse risco e ir em frente com ela e rezar feito louco para não a perder.

Após um longo silêncio, meu pai falou:

– Eu nunca amei uma mulher desse jeito. Mas fico feliz que você tenha encontrado isso. Apenas tome cuidado. Ligue se precisar de mim. E volte para Sandestin amanhã e resolva os problemas.

– Sim, senhor – respondi.

– Tchau – disse ele.

Chamada encerrada.

Ele nunca dizia que me amava e nunca se aprofundava muito na conversa. Nosso relacionamento era baseado em negócios. Eu costumava me perguntar se ele sequer ligaria para mim se eu não trabalhasse para ele, de modo que fiquei impressionado com a nossa conversa. Aquela foi a primeira vez que ele admitiu não amar a minha mãe. Sempre achei que ele a amasse, e que ela havia acabado com ele. Ela era uma mulher linda, egoísta e ambiciosa que trocava um marido por outro mais rico com regularidade. Às vezes, ela se conformava com velhos ricos para mantê-la cercada de

luxo. Da última vez em que havia falado com minha mãe, ela estava… Caramba, eu nem sabia onde ela estava morando. Fazia muito tempo.

Larguei o telefone e voltei para o quarto. Imaginei se meu pai voltaria a perguntar sobre Harlow e o bebê.

Meu bebê querido,

Você veio a este mundo com algo especial com que muitas crianças não são abençoadas: um pai maravilhoso. Eu sei que, quando ler esta carta, saberá quanto seu pai é maravilhoso. Ser amado por ele é viver. E eu vivi porque ele me amava.

Você também tem o amor dele agora. Talvez nós dois estejamos compartilhando esse amor. Se estivermos, somos as duas pessoas mais sortudas do mundo.

A experiência com meu pai foi mais complicada. Ele era um tipo diferente de pai. Ele me amava, e eu nunca duvidei disso, mas ele é único, *como tenho certeza que você já sabe. Imagino que ser neto de Kiro Manning seja interessante. Espero que você não seja o* único *por muito tempo. Seu tio Mase terá filhos um dia, e eu sei que você terá um relacionamento próximo com eles.*

Seu avô pode tomar atitudes que vão fazer você questioná-lo, mas, quando estiver confuso em relação ao que sente por ele, saiba que eu o amo. Ele foi o meu mundo por muito tempo. Depois que perdeu sua avó, ele ficou diferente, nunca mais foi o mesmo. Isso o mudou. Então, ame-o de qualquer maneira. Mesmo quando ele agir de um jeito maluco, ame-o. Ame-o porque eu o amo. Porque ele me ama e porque ele não conseguirá deixar de amar você.

Eu espero que um dia possamos nos enroscar juntos em sua cama e dar risada de alguma coisa que ele tenha dito ou feito. Ele é uma pessoa inesquecível e amará você. Sei que amará.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

Abri os olhos, e só havia eu na cama. Meu travesseiro Grant não estava ali, mas eu estava coberta e ainda era possível sentir o calor de Grant no travesseiro em que ele havia dormido. Então eu o ouvi.

Meu pai tinha chegado.

Grant estava falando, mas eu não conseguia escutar o que ele dizia. Sentei e respirei várias vezes. Tinha que me manter calma. Ficar tensa não era bom para o bebê. Eu precisava proteger o bebê. E precisava proteger a mim mesma. Levantei-me, passei a mão pelos cabelos e me olhei no espelho. Meus olhos ainda estavam ligeiramente inchados de mais cedo, mas eu parecia descansada.

Kiro levantou a voz, e eu sabia que Grant precisava que eu o salvasse. Meu pai estava de péssimo humor. Eu tinha que me lembrar de que ele estava apenas assustado. Ele já havia perdido muita coisa na vida.

O ambiente ficou em silêncio quando abri a porta, e os dois se viraram para mim. Dei um sorriso tranquilizador para Grant antes de voltar minha atenção para meu pai. Ele estava com uma aparência péssima. Havia perdido peso desde a última vez que o vira, e tinha olheiras profundas. Não estava usando joia nenhuma. Se não fosse coberto de tatuagens, seria um homem velho qualquer. Mas ele era um deus do rock. O grande deus do rock. Meu pai.

– Oi, papai – eu disse, quebrando o silêncio que havia se instalado na sala.

O rosto dele se contorceu de dor, e ele balançou a cabeça.

– Você não pode fazer isso, meu bebê. Não vou deixar. Eu preciso de você. Arriscar a sua vida certamente está fora de questão. Vou levar você comigo para resolver isso.

– Não – interrompi-o. Eu sabia o que ele ia dizer, mas ouvi-lo foi difícil demais. – Não – repeti, de maneira enfática. – Eu vou ficar aqui. Tenho um obstetra especializado em gestações como a minha. Ele trabalha em conjunto com um cardiologista, e vou vê-lo semanalmente. Sim, esta é uma gravidez de alto risco em comparação com as normais, mas sou considerada de baixo risco na minha categoria. O médico está seguro em relação a isso.

– Mas ainda há um risco. Por quê? Por que fazer isso comigo? Você sabe que eu preciso de você. Isto… esta… coisa não é sequer um bebê ainda. É só um feto. E pode matar você, Harlow. Não posso permitir que nada tire você de mim. Sua mãe não iria querer isso. Emmy ficaria arrasada. É alguma coisa religiosa? É alguma merda que a sua avó lhe ensinou? Porque é bobagem! Está me ouvindo? *Bobagem*.

– *Papai!* Pare. Eu quero este bebê. É o nosso bebê. Meu e de Grant. Eu amo este bebê… E é um bebê, não uma coisa. É *nosso* bebê, e eu o amo muito.

Minha voz falhou, e Grant veio para o meu lado em um instante, passando o braço sobre meus ombros.

Kiro olhou para Grant, e seu olhar cintilou de fúria.

– Isso é culpa sua – disse.

– Papai, não…

– Se ela morrer, eu mato você. Está me entendendo, garoto? Eu acabo com a sua raça.

– Papai, pare…

– Ela é tudo o que eu tenho. Você pode fazer bebês em alguma mulher que não vá morrer. Você

não precisava engravidar a minha menininha… a única coisa que me resta da Emmy. – Kiro balançou a cabeça. – Você não sabe como é amar alguém como eu amo Emmy. Você não faz ideia. E Harlow é parte de Emmy. Minha Emmy.

Senti enjoo e dor no peito. Detestava ouvi-lo falar de Emily, minha mãe. Ele ainda sofria pela vida que perdera com ela. Partia meu coração pensar nisso agora que eu sabia da verdade por trás da imagem de roqueiro do meu pai.

– Harlow é o meu mundo. Eu a amo e farei qualquer coisa para protegê-la. Ela é a minha única preocupação. Mas ela quer este bebê, e eu não vou obrigá-la a fazer algo que não queira. – O tom de voz de Grant foi sério e tenso.

Kiro continuou olhando para ele furiosamente.

– É mesmo? Porque você certamente não estava pensando na saúde de Harlow quando trepou com ela sem proteção – disse ele com raiva.

Grant recuou.

– Papai, por favor, pare com isso.

– Eu não sabia do coração dela. Eu jamais teria… – Grant engoliu em seco e respirou fundo. – Eu jamais teria feito qualquer coisa para prejudicá-la. Não fazia ideia de que ela tinha esta doença. E não estava tentando engravidá-la.

– Mas você a engravidou – disse Kiro em um tom furioso. Então voltou a atenção novamente para mim. – Você sempre soube que não poderia ter filhos, Harlow. Não foi algo que tenhamos escondido de você. Eu a alertei durante toda a vida que você precisava tomar cuidado, se preservar, que seu coração não era tão forte como o das outras pessoas.

Eu vivia com medo quando criança porque Kiro havia me convencido de que se eu tivesse qualquer emoção forte meu coração pararia de bater. Eu não compreendia o que havia de errado com ele, mas sabia que era defeituoso. Eu detestava que ele fosse defeituoso.

– Eu não quero viver a vida como se eu tivesse um defeito. Eu sou forte, papai. Provei isso ao longo dos anos. Preciso que você acredite em mim. Confie que eu posso fazer isso, porque eu vou fazer. Grant não pode me fazer mudar de ideia, você não pode me fazer mudar de ideia e nenhum médico pode me fazer mudar de ideia. Eu quero este bebê. Eu quero o nosso bebê – falei, segurando a mão de Grant e entrelaçando os dedos nos dele.

Kiro jogou as mãos para o alto e disparou um monte de palavrões, então apontou para nossas mãos entrelaçadas.

– Aproveite isso, porque você a está matando – berrou para Grant. – A vida sem o amor da mulher que é dona do nosso coração é a merda de um pesadelo vazio. Pode se preparar, porque eu já vivi esse inferno. Eu sei como é.

Ele deu um passo na minha direção e segurou meu rosto com as duas mãos.

– Eu amo você. Você é a minha menininha. Sempre foi – sussurrou Kiro, dando um beijo na minha bochecha. Então se virou e saiu pela porta sem dizer mais nada.

Esperei que a ausência dele se tornasse uma realidade. Ele estava com raiva, mas estava indo embora. Eu sentiria falta dele, mas sabia que, depois que eu sobrevivesse a isso, ele voltaria. Ele faria parte da vida do nosso bebê e amaria o neto. Eu só precisava viver por todos nós.

Grant puxou a minha mão até o peito dele. Estava com o corpo tenso, e eu sabia que as palavras que meu pai havia disparado contra ele iriam assombrá-lo. Kiro não sabia que havia acabado de atirar todos os medos de Grant na cara dele.

– Vou ficar bem. Eu consigo fazer isso – eu disse a ele com um tom firme, que deixava pouca margem para dúvidas. Eu era forte. Ia mostrar a todos eles quanto era forte.

– Você precisa ficar bem. Eu não posso… não posso viver sem você – respondeu Grant, a voz cheia de emoção.

Foi a minha vez de tranquilizá-lo. Levantei as mãos e puxei o rosto dele na direção do meu para dar um beijo firme em seus lábios. Ele se entregou a mim imediatamente, e seus braços se enroscaram no meu corpo enquanto me beijava com todo o amor, a paixão e o carinho que Grant Carter representava.

Grant

Blaire remarcou o dia das garotas e convidou também Della para almoçar e ir ao spa. A ideia de Harlow sendo mimada me alegrou. Desde que as pessoas que a tocassem fossem mulheres. Blaire me garantira que seriam, e riu de mim.

Eu havia resolvido o problema em Sandestin e não precisava trabalhar, mas sabia que seria bom para Harlow ter um tempo com as amigas. Queria dar espaço a ela. Então Woods ligou e perguntou se Rush e eu queríamos nos juntar a ele para uma partida de golfe. Fazia um tempo que não jogávamos. Eu sabia que todos estariam pensando na ausência de Jace.

Havia saído da caminhonete e estava pegando os tacos na carroceria quando senti um perfume familiar. Merda. Ninguém havia me contado que Nan estava de volta à cidade. Tirei a bolsa da carroceria e me virei para Nan. Meu maior erro.

– Você está com uma aparência melhor do que a última vez que o vi – disse ela com um sorriso.

– Eu estou melhor. Aproveitou Paris? – perguntei, pendurando a alça da bolsa no ombro.

– Sempre aproveito Paris – respondeu ela, dando um passo na minha direção e passando a mão no meu peito. – Sinto sua falta. Sinto falta das coisas que você sabe fazer com essa boca.

Ela passou o dedo sobre meus lábios. Balancei a cabeça e comecei a recuar, mas não fui rápido o bastante. Nan deslizou a mão nos meus cabelos e os agarrou, colando a boca na minha. Primeiro, fiquei em choque, mas só por um segundo, antes de empurrá-la para trás, interrompendo o beijo.

– Que merda é essa? – perguntei, furioso. – Você não pode fazer isso. Eu não estou disponível. E, mesmo que estivesse, não estaria disponível para você.

Nan olhou com raiva para mim.

– Não está disponível? Não me diga que Harlow voltou – disse ela, cheia de ódio na voz, como se odiasse pronunciar "Harlow".

– Harlow está de volta e está grávida. *Do meu filho* – falei.

Nan franziu a testa.

– Grávida? – repetiu.

Assenti, um pouco confuso com o orgulho que veio com aquelas palavras. Detestava que ela estivesse grávida. Detestava que ela corresse perigo. Mas tinha orgulho de dizer que parte de mim estava dentro de Harlow.

– Ela não pode engravidar – disse Nan lentamente. – Ela tem uma doença cardíaca. Que merda você estava pensando?

De todas as pessoas do mundo que eu esperava que me culpassem, que me condenassem por isso, jamais esperei que Nan fosse uma delas.

– Ela não pode ter um bebê – repetiu, como se não tivesse certeza de que eu havia entendido a informação.

– Ela vai ter o bebê. Tentei convencê-la a tirar, mas ela se recusa a me ouvir. Ela não quer… ela já ama o bebê – expliquei, pensando que era um pouco esquisito estar me explicando para Nan.

Ela pôs a mão na cintura e me observou por um instante antes de continuar a falar.

– Então você vai simplesmente deixá-la ter um bebê que acabará por matá-la? Kiro sabe disso?

– Ele esteve aqui dois dias atrás. Você não o encontrou por pouco.

Nan revirou os olhos. Ela não era grande fã do próprio pai. Ele a negligenciara durante a maior parte da vida e foi um custo reconhecê-la como filha, enquanto sempre amou e idolatrou Harlow. Havia muita amargura no que ela sentia pelos dois.

– Que pena que eu perdi isso – disse ela com sarcasmo.

– Preciso ir. Rush e Woods estão esperando por mim – falei, virando-me para deixá-la ali.

Não queria mais papo com Nan. Era estranho, eu me sentia como se estivesse enganando Harlow apenas por conversar com sua irmã.

– Posso ir junto? – perguntou ela.

– Não, não pode – a voz de Blaire me surpreendeu, e eu me virei e a vi caminhando na nossa direção, enquanto Harlow e Della ficaram paradas na entrada principal do clube.

Harlow parecia estar à beira das lágrimas, e a dor em seus olhos me fez largar a bolsa dos tacos e correr em sua direção.

– Não me lembro de ter perguntado a você, Blaire – disparou Nan.

– Você não me perguntou, mas eu respondi – retrucou Blaire.

Não fiquei ali para mediar o embate. Elas eram cunhadas, mas nunca construíram nenhum tipo de relação. Duvidava que algum dia isso viesse a acontecer.

Della me encarava furiosa enquanto eu subia a escada até onde ela e Harlow estavam paradas.

– O seu carro está aqui, Srta. Sloane – disse o manobrista quando me aproximei.

– Ainda não estamos prontas. Só um minuto, por favor – respondeu Della, voltando o olhar irritado na minha direção.

Observei o rosto de Harlow e a vi baixando os olhos para o chão. Tinha alguma coisa errada. Della estava pronta para bater em mim, e Harlow parecia prestes a cair no choro.

– Gata, o que houve? – perguntei, tocando seu rosto em uma tentativa de fazê-la olhar para mim.

Harlow levantou o rosto, mas continuou olhando para outro lado.

– Por que não pergunta aos lábios de Nan? – disparou Della contra mim.

Ah. Merda!

– Você viu aquilo? – perguntei a Harlow em pânico, e me dei conta de que não era a reação mais inteligente.

– Sim, todo o restaurante viu – respondeu Della em seu lugar. – Nós estávamos saindo.

Aquilo não era bom. Chatear Harlow era a última coisa que eu queria fazer.

– Eu a empurrei. Não esperava que ela fizesse aquilo. Eu estava dizendo que ia jogar golfe, e ela simplesmente me atacou. Eu não sabia…

– Você continuou conversando com ela. Não pareceu irritado – disse finalmente Harlow com a voz baixa, interrompendo minhas desculpas.

Merda.

– Eu contei a ela sobre o bebê, e ela ficou surpresa. Ela sabe sobre o seu coração. Falamos sobre a visita de Kiro. E sobre sua saúde. Eu juro, foi isso. Sei que parece maluco, mas ela ficou realmente curiosa. E pareceu preocupada, o que eu também estou tendo dificuldade para acreditar.

Os olhos de Harlow se ergueram na minha direção, e então ela olhou para Della.

– Está bem. Eu vou ao spa com Blaire e Della. Podemos falar sobre isso depois.

Ela ainda estava chateada. Caramba, eu não queria que ela me deixasse ainda estando chateada.

– Vamos para casa. Podemos conversar. Não gosto de ver você aborrecida. Juro que não a beijei.

Ela me surpreendeu, e eu levei um instante para reagir. Não sinto nada por ela. Nada, Harlow. Você é tudo o que eu amo. Você.

Harlow observou meu rosto, e então balançou a cabeça.

– Foi difícil assistir – disse ela.

Se ela tivesse enfiado uma faca na minha barriga, teria doído menos. *Caramba, Nan*. Ela fazia esse tipo de merda para causar problemas. Seria melhor se tivesse ficado em Paris.

– Você não deveria ter visto aquilo. Eu devia estar preparado para ela fazer alguma coisa parecida e tinha que ter me prevenido. Achei que depois da última vez que nos falamos ela tivesse entendido que não estou interessado. Que sou completamente seu.

Harlow deu um leve sorriso.

– Precisamos ir. Nos vemos mais tarde. Divirta-se jogando golfe com os meninos – falou ela, parecendo menos magoada e mais aliviada.

Abaixei a cabeça para beijá-la, e ela virou o rosto para meus lábios tocarem sua bochecha. Ela deu um passo para trás e abaixou a cabeça.

– Desculpe-me, mas ela ainda está nos seus lábios. Dá para ver o gloss. Eu não posso… – disse, descendo a escada com Della logo atrás.

Blaire estava parada ao lado do carro com a mão sobre a boca para esconder o riso.

Olhei irritado para Blaire, que encolheu os ombros e deu mais uma risada antes de entrar no carro. Harlow olhou de novo para mim e acenou discretamente enquanto também entrava. Então o manobrista fechou a porta e elas foram embora.

Droga.

Meu bebê querido,

Você tem muitas pessoas que o amam nesta vida. Imagino que adore encontrar Nate. Ele é alguém com quem você pode se identificar e será como parte de sua família. Rush sempre foi como parte da minha. Não é fácil crescer sendo filho de um astro de rock, e Rush e eu tínhamos isso em comum.

Espero que você os chame de tio Rush e tia Blaire. Sei que eles vão receber você de braços abertos. Não consigo pensar em duas pessoas melhores para convidar para ser seus padrinhos.

Também há Woods e Della. Eles são amigos especiais, o tipo de pessoas que eu jamais imaginava conhecer, mas, mais uma vez, eles são um presente que seu pai me deu. Ele me deu muitos presentes. Imagino que Woods e Della já tenham filhos e que você seja amigo do clã dos Kerrington. Quando estava grávida de você, Woods e Della me ajudaram mais de uma vez. Valorizo muito a amizade deles.

Já falamos sobre o seu tio Mase. Ele vai ser especial em sua vida. Depois que vir você pela primeira vez, você conquistará o coração dele. Eu o conheço bem demais. Tem um coração mole. Abrace-o bastante e diga a ele quanto o ama por mim. Mesmo que eu esteja ao seu lado, ele vai adorar. Ele gosta de atenção.

A mãe dele, sua tia Maryann, foi a primeira pessoa a protegê-lo. Ela moveria montanhas por você se fosse preciso. Saiba que, se algum dia você precisar de alguma coisa e não souber a quem recorrer, pode procurá-la. Ela é sábia e sempre tem um bom conselho para dar.

E há ainda sua tia Nan. Eu nem sei se você vai chamá-la de tia. Não tenho certeza se ela vai fazer parte de sua vida de alguma maneira. Espero que sim. Eu mesma me surpreendo ao dizer isso, mas espero que você tenha um relacionamento com ela. Acho que ela foi rejeitada tantas vezes na vida por pessoas que deveriam amá-la incondicionalmente que acabou se tornando amarga. Isso a marcou. Quero que ela encontre a felicidade e uma forma de se curar. Talvez nós dois vejamos isso acontecer. Espero que sim.

Então, sabe, você já tem uma família. Pessoas que estão prontas para conhecer e amar você e que estarão presentes ao longo de toda a sua vida. Você nunca vai estar sozinho. É a coisa que mais me tranquiliza quando deito para dormir à noite.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

A imagem das mãos de Nan nos cabelos de Grant enquanto ela o beijava estava me atormentando. Della e Blaire haviam passado as últimas horas tentando me distrair disso, e eu fingi que havia superado, mas não havia. Só conseguia pensar que Nan era saudável. Ela seria capaz de lhe dar bebês sem motivo para temores. Bebês saudáveis. Ela estaria aqui se eu não estivesse.

A ideia de que Grant poderia amar outra pessoa algum dia doía muito, mas, por outro lado, esse egoísmo me deixou furiosa comigo mesma. Se alguma coisa acontecesse comigo, eu queria que Grant encontrasse a felicidade novamente. Queria que alguém o amasse e lhe desse a vida que ele merecia. De verdade.

Desde que não fosse Nan.

Meu Deus, isso era muito errado? O que havia acontecido comigo? Eu era uma pessoa legal. Sempre fui uma pessoal legal, mas agora… Argh. Estava com nojo de mim mesma. Não sabia o que sentia. Minhas emoções estavam uma zona. Ficava sempre chorosa e carente. Eu não era uma pessoa chorosa e carente.

– Ele já está em casa. Aposto como está andando de um lado para outro, se preocupando horrores – disse Blaire com um sorriso. – Não seja muito dura com ele. Eu acho que a Nan realmente o atacou. Ele vai aprender a manter distância.

Concordei. Ela tinha razão. Eu sabia que tinha, e agora a ideia de Grant ter passado o dia todo preocupado fez com que eu me sentisse ainda pior.

– Eu não deveria ter sido tão dura com ele – falei.

– Ah, deveria sim. Ele se livra de muita coisa por ser tão encantador. Ele precisava ser lembrado de que não pode permitir que esse tipo de coisa aconteça. Se você não deixasse claro que isso incomoda você, poderia voltar a acontecer de novo com outra pessoa – explicou Blaire.

Eu confiava nela. Ela amava Rush, mas já havia enfrentado suas próprias batalhas com Nan. Nan era a irmã caçula de Rush e havia crescido com ele na casa de Georgianna, mãe dos dois. Rush passara a maior parte da vida criando Nan e tomando conta dela. Quando Blaire entrou na vida dele, Nan não lidou bem com isso.

– Obrigada por hoje. Gostei muito – disse a elas.

– Que bom que conseguimos este dia. Eu estava com saudade de vocês – falou Della.

Seu sorriso era sempre muito sincero e gentil.

– Haverá outros – garantiu Blaire. – Só que, da próxima vez, vou fazer Bethy sair conosco. Nem que seja à força.

Blaire havia implorado a Bethy que viesse, mas ela disse que tinha coisas para fazer em casa. Blaire contou que ela se fechava sempre que não estava trabalhando no clube. Ela estava claramente piorando em vez de melhorar.

– Vejo vocês depois – despedi-me, saindo do carro.

Antes que meu pé tocasse o primeiro degrau, a porta da frente se abriu e Grant apareceu no topo da escada. O rosto dele estava cheio de preocupação e medo. No fundo, eu sabia que o que eu havia visto mais cedo não era culpa dele. Ainda assim, não era a cena mais fácil de assistir. Eu não tinha conseguido tranquilizá-lo quando o deixei no clube. Estava chateada e não me culpava por isso. Ele

sentiria o mesmo se estivesse no meu lugar. Pela expressão em seu rosto, ele havia se preocupado com aquilo o dia inteiro.

– Eu sinto muito – dissemos em uníssono.

Grant franziu a testa.

– Por que *você* sente muito? – perguntou ele quando parei diante dele.

– Por deixar você preocupado o dia todo. Eu não deveria ter feito isso. Foi errado.

Grant soltou um gemido e esfregou as mãos no rosto.

– Harlow, por favor, não piore ainda mais a situação. Eu já estou me sentindo um cretino, se desculpar desse jeito faz com que me sinta ainda mais cretino.

Estendi o braço e tirei a mão dele do rosto.

– Você não devia tê-la deixado chegar tão perto. No futuro, previna-se melhor. Mas foi um erro, e eu entendo isso. Não acho que quisesse beijá-la.

Ele me puxou contra seu corpo e me empurrou contra a porta, cobrindo meus lábios com os dele. O sabor de menta em sua boca fez com que eu me perguntasse quantas vezes ele havia escovado os dentes. Sorrindo contra seus lábios, deslizei um braço por trás do pescoço dele e lambi o canto de seus lábios, puxando sua língua para dentro da minha boca e a sugando.

Em segundos, as mãos de Grant estavam embaixo da minha blusa. Elas envolveram meus seios enquanto ele pressionava a ereção contra a minha barriga. Era exatamente do que eu precisava depois de um dia pensando nos lábios de Nan em Grant.

Ele interrompeu o beijo, e eu comecei a reclamar quando ele abriu a porta.

– Entre antes que a gente seja preso por atentado ao pudor – rosnou.

Dando uma risada, entrei rapidamente, mas não fui muito longe antes de Grant me empurrar contra a parede, beijando meu pescoço e dando mordidinhas em meu ombro. Senti a dureza com que ele havia me provocado do lado de fora encostando na minha bunda enquanto ele mexia os quadris num movimento circular. Tudo o que pude fazer foi colocar as duas mãos na parede para me equilibrar e aproveitar a sensação.

Ele abaixou meu short, junto com a calcinha, e eu me livrei deles obedientemente. As mãos dele estavam no meu bumbum, envolvendo-os enquanto abria minhas pernas. Antes que eu me desse conta do que ele estava fazendo, senti sua boca em minha fenda. Dei um grito e me joguei contra a parede, enquanto a língua dele dançava entre os lábios.

– Ai, meu Deus, não consigo ficar de pé – gritei, sentindo os joelhos fraquejarem.

Grant levantou a mão, agarrou minha cintura e me virou de frente.

– Ponha suas pernas sobre os meus ombros – disse, olhando para mim enquanto me pegava pela cintura. – Estou segurando você. Não vou deixá-la cair.

Fiz como ele orientou, e ele segurou meus quadris e me empurrou contra a parede antes de dar continuidade a seus esforços para me levar à loucura. Agarrei aquilo de que eu gostava tanto quando ele me chupava: seus cabelos. Ele parecia gostar. O beijo dele sempre ficava mais intenso quando eu começava a puxar seus cachos fartos.

Eu arfava e gemia, sem me preocupar se iria cair dos ombros dele, desde que ele continuasse fazendo aquilo. Quando eu estava prestes a me desmanchar, ele parou, e seus olhos encontraram os meus.

– Está pronta para gozar?

Assenti com a cabeça, com medo de berrar que sim se abrisse a boca.

Grant sorriu maliciosamente, e então colocou a língua para fora antes de abaixar a cabeça e passar três vezes a ponta sobre minha parte mais sensível, puxá-la para dentro da boca e sugá-la. Eu pirei completamente. Tinha certeza de que os vizinhos podiam ouvir meus gritos. Mas não me importei.

Grant

No dia seguinte, no consultório médico, Harlow estava deitada na mesa de exame com a blusa levantada e a barriga à mostra para o ultrassom. Ainda não tinha saliência alguma. Não dava para dizer que havia algo ali dentro. Ela parecia normal. Bem, tão normal quanto uma pessoa muito ansiosa consegue parecer. Ela havia passado a manhã preparando o café, embora nunca preparasse nada. Então ficou uma hora tentando decidir o que vestir. Eu podia ver que ela estava nervosa, até parecia que seríamos apresentados ao bebê e ela queria causar uma boa impressão.

Estávamos no consultório do médico para ouvir os batimentos cardíacos. Eu havia pesquisado o processo no Google e descoberto que, se não ouvíssemos os batimentos, significava que o bebê não havia chegado até ali. Harlow não havia tido sangramento ou cólicas, mas, aparentemente, isso não descartava a possibilidade de um aborto espontâneo.

Perder esse bebê a deixaria arrasada. A ideia de vê-la de coração partido não era algo que eu desejasse, mas eu não sabia ao certo o que queria ouvir hoje. Eu só queria que Harlow estivesse bem. Segura. Precisava que ela estivesse segura. E feliz. Eu só não sabia se havia como ter as duas coisas.

Mais uma vez, estava completamente desamparado. Detestava aquela sensação.

– Muito bem, estão prontos? – perguntou o médico, olhando para Harlow.

De alguma forma, ele soube que não devia me perguntar, porque eu não estava pronto. Se ouvíssemos os batimentos cardíacos e fosse um feto saudável, a situação não estaria terminada, e eu teria de continuar vivendo com medo de perder Harlow. Mas, se não ouvíssemos os batimentos, a dor que ela sentiria poderia ser demais para ela suportar.

– Sim – disse Harlow.

O médico não deixou de perceber o entusiasmo e o nervosismo na voz dela. Ele sorriu de maneira tranquilizadora. Fazia isso o tempo todo. Parecia otimista, o que era bom. Ou não. Caramba, eu não sabia mais o que era bom.

Então aconteceu. O som que mudou tudo.

Uma batida rápida e constante encheu o ambiente, e tudo o que eu pude fazer foi olhar fixamente a barriga de Harlow. Ela estendeu a mão e segurou a minha com força, soltando um soluço que me assustou. Olhei para ela, e ela estava com um sorriso imenso, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas. O encantamento em seu rosto disse tudo o que eu estava pensando. Havia uma vida lá dentro. Uma vida que nós havíamos criado. Era real.

– Parece forte. Isto é um ótimo sinal – comentou o médico.

A mão de Harlow apertou a minha, e ela riu. Os batimentos aceleraram um instante com a risada de Harlow, e então voltaram ao normal. Será que o bebê havia escutado a risada?

– Acho que é um bom começo. Estou confiante. Você parece bem. Avaliei os seus registros, e, como você sabe, precisamos mudar seus medicamentos. Há alguns que você não pode tomar durante a gravidez, mas estou certo de que os novos vão funcionar bem. Me ligue a qualquer momento caso se sinta estranha. Não espere. Ligue para mim. – Ele olhou para mim. – Ela precisa me ligar imediatamente – repetiu.

– Sim, senhor – respondi.

Não era algo que ele precisasse exigir de mim. No instante em que eu achasse que ela estava

tendo problemas, chamaria uma ambulância e então ligaria para ele.

Ele guardou o equipamento de ultrassom, eu puxei a blusa de Harlow para baixo e a ajudei a se sentar, mas não sem antes dar um beijo em seu nariz. Eu precisava beijá-la em algum lugar. Ela ficou segurando o meu braço por um instante, com aquele sorriso imenso e brilhante ainda no rosto.

– Nós ouvimos – falou, como que para me confirmar que havíamos escutado o coração do bebê batendo.

– É, ouvimos – repeti.

Como eu poderia não querer aquilo? Como eu poderia escolher qualquer um ou qualquer coisa em vez de Harlow? Eu estava um caos. Um caos completo. Adorei aquele som porque éramos nós. O nosso bebê. Ele também a deixou muito feliz. Eu estava sendo egoísta de não querer que ela tivesse aquilo por medo de perdê-la?

O médico disse a Harlow mais algumas coisas sobre os novos medicamentos e que ela devia continuar fazendo exercícios moderadamente, desde que descansasse com frequência. Ela garantiu a ele que faria isso, e então fomos acompanhados novamente até a saída dos fundos.

Na caminhonete a caminho de Rosemary Beach, Harlow se aninhou perto de mim.

– Aquilo foi incrível – disse ela baixinho.

Não queria concordar, mas Harlow tinha razão. Foi mesmo.

– É, eu sei.

Ela enroscou os braços ao redor do meu braço e deitou a cabeça no meu ombro.

– Em mais ou menos dois meses, vamos descobrir se é menino ou menina, e vamos poder ver o bebê se mexendo.

Menino ou menina… ver se mexendo… Eu queria essas coisas. Queria com ela, apenas com ela. Mas não conseguia me esquecer do risco. Era assim que as coisas deviam acontecer na vida? Não podíamos ter o sonho inteiro, mas apenas parte dele? Podíamos ter apenas uma prova de algo, mas nunca a coisa inteira?

Meu bebê querido,

Hoje nós ouvimos seu coração batendo. Foi o som mais bonito do mundo. Nunca senti tanta alegria. Até aquele momento, eu não sabia que era possível um ser humano processar tamanha felicidade. Meu coração estava explodindo de amor, por saber que você estava aqui dentro. Que você estava bem.

Seu pai disse que, quando eu ri, seus batimentos aceleraram como se você tivesse me escutado. Espero que tenha escutado mesmo. Você me faz muito feliz. Ainda nem está aqui e a minha vida já está completa.

Eu também nunca havia visto seu pai tão emocionado. Ele não disse muita coisa, mas eu jamais vou esquecer o encantamento nos olhos dele ao ouvir o som do seu coração encher o ambiente. Vou levar comigo para sempre. Hoje você se tornou real para ele.

Não me entenda errado. Ele amava você antes. Ele só não sabia quanto até ouvir você. Ele ainda não tem a conexão que nós dois temos, porque você está guardado em segurança dentro de mim. Mas logo você vai se relacionar com ele também. Você será o motivo pelo qual ele dará risada e encontrará alegria na vida. Só espero conseguir ver isso.

Mas lembre-se, se eu não conseguir, estarei aqui em espírito. Prometo fazer um acordo com o céu para ter um lugar na primeira fila para assistir à sua vida. Quero ver as duas pessoas que eu mais amo no mundo viverem esta vida juntos. Se eu estiver ao seu lado, você sabe quanto eu amo você, porque estarei chorando enquanto você lê isto, assim como estou chorando lágrimas de alegria agora.

Sua vida foi abençoada antes mesmo de você chegar. Não importa o destino que Deus vai definir para mim, você não estará só. Fará coisas grandes, e eu vou estar assistindo e torcendo por você, seja bem aqui ao seu lado seja acima das nuvens.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

Blaire estava sentada à mesa tentando fazer Nate jantar. Ele não estava interessado. Olhava fixamente para a porta pela qual o pai dele e seu tio Grant haviam acabado de passar.

– Você precisa comer – disse Blaire enquanto ele batia as mãozinhas na cadeira de alimentação, frustrado.

– Não! Papa! – gritou ele.

Blaire revirou os olhos.

– "Não" é a nova palavra da semana. Se eu ouvir mais um "não" esta semana, já terei ouvido um milhão de vezes. Parece que nos últimos dias as palavras favoritas foram "não" e "papa". Na semana passada eram "cá" e "papa", "cá" é carro, o que quer dizer que ele quer entrar no carro. O garoto gosta de passear.

Sorri e fiquei olhando enquanto ele apontava para a porta e dizia "papa" de novo. Ele gostava muito do pai.

– Desisto – disse Blaire, largando a tigela de mingau de aveia que estava tentando fazê-lo comer. – Vou ver se Rush se importa de levá-lo com eles.

Nate ficou observando totalmente concentrado a mãe ir na direção da porta até se dar conta de que eu ainda estava sentada do outro lado da mesa. Ele virou os olhos prateados na minha direção e me deu um sorriso banguela. Quanto mais crescia, mais parecido ficava com o pai. O que, eu tinha certeza, era algo bom para todas as bebês do sexo feminino do mundo. Um dia, haveria outro Finlay disponível.

Blaire entrou, seguida por Rush. Os olhos dele foram direto para Nate.

– Você quer o papai, rapazinho? – perguntou sorrindo, como se já não soubesse a resposta.

– Leve o mingau junto e veja se consegue fazê-lo comer enquanto vocês têm o momento clube do Bolinha – disse Blaire.

Rush pegou Nate, que agora batia palmas alegremente, e apanhou a tigela que Blaire estendia para ele. Então se abaixou e beijou Blaire. Virei a cabeça quando vi a ponta da língua dele passar no lábio inferior dela.

– Pode deixar comigo. Ele vai comer. Vocês duas fiquem aí conversando. Grant e eu vamos ensinar ao Nate a respeito do mundo.

Blaire riu enquanto voltava a sentar.

– Ah, meu bom Deus. Isso não parece nada bom.

Rush piscou para ela e saiu a passos largos da casa com o bebê e a tigela de mingau nos braços. Ele não se parecia nem um pouco com um pai, com os braços cobertos de tatuagens, mas era um pai muito bom. Era como eu imaginava que Grant seria.

– Eu perguntaria se você quer um café, mas não devo – Blaire falou, recostando-se na poltrona com um suspiro. – Como estão as coisas? Grant está se saindo bem com tudo?

Eu não sabia como responder. Fazia duas semanas desde que tínhamos escutado o coração do bebê, e ele estava muito melhor. Até o chamava de bebê. Antes, agia como se não existisse. Agora o bebê era real para ele. Eu vi em seus olhos o instante em que a ficha caiu. Mas ele ainda estava tenso. E decidido a garantir que eu fosse sendo bem cuidada.

– Ouvir o coração o ajudou. Acho que ele entende agora, pelo menos de alguma forma. Entende o que estou sentindo, que existe uma vida aqui dentro que nós fizemos e que eu não posso simplesmente pôr fim a ela. Não acho que ele brigaria comigo se eu decidisse encerrar a gravidez amanhã, mas ele tem alguma conexão com o bebê agora. É um começo.

Blaire franziu a testa. Como ela não costumava fazer isso, aquilo me deixou intrigada.

– Ele tem medo de perder você. Acho que, neste momento, ele sacrificaria qualquer um por você. Ele a ama. – O rosto dela se transformou em um sorriso. – E eu me sinto muito feliz por ele ter encontrado você. Sempre soube que Grant era muito mais do que as mulheres com quem ele entrava e saía do quarto.

Tentei não me abalar. Blaire fechou os olhos com força.

– Me desculpe! Eu não devia ter dito isso. Eu só… Eu sei como foi o passado de Rush. Cheguei a vê-lo fazendo sexo com uma de suas muitas ficadas antes de começarmos a namorar. Eu o vi dar uma amasso em outra. E vi outra saindo do quarto dele numa manhã. Acho que sou imune ao passado de Rush. Foi antes de mim, e não me incomoda. Mas você não viu Grant fazer nada disso. Eu preciso segurar a minha língua.

Não sabia que Blaire havia visto Rush fazendo sexo com outra mulher. Mesmo que tenha sido antes dela, ainda parecia horrível. Por outro lado, o relacionamento deles não começou de um jeito normal. Eles eram quase irmãos. Rush era enteado do pai dela, que a jogara para cima de Rush sem que ele tivesse a menor ideia disso.

– Tudo bem. Eu sei como Grant era. Eu o ouvi transando com Nan. Só não consigo imaginar ver isso.

Blaire estremeceu.

– Eu também não quero imaginar, então, vamos mudar de assunto. Vocês querem saber o sexo do bebê?

Nós queríamos. Eu queria saber, apenas para o caso de não ter a chance de segurá-lo no colo. Eu queria saber o que estava dentro de mim. Queria dar um nome e conversar com ele. Também queria saber se devia continuar a chamá-lo de *ele* ou se seria *ela*.

– Sim. Nós queremos saber.

Blaire sorriu.

– Adorei saber o sexo de Nate antes de ele chegar. Consegui sonhar acordada com ele, conversar com ele, e, é claro, Rush decorou o quarto dele. Espere aí… Onde vocês vão colocar o bebê?

Não havia quarto extra no apartamento de Grant. Eu havia pensado em passar a cômoda do quarto para a sala de estar e colocar o berço do bebê lá. Mas nós nem tínhamos um berço ainda. Eu não fazia ideia de quais eram os nossos planos.

– Não sei. Vamos ter que abrir espaço no quarto para o berço.

Por mais que não quisesse pensar no pior, precisava me planejar. Eu não podia deixar Grant despreparado. Sabia que Maryann estava pronta para vir e buscar o bebê se fosse preciso. E me sentia segura sabendo que, se Grant não conseguisse dar conta ou não quisesse a responsabilidade, Maryann estava preparada. Mas queria que Grant ficasse com nosso bebê. Queria que nosso bebê dissesse "papa" sem parar e levantasse os bracinhos quando visse Grant. Só não podia ter certeza de que isso aconteceria, especialmente num primeiro momento.

Se ele precisasse passar pelo luto.

– Sua cabeça não está mais aqui. Está na sua cara. O que foi que eu disse?

Blaire era muito observadora. Eu precisava tomar cuidado. Não queria que ela pensasse que eu estava me preparando para morrer. Não queria que ninguém pensasse isso, porque eu pretendia viver. Mas não estava vivendo em um conto de fadas e sabia que era possível que eu não fosse forte o bastante.

– Sinto muito. Às vezes exagero nos planejamentos mentais. Gosto de estar preparada para tudo – expliquei, forçando um sorriso que não queria dar.

Grant

Rush voltou para a rua com Nate nos braços e uma tigela de alguma coisa. Nate me viu e bateu palmas.

– Sim, este é o palerma do seu tio Grant, que não para de catar as merdas que você larga por aí.

– Ele vai acabar xingando perto da Blaire, e você vai passar uma semana dormindo no sofá. Talvez ela coloque você embaixo da escada. Ouvi dizer que vingança é uma merda – eu disse a ele, fazendo uma referência ao tempo que Blaire passou dormindo em um quarto embaixo da escada de Rush quando chegou à cidade.

Ele revirou os olhos, sentou e colocou Nate sobre o joelho.

– Se ele disser um palavrão, vamos culpar o tio Grant, não vamos, parceiro? Aponte o dedo para lá e salve a pele do papai – disse Rush com um sorriso.

– O que é isso na tigela? – perguntei quando ele levou uma colher cheia até a boca de Nate.

O menino virou a cabeça. Garoto esperto. A aparência era horrorosa.

– Mingau de aveia. Ele detesta – explicou Rush, tentando fazer Nate comer uma colherada.

– Se ele detesta, e eu também detestaria, por que você está dando para ele? – perguntei.

Rush olhou para mim.

– Porque a Blaire mandou. A gente não questiona a mamãe. Nunca.

Bom saber.

– Então vocês ouviram o coração batendo – comentou Rush, largando o mingau de aveia em sinal de derrota.

– É. Ouvimos. E… bom, pareceu real, afinal. Como se houvesse alguma coisa lá. Uma vida. Não era apenas Harlow. Havia outro coração batendo dentro dela. Um coração que nós fizemos. É só que… é errado eu me sentir ligado a ele? É errado eu querer protegê-lo? Eu não posso perder Harlow. Não posso. Então eu não deveria estar me sentindo assim, certo?

Rush olhou para Nate e deu um beijo no topo da cabeça da criança.

– Você está perguntando isso a um homem que tem um filho. Um cara que se atiraria na frente de uma bala, um caminhão, de qualquer merda… Faria o que tivesse de fazer por este menino. Ele é meu. Não consigo sequer pensar em não o querer. Mas, mais uma vez, a vida de Blaire nunca esteve ameaçada. Nós não tivemos que tomar esse tipo de decisão. Mesmo assim, não, eu não acho que seja errado você ter sentido alguma coisa quando ouviu o coração batendo. Eu chorei feito criança quando vi o primeiro ultrassom de Nate. É uma coisa emocional. É normal. Não se torture por amar algo que você criou com a mulher que ama. Especialmente se ela o adora.

Eu o escutei, e o que ele dizia fazia sentido, mas eu ainda estava atormentado pela ideia de que aquela vida a que eu começava a me apegar poderia tirar a vida de Harlow. Harlow vinha em primeiro lugar.

– Se eu perdê-la, será por culpa minha. Eu fiz isto. Eu não tomei cuidado, e agora ela está grávida – continuei.

Ele havia me escutado dizer isso antes, mas era algo que me perseguia, e eu precisava falar em voz alta. E não podia ser para ela. Kiro ter me dito exatamente a mesma coisa apenas serviu como confirmação. Eu fiz isto.

– Você não sabia que Harlow tinha um problema de saúde. Ela teve medo de contar para você, e eu entendo isso, mas também sei que você não pode se culpar por algo que não sabia.

Eu sempre fui cuidadoso. Nunca dormi com ninguém sem proteção. Nunca pensei em transar sem camisinha, mas Harlow havia me conquistado, e eu estava tão louco por ela que perdi toda a razão. Meu desejo por ela me fez tomar decisões erradas. Mas o fato de eu não saber sobre o coração dela realmente mudava alguma coisa? Não. O resultado ainda era o mesmo. Eu fiz isto.

Na noite anterior, Harlow deitou nos meus braços, e eu observei seus olhos percorrendo o quarto. Por fim, ela disse que nós precisaríamos passar a cômoda para a sala para colocar o berço do bebê. Não respondi. Não soube o que dizer. Gostava da ideia de trazer o bebê para casa e Harlow colocá-lo no colo, niná-lo e deitá-lo na cama. Mas eu tinha medo de viver nesse mundo. Porque, se não fosse esse o resultado, eu precisava estar preparado para assumir o papel de Harlow também.

Ela me deu um beijo de despedida naquela manhã quando saí para o trabalho, virou para o lado e voltou a dormir. Vê-la descansar diminuiu um pouco minhas preocupações.

Mas eu não havia falado a ela a verdade sobre meu destino.

Eu não estava indo trabalhar. Estava procurando uma casa. Se Harlow pudesse sobreviver apenas pela força do desejo, decidi que daria a ela o mundo pelo qual lutar. Começando com uma casa e um quarto que ela pudesse decorar para nosso bebê. Poderíamos pintá-lo e escolher os móveis juntos, embora eu fosse concordar com qualquer coisa que ela quisesse. A menos, é claro, que fosse um menino e ela tentasse colocar coisas de menina no quarto dele.

Estacionei a caminhonete do lado de fora da casa que queria comprar para ela – para nós. Não era tão grande quando aquilo a que ela estava acostumada, mas Harlow não era do tipo que esperava luxo. Ela havia crescido com a avó em uma casa modesta na Carolina do Norte.

A casa azul-clara ficava mais afastada do mar do que eu gostaria – propriedades de frente para a praia estavam fora do meu orçamento –, mas ficava em um pequeno condomínio fechado muito simpático. As casas não eram muito próximas umas das outras, mas ainda eram de um padrão mediano. Um bairro litorâneo. Eu havia passado por aquela casa em mais de uma ocasião e a admirado. A cerca branca ao redor e a varanda em todo o entorno, com grandes persianas contra furacões, a deixavam parecida com uma antiga casa de fazenda da Flórida, mas era menor e tinha apenas alguns anos. O proprietário a havia construído, mas jamais se mudara para ela, e a casa estava à venda desde então. Eu sempre pensei que era uma pena que ninguém usasse o balanço sob o imenso carvalho plantado no jardim da frente ou aproveitasse as cadeiras de balanço na varanda. Ela estava simplesmente vazia.

O Range Rover de Rush parou ao meu lado, e eu abri a porta da caminhonete. Havia ligado para ele depois de ir à imobiliária para pegar uma chave. Como cuidavam das vendas de muitos dos condomínios que eu construía, não se importaram de me emprestar a chave.

Rush saiu do carro, olhou para casa, para mim e sorriu.

– Parece que estou em Mayberry. Tem até um balanço na árvore.

Rindo, passei pelo portão e entrei no jardim da frente.

– A questão é: você acha que ela vai gostar? – perguntei enquanto subia em dois pulos os quatro degraus que levavam até a varanda.

– Acho que ela vai adorar – disse Rush, vindo atrás de mim.

Abri a porta e entramos na casa. O hall de entrada era pequeno, mas tinha o pé-direito alto com

vigas aparentes. Havia uma escada à esquerda e um corredor que levava até a sala de estar, logo em frente. Entramos na sala de estar, que era dominada por uma grande lareira com um robusto lintel. Os pisos de tábua corrida tinham uma aparência antiga, o que aumentava a sensação de casa de praia. Havia uma passagem em arco para a cozinha e a sala de jantar à direita e outra passagem em arco para o que parecia um solário à esquerda.

– Quantos quartos? – perguntou Rush, olhando para o quintal.

O fundo da casa era cercado e tinha espaço suficiente para um balanço e talvez uma piscina para quando o bebê fosse maior.

– O corretor disse que são quatro. Todos no andar de cima.

– É melhor dar uma olhada. Eles podem melhorar ou acabar com a casa.

Balancei a cabeça, e subimos a escada. As paredes revestidas de madeira eram um belo toque. Eu sabia que elas custavam um pouco mais do que o gesso comum. O cômodo diretamente à direita era um quarto de hóspedes. Não era muito grande, mas tinha um closet e um pequeno banheiro privativo. Seguimos para o quarto seguinte, que era mais espaçoso, com um closet ainda maior. Era ligado a outro quarto idêntico por um banheiro compartilhado. No fundo, à direita, ficava a suíte principal. O quarto tinha sua própria lareira e uma Jacuzzi no banheiro. A casa era melhor do que eu imaginara. Esperava que aceitassem a minha proposta e baixassem um pouco o preço que estavam pedindo.

– Acho que é perfeita – concluiu Rush enquanto percorríamos o sótão.

– Também acho.

– Está na hora de você ligar e fazer uma proposta.

Mal podia esperar para mostrar a Harlow, para vê-la decorando tudo. Podíamos construir uma vida inteira de lembranças naquela casa. Eu queria uma vida inteira de lembranças com ela, e aquele era o cenário perfeito.

Meu bebê querido,

Passei o dia olhando berços. Não fazia ideia de que havia tantos tipos. Encontrar o que será perfeito para você vai ser mais difícil do que eu imaginava. Então vim embora sem comprar nenhum, mas não fui de mãos vazias.

Como ainda não sabemos se você é menino ou menina, decidi que era melhor comprar uma roupa para cada possibilidade. Se for uma menina, vai sair do hospital com um vestido rosa-claro com acabamento branco e chapeuzinho combinando. E, se for menino, vai usar o macacão azul-marinho com a bola e o taco de beisebol na frente. Comprei as duas roupas hoje, para garantir.

Eu poderia esperar até saber o que você vai ser, mas estava empolgada demais. Ver todas aquelas roupinhas e sentir o tecido macio me fez ficar imaginando você e sonhando acordada com o dia em que poderei segurá-lo no colo.

Devo fazer muito isso, já que você vai dormir no nosso quarto. Já estou planejando onde colocar o berço. Acho que você vai gostar de uma vista para o mar. Talvez a gente consiga dar um jeito.

Na realidade, não importa onde você durma, porque, não importa onde for, você será sempre protegido, adorado e amado.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

Grant estava ansioso. Eu nunca o havia visto assim. Ele ficava me olhando com expressão tensa e sorrindo como se tivesse algo importante para me dizer. Um comportamento bem estranho.

Era um pouco divertido pensar que desta vez não era eu quem estava agindo feito uma boba nervosa. Na véspera da consulta em que ouvimos os batimentos cardíacos do bebê pela primeira vez, eu mal conseguia me conter. Mas agora, no dia em que finalmente conseguiríamos ver nosso bebê e descobrir se era menino ou menina, era Grant quem não estava conseguindo ficar parado.

O primeiro ultrassom tinha sido diferente deste. Fora muito simples, só para que pudessem ver o bebê e ouvir os batimentos cardíacos. Desta vez, seria um equipamento que filmaria em 3D e nos permitiria ver melhor os traços do bebê. A enfermeira entrou na saleta em que estávamos esperando, seguida pelo médico.

– Estão prontos? – perguntou ele com um sorriso alegre no rosto.

– Sim – respondi, mas Grant não disse nada.

Ele parecia tenso. Levantei a mão e acariciei seu braço para tentar relaxar sua expressão tensa. Aquilo não ia machucar nem a mim nem ao bebê.

– Ótimo, vamos ver se conseguimos descobrir o que temos aqui – continuou o médico, sentando-se em um banquinho. – Normalmente, é a enfermeira quem faz isso, mas eu quero conferir algumas coisas enquanto você está aqui. Eu a trouxe junto para o caso de me esquecer de alguma coisa – explicou.

Voltei minha atenção de novo para Grant, que estava totalmente vidrado na tela ainda vazia.

– Você está bem? – perguntei.

Ele desviou o olhar para mim.

– Sim, estou bem. E você? – replicou ele, subitamente percebendo que não havia me perguntado nada durante os últimos minutos enquanto esperávamos.

Grant era mais do que superprotetor. Desde que a minha barriga começou a aparecer, ele havia ficado um pouco maluco com a história de cuidar de mim.

O médico passou o equipamento na minha barriga e acenou com a cabeça na direção da tela.

– Lá vamos nós – disse quando uma imagem do nosso bebê começou a aparecer.

A mão de Grant segurou a minha com mais força no momento em que a tela mostrava claramente dois pezinhos inclinados para o alto.

Não consegui falar nada quando o médico começou a dar risada.

– Nossa, esta foi fácil. Ela está facilitando muito.

Ela.

Essa única palavra foi mais poderosa do que eu poderia imaginar.

Ela.

Funguei e pisquei rapidamente, fazendo um grande esforço para limpar a visão e conseguir vê-la.

– Olhem lá, ela encontrou os dedos, e gosta deles. Acho que temos uma menina que gosta de chupar dedo – falou o médico, mostrando nossa menininha enfiando três dedos na boca.

Não consegui conter uma risada, misturada com um soluço de emoção.

– E ela tem todos os dedos das mãos e dos pés. Os batimentos cardíacos ainda parecem muito

fortes – assegurou o médico.

Eu nem sequer havia notado o som, tão concentrada que estava em observá-la, mas ele estava ali, com seu ritmo perfeito.

– Você sentiu isso? – perguntou-me o médico.

Não afastei o olhar da tela.

– O quê? – perguntei.

– Uma forte agitação… *ali*. Sentiu?

Eu havia sentido. Vinha sentindo nas últimas duas semanas. Achava que eram gases.

– Sim – respondi, vendo-a chutar segundos depois de sentir a agitação.

– As imagens em 3D não são em tempo real. Elas têm um atraso. Então você a vê chutar alguns segundos depois do momento em que ela chuta – explicou o médico.

– Quando eu vou conseguir sentir? – perguntou Grant, falando pela primeira vez.

Tirei os olhos de nossa filha para vê-lo observando a tela completamente fascinado.

– Mais umas duas semanas e você poderá sentir – garantiu o obstetra.

Durante os quinze minutos seguintes, ficamos lá parados vendo nossa menininha se mexer e trocar os dedos dentro da boca pelo polegar. Ela também gostava de levantar o pé para tocar a própria cabeça. Ela era perfeita.

E eu achava que seria incapaz de amá-la mais. Como eu estava errada.

Grant passou a entrada da nossa rua, e eu olhei para ele. Tínhamos ficado em um silêncio espantado durante a maior parte do trajeto. De vez em quando, um de nós perguntava se o outro a havia visto fazer alguma coisa, e então voltávamos a ficar em silêncio. Eu mal podia esperar para escrever a ela sobre aquele momento, porque, desta vez, eu sabia que era ela.

– Tem uma coisa que eu quero mostrar para você – disse ele quando percebeu que eu o estava encarando.

– Hum, está bem – respondi, sem saber o que nos estaria levando para fora dos limites de Rosemary Beach.

Talvez estivéssemos indo ao clube. Eu sinceramente esperava que não. Só queria ir para casa pensar na nossa menininha.

Grant não virou na direção do clube. Em vez disso, parou em um condomínio fechado que eu sempre notara de longe, mas onde jamais havia estado. Eram lindas casas de praia, que eu imaginava que pertenciam principalmente a pessoas de fora que vinham passar férias ou as alugavam.

Grant encostou um cartão em uma caixa preta e o portão se abriu lentamente. Eu me perguntei se ele estava construindo alguma coisa lá, embora não tivesse percebido sinal de obras recentes, e Grant não costumava trabalhar em casas avulsas.

Fizemos um círculo na via pavimentada com paralelepípedos, um toque que eu adorei. Então ele parou diante de uma entrada de garagem, na frente de uma casa azul que poderia estampar a capa de uma revista de decoração.

Iríamos visitar alguém?

– O que você acha? – perguntou ele, no tom tenso de mais cedo.

O que eu achava?

– Da casa? – perguntei.

Ele confirmou com um aceno de a cabeça.

Não precisei olhar de novo para saber o que eu achava: era a casa ideal para uma família… mas espere. Certamente não. Lutei para não me empolgar com a ideia de Grant comprar aquela casa para nós. Lembrei a mim mesma que estávamos perfeitamente felizes no apartamento dele. Não precisávamos de uma casa, mesmo que fosse uma tão absolutamente perfeita como aquela.

– Acho que é um lugar lindo – eu disse, cautelosamente.

Não queria que ele pensasse que eu estava esperançosa. Ele ficaria chateado se achasse que eu não estava feliz onde estávamos, e eu não queria que ele ficasse ainda mais estressado.

– É mesmo? – perguntou, ainda examinando com atenção minhas expressões.

Assenti.

Ele abriu a porta da caminhonete e saiu.

– Vamos entrar – disse, antes de fechar a porta e dar a volta para me ajudar a descer.

Nós íamos entrar? Isso significava que ele queria que eu visse a casa por dentro ou que havia pessoas lá? Eu queria ficar empolgada, mas estava com medo. Não sabia ao certo por que estávamos ali.

Grant pegou uma chave e destrancou a porta. Ela se abriu completamente, e ele fez um sinal para eu entrar. Segui devagar. A primeira coisa que percebi foi que ela estava completamente vazia. A segunda foi que ela era de tirar o fôlego. Os tetos abobadados e o cuidado com os detalhes eram incríveis.

– Venha comigo – ele chamou, segurando a minha mão enquanto seguíamos diretamente para a escada.

No andar de cima, passamos por um grande espaço aberto que poderia ser uma área de estar ou mesmo uma sala de brinquedos. Então Grant abriu uma das portas, e nós entramos em um quarto grande com paredes de um rosa claro e com um candelabro. Das janelas, dava para ver o golfo do outro lado da rua e o quintal, um espaço grande, bonito e, para completar, cercado.

Então me virei e vi Grant passando a mão pelo cabelo nervosamente, olhando para mim.

– É um quarto ótimo. Mas não estou entendendo – eu disse, precisando de algum esclarecimento, embora estivesse cada vez mais empolgada.

Ele olhou para a minha barriga e então de novo para mim.

– O que acha de este ser o quarto dela?

O quarto dela.

Isso significava que iríamos morar ali.

As lágrimas estavam ameaçando me vencer, e eu precisei piscar muitas vezes e respirar fundo para não cair no choro.

– A casa está à venda? – perguntei, lembrando que não havia visto uma placa de anunciando a venda na entrada.

– Não – respondeu, e meu coração afundou. – Não está mais. – Mostrou a chave que havia usado para entrarmos. – Já é nossa.

Levei dois segundos para me jogar nos braços dele antes de me desfazer em lágrimas.

Grant

Não voltamos para o apartamento naquela noite. Liguei para Rush e pedi que me ajudasse a levar a cama, e Harlow e eu passamos a noite na nossa nova casa. Ela estava eufórica demais para ir embora e eu, feliz demais olhando para ela. Havia temido que ela se sentisse pressionada ou não gostasse da casa, mas havia me preocupado à toa.

Estava me sentindo o rei do mundo.

Na semana seguinte, contratei uma equipe de mudança para nos ajudar a levar nossas coisas, porque não queria que Harlow ficasse se abaixando e levantando peso. Aos poucos, arrumamos tudo e nos instalamos na casa nova. E foi assim que aconteceu. Eu tinha uma casa agora. Uma casa de verdade. Pela primeira vez na minha vida, eu tinha uma casa de verdade. Uma família de verdade. A minha família.

As consultas semanais ao médico me mantinham esperançoso, e o medo começou a diminuir lentamente. Harlow acreditava, sem sombra de dúvida, que ela conseguiria passar por aquilo, e já estava pensando no balanço que compraríamos para nossa Lila Kate.

Havíamos passado uma semana inteira procurando nomes de bebê na internet antes de concordarmos com um. Mesmo que eu não tivesse gostado de Lila Kate na ocasião, teria aprendido a adorá-lo depois de ouvir Harlow dizê-lo quando conversava com a barriga, agora redonda. Ainda não estava muito grande, mas dava claramente para ver que ela estava grávida.

Eu havia imaginado que ela iria se preocupar se estava engordando muito ou ficaria sem graça com o próprio corpo, mas nada disso aconteceu. Ela ficava parada na frente do espelho se olhando, então sorria para mim como se aquela fosse a melhor coisa do mundo. Ela ia ser uma mãe maravilhosa.

Então, um dia, enquanto eu estava montando o berço na suíte principal, ouvi Harlow gritar no banheiro:

– Grant! Rápido!

Um milhão de pensamentos horríveis passaram pela minha cabeça, de modo que estava esperando pelo pior quando encontrei uma Harlow sorridente deitada na banheira cheia de espuma. Respirei fundo e me forcei a me acalmar. Eu não podia achar que alguma coisa ruim estava acontecendo toda vez que ela me chamasse.

– Ela está se mexendo – sussurrou Harlow, como se falar pudesse fazê-la parar. – Venha sentir.

Eu estava esperando por isso. Harlow a sentia diariamente, mas, até então, eu nunca estava por perto na hora certa. Fiquei de joelhos ao lado da banheira, e ela segurou a minha mão e a colocou em sua barriga.

– Aqui, aperte só um pouquinho para ela empurrar de volta – falou baixinho.

Fiz como ela mandou e, com toda a certeza, senti um pequeno chute como resposta. O sorriso que abri foi tão grande que senti as bochechas doerem. Eu tinha uma pequena guerreira ali dentro. Ela era forte como a mãe.

– Não é incrível? – perguntou Harlow enquanto eu mantinha a mão em sua barriga e sentia os movimentos de Lila Kate.

Eu evidentemente a incomodara, e agora ela estava bem ativa.

– Ela é valente – eu disse, e Harlow atirou a cabeça para trás e deu uma risada.

Lila Kate chutou de novo e me empurrou. Era como se quisesse se juntar a nós. Talvez tenha ouvido a risada de Harlow e quisesse sair para participar daquele momento.

– Fale com ela – pediu Harlow.

Eu a via conversando muito com a barriga ultimamente, mas não sabia se conseguiria fazer aquilo. Eu havia visto o ultrassom e conseguia senti-la. Ela era real para mim, mas conversar com ela parecia difícil. Estava me arriscando a amar mais uma pessoa que poderia perder.

– Eu não sei o que dizer – respondi, esperando que ela desistisse daquilo.

– Basta dizer olá e que você a ama. Não precisa ser nada profundo. Ela já reconhece a sua voz agora. Tenho certeza disso. Ela vai saber que você está falando com ela.

Harlow tinha muita fé naquela bebezinha dentro dela. Eu acreditava que ela reagia à risada de Harlow, mas não tinha certeza se realmente reconhecia a minha voz. Provavelmente não passava de um som abafado para ela.

– Por favor, diga alguma coisa – pediu Harlow, e eu sabia que não iria conseguir me livrar daquilo.

Ela queria que eu conversasse com a nossa filha, e eu não podia lhe dizer não.

Pigarreei e me abaixei para mais perto da barriga de Harlow.

– Como estão as coisas aí dentro? – perguntei, levantando o olhar para ver Harlow, que estava com uma expressão de quem estava se divertindo. – Imagino que esteja pronta para sair e se esticar. Deve estar apertado nesse espacinho que você tem aí.

Harlow ainda estava me olhando com uma expressão cheia de expectativa. Ela queria que eu dissesse à nossa bebê que a amava. Dizer em voz alta tornaria isso real: eu era mais uma vez vulnerável a outra pessoa. Como eu poderia manter também ela segura? E se eu tivesse de fazer isso sozinho? Fechei os olhos e afastei esse pensamento. Não iria pensar nisso. Me recusava a pensar.

– Eu amo você, Lila Kate. Mal posso esperar para pegar você no colo e ver você dormir nos braços da sua mãe. Se tiver sorte, vai ser parecida com ela.

Pronto, eu disse. Exatamente o que estava pensando. Exatamente como estava me sentindo. Eu havia me exposto completamente.

– Espero que ela seja parecida com você – disse Harlow, segurando meu rosto nas mãos. – Você que é o bonitão.

Levei a boca para perto da dela e sussurrei pouco antes de capturar seus lábios:

– Ninguém nunca vai ser mais linda do que você.

Harlow passou o braço ensaboado e molhado ao redor do meu pescoço e me beijou enquanto eu afundava no calor sedoso de seu toque. Ela era capaz de melhorar tudo com um beijo. O medo e a preocupação desapareciam quando ela estava perto de mim.

– Entre aqui comigo – ordenou ela, puxando minha camiseta.

Não discuti. Tirei a camisa, seguida da calça jeans e da cueca, antes de entrar na água. Ela se virou para montar em mim, com os seios cada vez maiores cobertos de espuma. Aquele era possivelmente o melhor produto de banho já inventado. Pelo menos para os homens. Enchi minhas mãos com os peitos dela justamente quando ela afundou sobre meu membro duro. Quando estava totalmente enterrado nela, Harlow arqueou as costas, fazendo aqueles fantásticos brinquedinhos balançarem.

– Você está no controle, meu doce. Faça o que quiser – eu disse, apreciando a linda vista.

Ela se recostou e pôs as mãos nas minhas pernas. Eu não poderia ter desejado uma posição melhor. Então ela começou a se movimentar lentamente para cima e para baixo. Eu queria encher as mãos com os peitos dela, mas daí eles parariam de fazer aquele movimento hipnótico, então preferi agarrá-la pela cintura e ajudá-la a montar em mim.

– Eu poderia ficar olhando para esses peitões o dia todo – falei, enquanto ela gemia e subia e descia com mais força.

Sem conseguir suportar mais, estendi a mão e os apertei, sentindo a dureza dos mamilos contra as palmas das minhas mãos. Ela gritou meu nome, o que me deixou ainda mais maluco.

– Monte, meu doce. Mostre o que lhe dá prazer. Essa bocetinha quente é o meu nirvana. Estou tão preso a você que eu não consigo ver mais nada nem ninguém. Só você. Só você.

– Ah, meu Deus, eu vou gozar. Continue falando sacanagem.

Ela arfou, cobrindo minhas mãos com as dela.

– É um tesão essa bocetinha encharcada e apertada. Eu quero enfiar os dedos na sua calcinha minúscula e brincar com ela toda vez que olho para você. Quero sentir seu gosto e seu cheiro. Seu cheiro é uma delícia.

A sacanagem a levou às alturas. Ela agarrou meus ombros e começou a gritar.

– Isso mesmo, goze no meu pau – encorajei-a, sentindo-a estremecer. – Minha bocetinha doce.

– Ah, meu Deus! Pare! Eu não consigo suportar. Estou tão perto agora – gemeu ela, apoiando-se em mim.

Então ela me apertou embaixo, e eu perdi o controle.

Agarrando seus cabelos, gritei o nome dela e a acompanhei no êxtase.

Minha doce Lila Kate,

O seu quartinho está quase pronto. Ele é perfeito para uma princesa, mas, pensando bem, você é uma princesa. Você é a nossa princesa. Nunca houve outra bebê tão amada quanto você. Secretamente, desejo que você seja igualzinha ao seu pai. Mas, não importa qual seja a sua aparência, você será linda.

Mal podemos esperar para lhe mostrar as coisas que compramos para você. Compramos hoje seu primeiro enfeite de Natal. É branco com bolinhas rosa e tem as suas iniciais na frente. Quando o vi com toda a sua doçura feminina, quis me certificar de que estaria pendurado na nossa árvore todos os anos. Assim, se eu estiver olhando de cima das nuvens, você poderá lembrar que eu o escolhi para você. O papai teve a ideia de pintar suas iniciais nele. Ele é um homem esperto.

Espero que possamos pendurá-lo na árvore juntos todos os anos. Eu posso fazer biscoitos e você poderá decorá-los com cobertura e granulados. Então vamos montar cordões de pipoca e fazer uma bagunça com glitter e cola e criar nossos próprios enfeites. Será a árvore mais amada de Rosemary Beach. Vamos convidar Nate para nos ajudar. Tenho certeza de que ele vai adorar fazer bagunça tanto quanto você.

Eu estou enchendo sua biblioteca com todos os meus livros infantis preferidos. Escrevi um bilhete em cada um deles, e anotei a data em que os comprei, caso eu não esteja aqui para dá-los a você. Seu pai os lerá para você. Ele vai poder contar sobre os lugares em que eu o levei atrás dos livros perfeitos.

As semanas estão passando e, antes que eu me dê conta, estarei vendo seu rosto. Se tivermos uma vida inteira ou apenas alguns momentos juntas, não importa, você terá sido a coisa mais importante que aconteceu comigo nesta vida.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

Estávamos num baile beneficente organizado pelo clube para arrecadar dinheiro para o corpo de bombeiros local. Rosemary Beach era um município de médio porte, e a cidade grande mais próxima ficava a 45 minutos de carro, de modo que o departamento de bombeiros voluntários era muito querido e necessário.

Woods decidira promover o baile, embora a verdade fosse que muitos residentes tinham bastante dinheiro para dar diretamente ao corpo de bombeiros – e muitos o faziam. Foi assim que o evento surgiu.

Todos gostavam de participar de grandes bailes de gala, para poderem se arrumar e passar a noite com pessoas importantes como o pai de Rush. Dean Finlay, o baterista do Slacker Demon e melhor amigo do meu pai, era do conselho diretor do Kerrington Country Club. Ele não era o típico conselheiro, mas, pensando bem, Grant e Rush também não eram, e eles também integravam o conselho. Quando Woods herdou o clube do pai, depois da morte dele, demitiu todos os membros anteriores e escolheu o próprio conselho. Ele e o pai nunca concordaram sobre nada.

O senador Barnes também participaria do baile. Eu não tive acesso à lista de convidados, mas ouvira Woods falar o nome dele recentemente. Não costumava passar muito tempo no clube, agora que Nan havia chegado na cidade. Eu estava aproveitando a nossa casa e me preparando para Lila Kate. A dinâmica social do Kerrington Club era algo de que eu queria manter distância no momento. Passava meu tempo com Blaire e Della na casa delas ou na minha.

Mas, naquela noite, Grant precisava cumprir seu dever como membro do conselhor e tinha de estar lá. Encontrar um vestido que servisse em mim foi uma tarefa complicada. Minha barriga aparecia bem agora. Estava com 31 semanas de gestação, e tanto Lila Kate quanto eu estávamos indo bem. Ela vinha se mexendo cada vez mais. Havia começado a empurrar o pezinho com tanta força que eu podia ver a barriga esticando no ponto onde ela empurrava. Grant achava extremamente divertido quando isso acontecia. Ouvir a risada dele vendo-a me chutar fazia valer o desconforto. Sinceramente, eu não trocaria nenhum desses momentos por nada neste mundo. Nunca.

Com a ajuda de Blaire, eu havia encontrado um vestido preto na altura do joelho, de cintura império, frente única e com gola alta incrustada de cristais. Eu o usei com um par de Louboutins prateados. Não entendia como eu, que nunca me sentira bonita antes, agora, com a barriga do tamanho de uma bola de basquete, de repente me sentia melhor em relação a mim mesma.

– Nossa! – A voz de Grant interrompeu meus pensamentos.

Olhei para cima pelo espelho e o vi se aproximando por trás. Seus olhos brilhavam de encantamento. Deixei meus olhos percorrerem seu corpo, perfeitamente vestido em um smoking. Eu o vira assim antes, e sabia o quão incrivelmente lindo ele podia ficar, mas dessa vez ele era meu. E, quando a noite terminasse, eu poderia tirar a roupa dele. Todo meu.

– Se eu não fizesse parte do conselho – disse, antes de tocar meu ombro nu com os lábios –, eu ficaria com você aqui, e você poderia usar esse vestidinho sexy e nós poderíamos brincar de striptease. Você tiraria a roupa e eu assistiria.

A risada maliciosa me fez sorrir.

– Parece que o trabalho todo seria meu – respondi.

Ele mexeu as sobrancelhas sugestivamente.

– Confie em mim, gata, depois que você ficasse nua, eu faria todo o trabalho valer a pena.

Encolhi os ombros.

– Está bem, então. Você me convenceu. Vamos ficar aqui e fazer isso.

Grant me puxou ao encontro do peito e olhou para mim no espelho. Ficamos ali juntos, nós três. Minha barriga evidente – e a presença de Lila Kate – não podia ser ignorada. Queria uma foto nossa, e queria logo. Exatamente daquele jeito. Eu poderia juntá-la à próxima carta que escrevesse para ela.

– Onde está seu telefone? – perguntei, olhando ao redor à procura do meu também.

Ele enfiou a mão no bolso e o tirou de lá.

– Aqui – respondeu.

– Quero uma foto nossa. De nós três. Como estamos agora – eu disse.

– Está bem – e me puxou para perto dele, encostando minhas costas em seu peito. – Acho que consigo um ângulo de cima para baixo que pegue sua bolinha adorável.

– Não é uma bolinha. É uma bola inflável. Seja sincero.

Ele deu uma piscadela.

– Não se diz a uma mulher que a barriga dela está parecendo uma bola inflável. Os resultados podem ser perigosos. Agora, olhe para o telefone. Vamos ver quantas tentativas preciso até acertar.

Ele tentou três vezes antes de capturar uma imagem de nós dois sorrindo e da minha barriga aparecendo claramente. Adorei a foto.

– Mande para mim. Eu também a quero – pedi a ele.

Ele assentiu com a cabeça e me enviou em seguida. Olharia para ela mais tarde, quando encontrasse meu telefone.

– Sabe, podemos pedir que alguém tire fotos melhores da gente esta noite, se você quiser – sugeriu ele.

Adorei nossa selfie com Lila Kate, mas não era má ideia. Eu podia pedir que Blaire tirasse algumas fotos nossas esta noite. Então teria várias para juntar às cartas.

O Baile dos Bombeiros era um sucesso. Havia centenas de pessoas, e todas haviam pagado muito pelo ingresso. Previ novos caminhões de bombeiro para Rosemary Beach em um futuro próximo.

Grant me manteve perto dele enquanto cumprimentava as pessoas e fazia apresentações. Havia muita gente que eu não conhecia ainda. Ver Grant daquele jeito me deixou ainda mais orgulhosa dele. Ele conseguia passar de playboy sexy a homem de negócios num piscar de olhos – embora a única coisa a que ele se dedicasse ultimamente fosse eu.

– Vou procurar Dean. Rush está atrás dele. Tem algumas pessoas influentes aqui esta noite que Woods quer que se associem ao clube, e ele acha que Dean pode ajudar no processo. Você vai ficar bem sozinha por alguns minutos? Não vejo Blaire em lugar algum, mas Della está em um canto conversando com Bethy e Jimmy.

Preferi ir falar com Della, Bethy e Jimmy a ficar com pessoas que não conhecia. Diversos estranhos pareceram me reconhecer, e todos olhavam minha barriga com os olhos arregalados. Eu estava certa de que isso acabaria chegando às revistas de fofoca. Imaginava alguém postando uma foto minha no Twitter e compartilhando com o mundo que eu estava grávida. Eu havia conseguido manter a discrição, mas, com toda aquela gente, não sabia se isso seria possível.

– Então você ainda está grávida. Tipo, você realmente vai levar isso até o fim. – A voz de Nan me

fez parar.

Não sabia ao certo se deveria falar com ela ou seguir em frente. Queria ficar em paz com ela. Eu não tinha motivo para ter raiva dela. Sabia que me odiaria para sempre, mas retaliar apenas me faria descer ao seu nível. Então me virei.

– Sim, vou levar até o fim – respondi simplesmente.

Ela não merecia qualquer explicação.

Nan franziu a testa e então soltou um suspiro exasperado.

– O quê? O papaizinho querido não a obrigou a fazer um aborto para salvar a filha preferida? – A amargura na voz dela me deixou triste.

Ela era má, mas não tivera exatamente a melhor vida do mundo. Nosso pai havia me dado amor na minha infância, mas não fizera o mesmo por Nan.

– Kiro não pode me obrigar a nada. Este bebê é meu. Não dele. E a vida deste bebê é mais importante para mim do que minha própria vida – retruquei.

Ela me observou por um instante, como se estivesse tentando compreender o que eu queria dizer com aquilo.

– Você realmente acredita nisso, não é? – perguntou.

Confirmei com a cabeça.

– Acredito.

Por um breve instante, achei que talvez, apenas talvez, estivéssemos tendo um momento de descoberta. Talvez pudéssemos criar um vínculo, ou pelo menos manter uma trégua. Era demais esperar que pudéssemos ser realmente uma família. Mas então ela deu de ombros e revirou os olhos.

– Que seja. A vida é sua – disse ela, e saiu batendo os saltos no chão.

Eu tinha quase certeza de que ela estava usando um vestido Valentino. A perfeita rainha do gelo.

Quando me virei de novo, Della, Bethy e Jimmy não estavam mais no mesmo lugar. Dei meia-volta, olhando ao redor na multidão em busca de um rosto conhecido, mas não vi ninguém. Um pouco de ar fresco pareceu uma boa ideia, então decidi sair do salão para respirar um pouco enquanto Grant procurava Dean.

O ar frio da noite tocou meu rosto, fechei os olhos e aproveitei o momento. Tantos rostos acompanhando todos os meus movimentos haviam tornado o ambiente opressivo para mim. Queria estar em casa. Minha atividade preferida era plantar flores no quintal apenas na companhia de Grant. Eu era realmente uma reclusa.

– Acho que as revistas de fofoca estavam certas. Ela está grávida. Está prestes a parir – ouvi uma voz feminina preencher a escuridão.

Eu me escondi à sombra do carvalho. Não queria que quem estivesse falando sobre mim me visse.

– Muito grávida. E é do Grant. Ele passou a noite toda ao lado dela. Bailey se atirou nele mais cedo, depois de segui-lo para fora do salão, e ele a rejeitou.

A outra garota fez um barulho de irritação.

– Que seja. É só culpa. Não é como se ele estivesse planejando ficar com ela para sempre. Você viu uma aliança no dedo dela? Não, não viu.

Senti um aperto no estômago e me escondi ainda mais na escuridão. Queria me afastar daquelas palavras cruéis, porque elas não sabiam de nada. Elas não sabiam do meu coração. Não sabiam que Grant estava protegendo a si mesmo.

– Ele certamente estava prestes a pedir Nan em casamento no ano passado. Ela disse que ele tinha arrumado uma aliança e tudo. Foi por isso que ela o traiu. Porque não estava pronta para o compromisso. Acho que ela se arrepende disso agora, mas talvez não seja tarde demais. Ele engravidou essa tal Manning, mas foi só o que ele fez.

Ele ia pedir Nan em casamento? Ele nunca me contou isso. Agia como se o tempo que passou com ela não significasse nada. Como se apenas a estivesse ajudando. Será que ela realmente partira o coração dele? Seria por isso que ele nunca falava em casamento? Eu achava que era por causa da minha doença. Imaginei que falaríamos sobre isso só depois que eu sobrevivesse ao parto.

– Eu vi Nan e ele conversando mais cedo. Os dois estavam incrivelmente próximos. Além disso, a garota Manning não tem, tipo, um problema no coração? Dá para ter filhos com um problema no coração?

Eu havia escutado o suficiente. Queria ir para casa. Voltar para um salão cheio de gente, sabendo que todos estavam pensando coisas parecidas, era demais para mim. Eu só queria me esconder na nossa casa. Ou seria a casa dele? Não fui eu quem a comprou, foi ele. Será que eu só estava ali até essa coisa que tínhamos juntos acabar?

Ah, meu Deus. Fiquei enjoada. Precisava ir embora. Fazendo o caminho mais longo para que as meninas que estavam falando sobre mim não me vissem, fui até o manobrista. Eu não podia pegar a caminhonete de Grant. Embora fosse um trajeto de apenas três quilômetros até a casa, eu não me sentia confortável para dirigir naquele momento.

– Olá, Srta. Manning, precisa que eu lhe traga um carro? – perguntou Henry.

Ele era um dos manobristas de sempre.

Eu não ia chorar na frente do pobre Henry.

– Você pode chamar um motorista? Preciso que uma das limusines do clube me leve para casa.

Henry assentiu e acenou com a mão para alguém. Eu havia deixado minha echarpe na chapelaria, mas, como estava com a bolsa de mão embaixo do braço, pelo menos tinha a chave de casa. Encarar Grant naquele momento não era uma boa ideia. Por outro lado, ele iria ficar preocupado comigo. Peguei o telefone e mandei uma mensagem de texto.

Não estou me sentindo bem. Acho que vou embora. Fique e aproveite. Um motorista do clube vai me levar para casa.

Assim que enviei, um sedã Mercedes preto parou e Henry abriu a porta para mim.

– Tenha uma boa noite, Srta. Manning – disse ele.

– Obrigada – respondi, afundando no assento de couro.

– Disseram que deseja ir para casa, Srta. Manning. É isso mesmo? – perguntou o motorista.

Assenti.

– Sim, por favor – consegui dizer, olhando em silêncio pela janela enquanto o carro me levava para casa.

Não estou me sentindo bem. Acho que vou embora. Fique e aproveite. Um motorista do clube vai me levar para casa.

Que merda estava acontecendo?

Dei meia-volta e saí do salão, ignorando as pessoas que me chamavam, e comecei a ir em direção à saída. Liguei para o número de Harlow. O telefone tocou três vezes e caiu na caixa postal. Comecei a ficar tenso. Como eu detestava aquela caixa postal. Detestava ouvir a mensagem de voz dela. Lembrava-me de um período que eu não queria ser forçado a recordar.

– Deseja sua caminhonete, Sr. Carter? – perguntou o manobrista enquanto eu ligava novamente.

– Quando foi que Har… a Srta. Manning saiu? – perguntei a ele. – E pegue minha caminhonete. Rápido.

– Sim, senhor, vou mandar buscar imediatamente. A Srta. Manning saiu faz uns cinco minutos. Vern Bower a levou para casa em um dos carros do clube, senhor.

– Vern já voltou? – questionei, ouvindo a mensagem da caixa postal de Harlow de novo.

– Ainda não, senhor. Mas ele saiu há…

– Cinco minutos, eu escutei – disparei.

Não costumava ser grosseiro com os funcionários, mas estava preocupado. Ela não teria ido embora a menos que estivesse chateada. Alguma coisa havia acontecido. Eu a havia deixado no meio daquela gente, e alguém dissera algo que a chateara.

– A Srta. Dreyden e a Srta. Quinton estavam aqui fora pouco tempo atrás falando sobre coisas, senhor – disse o jovem manobrista sem que eu tivesse perguntado nada.

Ele se referia a duas amigas de Nan. Reconheci os sobrenomes.

– E? – perguntei, endireitando a gravata e arrumando a postura.

Ele olhou ao redor para se certificar de que estávamos sozinhos.

– Elas estavam falando sobre a gravidez da Srta. Manning, senhor, e sobre o relacionamento dela, ou da falta disso, com o senhor.

Falta disso? O que ele queria dizer com falta disso? Não havia *falta* de nada no nosso relacionamento. Era um relacionamento completo e absoluto.

– Não sei se entendo o que você quer dizer – falei, quando a caminhonete parou na minha frente.

Eu descobriria com Harlow o que aquelas duas vacas intrometidas haviam falado para a fazer sair correndo. Fui até a caminhonete.

– Elas podem ter mencionado a falta de um diamante, senhor – o manobrista falou alto.

Fiz uma pausa e olhei para ele. O rapaz estava com o rosto vermelho, como se detestasse falar aquilo. Mas compreendi exatamente o que ele estava dizendo. Harlow jamais admitiria para mim que havia escutado algo do gênero.

– Obrigado – eu disse.

Ele balançou a cabeça.

– Sim, senhor. A Srta. Manning é sempre muito gentil comigo. Não gostei de ouvir aquilo tanto

quanto ela.

Aquele garoto ia ganhar um aumento. Eu ia ligar para Woods no dia seguinte. Conferi o crachá dele.

– Obrigado, Henry. Não vou me esquecer disso.

Então entrei na caminhonete e corri para casa.

A varanda da frente estava iluminada, assim como o quarto no andar de cima. Ela havia chegado bem em casa. Eu podia pelo menos voltar a respirar. Entrei o mais rápido possível e segui direto para a escada. Ouvi barulho de água correndo e soube que ela estava em sua grande Jacuzzi. Fui recebido pelo cheiro de lavanda dos sais de banho quando entrei em nosso quarto. O telefone estava esquecido ao lado da bolsa em cima da cama. Ela não estava me ignorando. Só estava ocupada demais aprontando o banho. Pelo menos era o que eu esperava.

– Harlow – chamei.

Não queria assustá-la entrando no banheiro sem me anunciar.

Ela estava deitada na banheira, olhando atentamente para mim. Não soube dizer se estava brava comigo ou magoada. Não havia uma verdadeira expressão em seu rosto que eu pudesse interpretar. Era como se ela estivesse me escondendo seus sentimentos. Depois do que havíamos passado, e depois de eu tê-la convencido a me deixar entrar em seu coração novamente, eu não podia voltar a ficar do lado de fora. Precisava saber o que ela estava pensando.

– Você veio embora sem mim – eu disse, dando mais uns passos em sua direção.

Ela pôs os dedos dos pés para fora e tocou a água que corria da torneira.

– Eu queria que você aproveitasse – falou ela baixinho.

– Isso não é possível se você não estiver comigo – respondi, sentando na borda da banheira para ficar mais perto do olhar dela.

– Você vai molhar o smoking – disse ela, franzindo a testa.

– Não estou preocupado com o smoking. Estou preocupado com você.

Ela levantou o olhar e me encarou.

– Estou bem. Só estava cansada, e toda aquela gente reunida de repente foi demais pra mim.

Exatamente como eu imaginava. Ela jamais me contaria o que havia escutado. Ela tinha vergonha ou medo de que eu pensasse que ela estava me forçando a casar, a fazer algo que eu não quisesse. Não sabia exatamente se ela estava envergonhada ou com medo, mas a conhecia bem o bastante para saber que era uma coisa ou outra.

Forçá-la a me contar não ajudaria. Eu teria de provar a ela que o que aquelas cobras haviam dito não era verdade. Eu já estava pensando em comprar um anel para pedi-la em casamento, mas temia pressioná-la rápido demais. Ela não precisava de nenhum estresse extra. Não era, no entanto, como se eu não estivesse pensando no assunto. Eu não havia comprado aquela casa para ela apenas para morarmos juntos como namorados – eu havia comprado a casa para nós. Harlow, Lila Kate e eu. Aquela casa era nosso lar.

Eu achava que ela compreendia tudo isso. Por outro lado, sabia como essas garotas podem ser más, e, se estavam convencidas do que diziam, aquilo com certeza pareceria muito convincente para Harlow. Eu tinha concluído que empurrar Bailey para longe de mim e dizer a Nan que meu relacionamento com Harlow não era da conta dela seriam as piores partes da minha noite. Estava enganado. Harlow estar chateada era de longe a pior coisa.

– Você não precisa se preocupar comigo. Estou bem. Só precisava descansar.
Afastei do rosto dela a mecha de cabelo que havia se soltado do penteado.
– Eu amo você – disse a ela.
– Eu também amo você.
Mas eu sabia que isso não bastava. Precisava provar a ela quanto.

Minha doce Lila Kate,

Comprei mais roupas para você do que você conseguirá dar conta de usar. Eu as dobrei e redobrei um milhão de vezes. Fico cuidando para que seus vestidinhos estejam pendurados direitinho no seu armário e para que você tenha sapatos para combinar com cada roupa. Coisas bobas com as quais os bebês não se importam, mas me dá algo para fazer enquanto espero por você.

Também estou fazendo um álbum com fotos minhas e de seu pai. Há inclusive algumas de nós três. Adoro uma de seu pai com a mão na minha barriga. É como se ele também estivesse segurando você. Seu pai contratou um fotógrafo para vir em casa tirar fotos nossas ontem – uma surpresa para mim. Agora temos fotos de família maravilhosas em todas as minhas partes preferidas da casa.

Na verdade, o balanço embaixo da árvore é meu lugar favorito, e eu posso dizer que a primeira vez que me balancei nele estava com você. Tenho uma prova fotográfica disso também. É a foto da capa do seu álbum. Você vai reconhecê-la imediatamente.

Imagino que um dia vou sentar com você na nossa varanda e olhar este álbum. Imagino que estará gasto de amor e do passar dos anos. Você vai poder ver com quanto amor foi trazida para este mundo.

Mas, se eu não estiver ao seu lado e você estiver vendo este álbum com seu pai ou sozinha, saiba que eu criei cada uma das páginas com amor. Estava mais feliz do que nunca, e a minha vida estava completa.

Com amor eterno,

Mamãe

Harlow

Selei o último envelope e amarrei a pilha de cartas com uma fita de cetim rosa. Ainda faltavam oito semanas de gravidez e acrescentaria mais cartas, mas, até agora, já havia escrito uma carta para cada aniversário e Natal de Lila Kate até ela completar 21 anos, uma para o primeiro dia no jardim de infância, uma para a formatura no ensino médio, outra para seu casamento, uma para o nascimento do primeiro filho e outra para o aniversário de trinta anos. Apenas para o caso de eu não estar presente, queria deixar parte de mim com ela. Se eu ao menos tivesse parte da minha mãe quando estava crescendo… Eu teria trocado qualquer coisa por isso. Lila Kate teria isso, se não tivesse a mim.

Peguei a outra pilha de cartas que havia escrito. Eram todas para Grant: uma para o dia depois do meu funeral, uma para o primeiro dia dele sozinho com Lila Kate depois que todos tivessem retomado suas vidas normais, uma para o primeiro dia dela no jardim de infância e outra para o caso de ele encontrar uma mulher por quem pudesse se apaixonar. Enrolei essas cartas com uma fita de cetim vermelha.

Se não estivesse presente para ser sua companheira e ajudá-lo a criar nossa menininha, queria que pelo menos minhas palavras estivessem com ele. Queria que ele soubesse que eu estava observando lá de cima, que tinha orgulho dele e que achava que ele estava fazendo um trabalho maravilhoso. Também queria que ele se sentisse livre para seguir em frente quando chegasse o momento. Ele era meu único e verdadeiro amor. Meu conto de fadas. Mas era possível que eu não fosse o dele. Ele tinha uma longa vida pela frente, e eu não queria que ele a passasse sem alguém a seu lado.

Coloquei as duas pilhas de cartas na última gaveta da cômoda de Lila Kate. Em cima das duas pilhas, deixei uma carta solta: a primeira carta que ele leria. Falaria a ele sobre as cartas quando achasse que estava na hora.

Como Grant sabia do álbum, deixei-o em cima da cômoda. Ele não sabia, no entanto, o verdadeiro motivo pelo qual eu queria todas aquelas fotos. Para ele, eu estava fazendo um álbum de lembranças para Lila Kate. Eu havia emoldurado minha foto preferida, em que estávamos sentados nos degraus da varanda da frente. Minha cabeça estava apoiada no ombro de Grant, e ele estava com um braço ao meu redor e com a mão estendida na minha barriga. A foto estava pendurada acima do trocador de Lila Kate. Dava para vê-la assim que entrávamos no quarto.

– Você está dobrando as roupas do bebê de novo? – perguntou Grant ao entrar no quarto.

Dei uma risada. Ele havia me flagrado mais de uma vez reorganizando o armário e as gavetas dela. Ele não compreendia, mas nunca fazia graça com isso. Sempre sorria e me dizia que Lila Kate teria a melhor mãe do mundo. Eu realmente esperava que isso fosse verdade.

Grant nunca falava sobre o que poderia acontecer. Os resultados dos exames e das consultas continuavam bons, e a cada ida ao médico Grant parecia menos preocupado. Ele não olhava mais para a minha barriga como se estivesse inseguro em relação a ela, como se minha barriga fosse um inimigo. Ele a tocava com frequência e havia inclusive começado a conversar com ela.

– Eu quero tudo perfeito para ela – eu disse, fechando a gaveta com as cartas.

– Vai ser, porque você estará lá – respondeu ele.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele deu um passo na minha direção.

– O fotógrafo vai voltar esta tarde. Tem mais algumas fotos que eu quero que ele faça.

Ele queria? Eu havia começado a perguntar a respeito quando ele parou na minha frente e segurou minhas duas mãos. Então, como que em câmera lenta, abaixou-se, apoiado em um dos joelhos. Perdi totalmente o fôlego e a fala. Não esperava por aquilo. Depois do baile, havia me convencido de que ele não estava pronto para se casar. Grant já havia assumido um grande risco comigo. Ele não gostava de correr riscos. Era cauteloso.

– Harlow Manning – começou ele, tirando uma caixinha preta do bolso. – Acho que me apaixonei no instante em que pus os olhos em você. Eu não consegui me esquecer de você. Procurava motivos para estar por perto. Sonhava e fantasiava com você. Então, depois de um tempo, comendo comida chinesa, consegui fazer você ficar no mesmo lugar que eu por mais de um minuto. Soube naquela noite em que nos beijamos que eu nunca mais seria o mesmo. Nada seria igual. Você marcou a minha vida.

Ele engoliu em seco e me deu um sorriso trêmulo enquanto abria a caixa. Um diamante em forma de lágrima estava aninhado em uma pequena almofada de veludo. Era simples e elegante. Era perfeito. Eu não costumava usar joias, mas aquela… aquela eu usaria para sempre. Meus olhos se encheram de lágrimas que nublaram minha visão. Aquilo estava acontecendo de verdade. Sequei as lágrimas que escaparam e soltei uma risadinha para aliviar a confusão emocional que estava vivendo.

– Você me apavora. Nada neste mundo brilhou tanto quanto você ou me fez tanto querer ser uma pessoa melhor. Vou passar uma vida inteira tentando ser digno de você, mas não vou conseguir. Ninguém jamais conseguiria. Você é um presente raro e precioso, e eu não posso imaginar a vida sem você nela, ao meu lado. Você é a minha felicidade. Você é a minha casa. Você faria de mim o homem mais sortudo do mundo e se tornaria minha esposa?

Em pé diante daquele homem lindo de joelhos, eu resolvi deixar as lágrimas correrem livres pelo meu rosto. Diante daquele homem que havia acabado de dizer palavras tão encantadoramente doces para mim.

– Sim – respondi, sem conseguir dizer mais nada.

Não precisava lembrá-lo do risco que ele estava correndo. Ele sabia. Nós dois sabíamos. Ele não se importava. Eu valia o risco. Era isso que ele estava me dizendo.

– Sim? – repetiu ele, sorrindo para mim.

Balancei a cabeça, e ele deu uma risada aliviada, ficando de pé e agarrando meu rosto com as duas mãos. Os lábios dele colaram nos meus, e eu soube que, se morresse amanhã, eu teria vivido. Eu teria vivido muito.

Grant me pegou no colo e começou a me carregar para fora do quarto.

– Me ponha no chão, estou pesando uma tonelada! – eu disse, temendo que ele machucasse as costas.

– Você ganhou 8 quilos, gata. Isso não é uma tonelada.

Ele estava indo para o nosso quarto, e eu achei que discutir com ele podia contrariar meus interesses. Se aquilo ia para onde eu pensava, estava completamente de acordo. Grant me deitou cuidadosamente na cama e se abaixou para tirar meus sapatos. Ele beijou os arcos dos meus dois pés antes de se levantar e tirar a minha blusa. Eu o deixei me despir como se eu não fosse capaz de fazer sozinha, porque ele pareceu estar gostando daquilo. Quando ele puxou a minha legging, levantei o bumbum para ele conseguir tirá-la, deixando-me completamente nua, enquanto ele estava totalmente vestido.

– Isto é um pouco injusto – eu disse, segurando o botão da calça jeans dele.

Ele riu e me deixou abrir o botão. Então tirou a calça, e depois a camiseta. Segurei seu corpo firme e esculpido e passei a mão por sua barriga. Adorava a sensação, e quando ele flexionava os músculos era ainda melhor.

– Deite-se e abra essas pernas para mim. – A voz dele virou um sussurro rouco e envolvente, e ele semicerrou as pálpebras ao percorrer meu corpo com os olhos.

Recuei e abri as pernas como ele mandou. Ver o sorriso sexy de Grant antes de ele abaixar a cabeça entre as minhas pernas me fez estremecer de expectativa. Eu adorava a forma como ele me fazia me sentir.

Quando sua língua percorreu minha fenda, eu levantei os braços e agarrei a cabeceira da cama em uma tentativa de não agarrar seus cabelos e assumir ou perder o controle, não sabia mais ao certo. Eu estava mais sensível lá embaixo do que nunca, mas havia lido que isso era normal. Eu pensava muito mais sobre sexo do que antes, embora olhar para Grant normalmente me fizesse pensar em sexo. Sexo suado, quente e selvagem. Do tipo que não podíamos fazer no momento. Mas eu queria. Queria muito.

– Me dê sua mão – ele mandou, e eu obedeci rapidamente. Ele a levou até minha parte mais molhada. – Mantenha aberta enquanto eu lambo.

Ah, nossa. Isso era novo. Levei as mãos para baixo e as usei para segurar meus lábios abertos enquanto ele lambia desde o meu ponto mais sensível, que estava muito perto de me levar ao orgasmo, até a minha abertura, que se contraía com a expectativa de ser preenchida. Comecei a gritar à medida que o orgasmo crescia dentro de mim, mas, pouco antes de me levar ao ápice, ele parou e colocou o corpo por cima do meu. Deslizou para dentro de mim, lentamente e com facilidade, com um grunhido de prazer saltando de seu peito.

– Juro que toda vez que estou dentro de você penso que é a melhor sensação do mundo, mas na vez seguinte é ainda melhor. – Cravei as unhas em suas costas, e ele começou a se mexer mais rápido. – Nunca vou ter o bastante de você. Quero morar dentro desta boceta – disse ele quando estava novamente próxima ao orgasmo.

Desta vez, em vez de recuar, ele desceu a boca e agarrou um de meus mamilos enquanto as ondas de prazer me inundavam, fazendo-me entrar em espiral no país das maravilhas.

– Ah, isso. Isso é gostoso demais! – Ouvi-o falar, enquanto ele movimentava os quadris mais rápido, e meu nome saiu do peito dele em um grunhido antes de ele virar de lado, me levando junto para que pudesse continuar dentro de mim, mas comigo por cima.

– Não consigo parar – disse ele, arfando. – Vou gozar agora.

Estocou mais uma vez e seu corpo estremeceu.

Quando terminou, tracei um caminho de beijos do ombro até sua boca.

– Quando for seguro de novo, tenho planos para você, meu doce. Planos sujos e sacanas.

– É uma promessa? – perguntei, sorrindo para ele.

– Pode apostar – respondeu ele.

Mais tarde naquela noite, horas depois de Grant me mostrar exatamente quanto me amava e de eu experimentar todo o prazer que ele era capaz de me fornecer, senti uma dor forte. Logo eu estava encolhida e gritando. A dor era forte demais, e eu sabia que não era normal. Havia lido tudo sobre contrações. Havia alguma coisa errada. Muito errada.

Grant saltou da cama, tentando falar comigo, mas eu não conseguia falar ou responder de outra maneira. Estava fazendo todo o possível para não berrar de dor de novo. A voz dele não me acalmava. Nada ajudava. A dor começou a diminuir lentamente, então veio de novo.

– A ambulância estará aqui em cinco minutos.

A voz de Grant estava tomada de terror. Queria reconfortá-lo, mas, dessa vez, não podia. Eu precisava cuidar de mim e da nossa bebê. Um tecido frio e úmido tocou a minha testa enquanto ele me dizia quanto me amava e como iria cuidar de mim. Então ele xingou e sentiu o calor entre as minhas pernas.

– Meu Deus, não!

Olhei para baixo e vi apenas sangue. Então tudo ficou escuro.

Grant

Harlow foi levada em uma maca para longe de mim, e as portas se fecharam atrás do médico e das enfermeiras que cercaram seu corpo inconsciente. Eles não me deixaram passar dali. Eu estava anestesiado de dor e pavor. Minha vida havia acabado de atravessar aquela porta, sem promessa de voltar.

Fiquei olhando fixamente pelas pequenas janelas que havia nas portas e vi a maca desaparecer. Eu precisava esperar ali. Foi apenas isso que disseram, e mais nada. Eles não me explicaram se eu veria Harlow sorrir novamente. Não me disseram se ela voltaria a abrir os olhos. E não me disseram se Lila Kate algum dia veria este mundo.

A única coisa que eu sabia era que meu coração e minha alma estavam em algum lugar atrás daquelas portas.

– Grant. – Ouvi a voz de Rush, nas eu não me virei.

Mantive os olhos fixos naquelas janelas. Eram a única conexão com o lugar para onde haviam levado Harlow. Senti braços me envolverem, e uma mão grande pousou em meu ombro. Eu não havia ligado para ninguém. Não sabia como Blaire e Rush tinham descoberto. Se eu conseguisse falar, perguntaria a eles, mas naquele momento não era capaz nem mesmo disso. Estava com medo de fazer qualquer coisa. Precisava me focar naquela porta. *Preciso desejar que ela viva para mim. Que ela volte para mim*.

– Bethy viu a ambulância saindo da sua casa quando voltava do trabalho. Ela nos ligou – explicou Blaire, sem que eu precisasse perguntar. – Ela está com Nate agora. Woods e Della estão vindo, e Rush vai ligar para Mase. Talvez seja melhor Mase ligar para Kiro.

Com o canto do olho, vi Rush balançar a cabeça e sair para fazer a ligação.

Kiro. Era o meu único alento. Eu não precisaria viver sem Harlow porque, se ela não sobrevivesse, Kiro tiraria minha vida. Eu entregaria minha arma a ele se quisesse.

Ouvi passos vindo na nossa direção.

– Alguma notícia? – perguntou Della.

Não olhei para ela. Precisava continuar olhando as portas. Por aquelas janelas.

– Não. Rush foi ligar para Mase. Eu ia pedir que ele perguntasse. Acho que ele pode conseguir fazer alguém falar.

– Woods dará um jeito nisso – disse Della.

Senti alguém apertando meu ombro.

– Já volto – falou Woods. – Estamos aqui, cara. Vai ficar tudo bem. Ela é uma guerreira.

Consegui fazer algo parecido com um sinal positivo com a cabeça. Porque eu não tinha certeza se tudo ficaria bem. Não sabia se alguma coisa voltaria a ficar bem.

– Mase está a caminho – disse Rush, vindo até meu lado. – Este lugar está prestes a ficar lotado. Sinto muito, mas todos amam você e Harlow. Ela é parte de nós agora.

Ela era a melhor parte. Mas eu não disse isso.

Depois de apertar suavemente meu braço, Blaire me soltou.

– Vamos nos sentar – sugeriu ela gentilmente.

– Não. Eu preciso ver.

Não ia explicar mais do que isso. Eu simplesmente não ia sair dali.

– Sentem-se vocês. Eu fico aqui com ele – disse Rush, parecendo compreender minha necessidade de ficar de vigia.

Os outros se afastaram lentamente, mas Rush continuou ao meu lado. Eu não assumiria, mas precisava dele. Tê-lo ali ao meu lado, apenas isso, ajudava. Eu me sentia mais forte. Não ia desabar esperando Harlow enquanto ele ficasse ali, ajudando-me a segurar a onda.

Eu não havia me dado o trabalho de ligar para meu pai. Ele não tinha me perguntado sobre Harlow desde aquele telefonema meses antes. Ele não parecia se importar com o que eu estava fazendo da vida. Ele só se preocupava se eu estava fazendo meu trabalho. Eu acabaria ligando, já que ele precisaria saber por que eu não iria trabalhar.

– Ela está na sala de cirurgia. Foi tudo o que consegui descobrir. Eles vão dar notícias em breve – contou Woods.

Ela estava passando por uma cirurgia, e eu não estava lá para segurar sua mão. Não estava lá para dizer que ela ia ficar bem. Ela estava sozinha. Precisava de mim.

– Ela precisa de mim – falei com a voz embargada.

– Ela precisa que você seja forte. É disso que ela precisa – disse Rush.

Eu sabia disso, mas não estava certo se conseguia ser forte o bastante, imaginando-a em uma mesa de cirurgia. E se eles cometessem um erro? E se o coração dela não suportasse?

– Quando éramos crianças, ela fez uma cirurgia cardíaca de peito aberto. Ela estava morrendo de medo e se enroscou no colo de Kiro na noite anterior. Então ele contou a ela uma história sobre uma princesa que caía no sono. Tudo o que ela precisava para acordar era que o homem que mais a amava no mundo estivesse lá esperando por ela. E, se ela soubesse que ele estava lá, acordaria para vê-lo. – Rush deu uma leve risada. – Eu achei a história meio idiota na época, mas, depois da cirurgia, quando finalmente pôde receber visitas, meu pai me levou até o quarto dela. Perguntei como tinha sido ser colocada para dormir e se foi tão assustador quanto ela imaginava. Ela balançou a cabeça e disse: "Não. Eu sabia que meu pai estava aqui esperando que eu acordasse. Então eu acordei." E foi simples assim. Ela sabe que você estará aqui quando ela acordar. Eu acredito que ela irá acordar.

Eu queria acreditar que isso dependia dela. Que ela voltaria para mim. Que não desistiria. Mas, naquele momento, eu estava com muito medo de que minha esperança não fosse o suficiente. Ficava me lembrando de todo aquele sangue na cama e do rosto dela ficando pálido, e ela apagando em seguida. Nada. O coração dela estava batendo e ela estava respirando, mas meu coração e minha respiração haviam parado. Era meu pior pesadelo se tornando realidade.

Ouvi mais vozes encherem a sala de espera, mas não me mexi nem me virei para ver quem era. Rush continuou zelosamente ao meu lado, e nós nos mantivemos em silêncio. Fiquei olhando para a porta, e acho que ele também.

Enfermeiras saíam e entravam pela porta dupla. Uma parou e nos perguntou o que estávamos fazendo, e Rush explicou que estávamos esperando. Ela deve ter visto a expressão decidida em meu rosto, porque não discutiu, apenas se afastou.

Várias pessoas se aproximaram para me dar um tapinha nas costas e oferecer apoio. Jimmy, Thad, a tia de Bethy, Darla e até mesmo Henry, o manobrista. Eu não sabia quem mais havia chegado. Não desviei os olhos da porta nem por um instante.

– Tiveram alguma notícia?

A voz de Nan me surpreendeu, e eu fiquei tenso. Aquele não era um bom momento para ela aparecer. Queria que ela fosse embora. Ela não se importava com Harlow, nunca havia sido gentil com ela. Ela tornava a vida de Harlow um inferno sempre que tinha uma chance.

– Não. Se você vai ficar, vá se sentar na área de espera com todos os outros – disse Rush à irmã.

Imaginei que fosse discutir ou dizer alguma irona. Mas não foi o que ela fez. Apenas se afastou. Se minha mente não estivesse focada em Harlow, eu me perguntaria que diabo havia acabado de acontecer.

– Você está parado aqui há mais de uma hora. Posso pegar alguma coisa para você beber? – perguntou Rush.

– Não.

Eu não ia beber a merda de um refrigerante enquanto a vida de Harlow estava por um fio.

– Tudo bem. Pode desidratar – respondeu ele.

As portas se abriram e um médico saiu, procurando alguma coisa. Os olhos dele pousaram nos meus.

– Estou procurando a família de Harlow Manning – disse ele.

Tentei dizer que eu era a família, mas não saiu nada. O pânico apertou minha garganta com tanta força que eu não conseguia sequer respirar. Pronto. Era a minha notícia.

– Somos nós – interveio Rush quando se deu conta de que eu não era capaz de dizer nada.

O médico se aproximou de nós e olhou por cima do ombro de Rush.

– Nunca vi esta sala de espera tão cheia.

– Harlow é muito amada – respondeu Rush.

Consegui respirar um pouco, e os olhos do médico se voltaram para mim.

– Você está bem?

– Ele precisa saber como está Harlow. Ele está prestes a ter um ataque de pânico. – Agora era Blaire, atrás de mim, quem falava.

– Preciso de familiares diretos – disse o médico.

– Ela é minha noiva – finalmente consegui falar.

O médico assentiu.

– Muito bem, então, basta. Suponho que o bebê seja seu.

Mais uma vez balancei a cabeça.

– Bem, meus parabéns. Você tem uma bebê nascida às 2h45 da manhã. Ainda não era a hora, mas tivemos de fazer uma cesárea de emergência. Ela precisará ficar na unidade de terapia intensiva neonatal por um tempo, mas está totalmente desenvolvida e seu coração parece bem. Ela tem 1,64 quilo e 40,5 centímetros. Vou precisar que você preencha a certidão de nascimento quando estiver pronto para vê-la.

Lila Kate estava viva. Ela estava ali. Em 28 de setembro de 2014, eu me tornei pai. Respirei fundo. Harlow havia conseguido. Ela havia trazido nossa bebê a este mundo saudável e viva. Mas e Harlow…

Como se estivesse lendo meus pensamentos, o médico continuou.

– Nós perdemos Harlow por alguns segundos, mas ela voltou logo. Ela é uma guerreira.

– Vocês a perderam? – perguntei, sem compreender o que ele estava me dizendo.

– O coração parou de bater, mas com um pouco de ajuda ela voltou. No entanto, ela ainda não acordou e está em situação crítica. Não posso dizer agora se e quando ela irá acordar. O coração e o

corpo dela sofreram um episódio traumático severo. Ela perdeu muito sangue e vai precisar receber uma transfusão. Por sua natureza delicada, precisa ser sangue A positivo. Se houvesse um familiar próximo com o mesmo tipo sanguíneo dela, um pai ou irmão, seria melhor.

Eu era B positivo. Não poderia ajudá-la. Ela precisava de mim, e eu não podia fazer nada.

– Sou O negativo – disse Woods, parando ao meu lado. – Não sou parente, mas sei que O negativo é doador universal.

O médico assentiu.

– Sim, mas, se tivéssemos um membro da família com o mesmo tipo sanguíneo, seria melhor. Se não houver ninguém, aceitaremos sua oferta de bom grado.

– Sou A positivo. Sou irmã dela. Vou doar o sangue.

Após as palavras de Nan, toda a sala de espera ficou em silêncio.

Minha doce Lila Kate,

Hoje você chegou a este mundo. Estou escrevendo antes de vê-la realmente. Esta é minha carta para você caso eu não esteja aí para segurá-la no colo e recebê-la nesta vida. Mas posso imaginar quanto você é perfeita e linda. Aposto como tem os olhos azuis do seu pai. Espero que tenha o sorriso dele. Ele tem um sorriso lindo.

Se você não teve chance de me conhecer, saiba que foi minha maior realização. Você foi um sonho que eu jamais imaginei que se tornaria realidade. Desde menina, sempre quis ser mãe. Sempre quis um bebê meu. Não compreendia o que ser mãe significava até descobrir que você estava dentro de mim. Eu já amava intensamente seu pai. Você era parte dele, e eu amava você com a mesma intensidade.

Cada escolha que eu fiz até hoje foi consciente, e eu não mudaria nada. Adoraria ter a oportunidade de pelo menos segurar você no colo, mas, se isso não acontecer, saiba que eu segurei você dentro de mim por nove meses (espero) e valorizei cada dia.

Durma bem nos braços de seu papai. Saiba que eu dormi. Ele vai ser bom em fazê-la se sentir segura. Quando ficar assustada, deixe que ele a lembre de que está sempre pronto para abraçá-la quando precisar.

Sobretudo, quero lhe dizer o seguinte: você é uma lutadora. É forte. Corajosa. Você pode realizar qualquer coisa que se determinar a fazer. Este mundo é seu, e acredito que você viverá uma vida tão cheia de felicidade que eu serei capaz de sentir lá de cima.

Nunca deixe os outros colocarem você para baixo. As palavras deles não mudarão quem você é. Você tem o controle de quem é. Você, minha doce Lila Kate, é a filha da sua mãe. Nós lutamos pelo que queremos e acreditamos. Não ouvimos os outros e nos sentimos seguras em relação a quem somos. Mostre ao mundo como Lila Kate Carter é incrível, e escale montanhas, minha bebê. Escale todas elas.

Com amor eterno,

Mamãe

Grant

Ela era minúscula. A coisa mais minúscula e perfeita que eu vi na vida. Eles me fizeram tomar uma ducha e vestir roupas de hospital antes de entrar na pequena sala onde cuidavam de Lila Kate. Ela estava dormindo em uma incubadora, com um fio colado ao peito. Suas pernas estavam dobradas e seus pezinhos estavam próximos de seu corpo. Além de um par de meias minúsculas, ela usava apenas uma fralda e um pequeno chapeuzinho de tricô. Ela estava com frio?

– Daqui a alguns dias, você poderá pegá-la no colo. No momento, precisamos monitorá-la e nos certificar de que está tão saudável quanto aparenta. Ela saiu da barriga com um choro muito forte, o que é um sinal muito bom – disse a enfermeira ao meu lado.

– Ela é durona. Como a mãe – respondi, com a voz embargada.

Ainda não haviam me deixado ver Harlow. Quando me disseram que eu poderia ver Lila Kate, eu não tinha certeza se queria ir. Não sem Harlow. Ela ainda não a havia visto. Mas não podia suportar a ideia de Lila Kate ali sozinha sem a mãe. Harlow iria me querer ao lado de nossa filha. Eu não iria decepcioná-la.

– Você provavelmente já sabe disso, mas ela pesa mais de um 1,6 quilo, o que é bom. Há alguns marcos que precisa atingir antes de poder ser liberada da UTI neonatal. Normalmente, um bebê prematuro nascido dois meses antes do previsto pode levar umas duas semanas para ser liberado.

Eu não estava pronto para levá-la para casa. Ela era tão pequenininha. Tinha medo de segurá-la. Ela parecia que ia quebrar. Precisava de Harlow para isso. Ela saberia o que fazer. Ela a seguraria no colo, a acalmaria e faria tudo que fosse preciso.

– Se quiser, pode sentar naquela cadeira de balanço para ficar olhando para ela. Ela pode acordar logo, e então você conhecerá sua filha.

Minha filha. Eu tinha uma filha. Aquela vidinha era realmente parte de mim. Parte de Harlow. Senti uma emoção tomando conta de mim e me dei conta de que amava esse bebê. Eu amava esse bebê completamente. Eu a adorava, e nem sequer a conhecia ainda. Ela era nossa.

– Eu quero ficar, mas, assim que puder ver Harlow, quero que alguém me chame. Imediatamente – reforcei.

Harlow precisava ouvir a minha voz. Ela abriria os olhos quando me ouvisse e saberia que eu estava esperando por ela. Ela precisava fazer isso. Lila Kate e eu não conseguiríamos ficar sem ela. Eles simplesmente precisavam me deixar vê-la. Ela estava esperando por mim. Eu sabia que estava.

Sentei na cadeira de balanço voltado para a cabecinha de Lila Kate. Quando ela acordasse, eu veria seus olhinhos. Não dava para saber com quem ela se parecia ainda. Ela era tão pequena que parecia mais uma boneca do que qualquer outra coisa.

Harlow havia comprado uma roupa para ela sair do hospital antes mesmo de sabermos se era menino ou menina. Ela havia comprado uma roupa para cada gênero, por garantia. O vestidinho cor-de-rosa estava na mala do hospital que ela havia preparado tão carinhosamente e deixado sobre o trocador no quartinho. Eu deveria pegá-la quando Harlow entrasse em trabalho de parto, mas as coisas não aconteceram da forma como havíamos planejado. Meu único objetivo na ocasião tinha sido levar Harlow até o hospital. Eu teria que pedir que Blaire fosse à nossa casa buscar o que fosse preciso. Eu não ia sair dali. Não sem as minhas meninas. As duas.

Os olhinhos dela piscaram e se abriram, e logo minha filha estava olhando diretamente para mim. Eu me levantei lentamente, com medo de assustá-la, e fui até a incubadora. Haviam me dado luvas e havia buracos na incubadora para eu enfiar as mãos e tocar Lila Kate. Ela acompanhou todos os meus movimentos até eu chegar à incubadora. Quase conseguia ver a curiosidade em seu rostinho.

– Olá, Lila Kate. Sou eu, seu pai. Nós nos falamos antes, mas não assim cara a cara – eu disse a ela enquanto enfiava a mão na incubadora e tocava na mãozinha dela.

Dedinhos minúsculos se enrolaram em um dos meus e seguraram enquanto ela continuava me encarando. Ela precisava de mim. Entender isso me comoveu, e eu não sabia ao certo se me sentia apavorado ou submisso.

– Você é linda, exatamente como sua mamãe. Você logo vai vê-la. Só estamos esperando que ela acorde. Precisamos que ela acorde. Ela sabe disso. Eu vou dizer isso a ela assim que deixarem.

O polegar da outra mão foi direto para a boca, enquanto ela ainda olhava para mim.

– Você gosta desse polegar, não gosta? Sua mamãe e eu vimos você fazer isso quando estava dentro dela. Vimos você na tela do ultrasson chutar e se mexer e chupar esse polegar. O médico nos avisou que você provavelmente ia adorar chupar o dedo.

Ela soltou meu dedo, apenas para apertá-lo novamente. Era incrível como alguém tão pequeno podia segurar com tanta força.

– Você vai sair desta caixa logo, e então vou poder mostrar o mundo a você. Nós vamos mostrar. Sua mamãe e eu. Ela decorou seu quarto. Ela dedicou muito tempo e amor preparando-se para sua chegada. Espero ansiosamente pelo dia em que nós três entraremos juntos no seu quarto.

Lila Kate piscou e continuou me olhando enquanto sugava o polegar. Ela esticou as perninhas e as dobrou de novo, como se elas tivessem molas. Enfiei o outro braço no buraco da incubadora, peguei um dos pezinhos e tirei a meia para dar uma olhada nos dedinhos dos pés. Eram curtos e, como o resto dela, perfeitamente proporcionais. Segurei o pezinho enquanto ela chutava e se contorcia. Tinha metade do comprimento do dedo.

Quando acabei de examinar seus pés, vesti a meia novamente. Ela não pareceu gostar disso, porque recomeçou a chutar com toda a força.

– Sr. Carter, o pai de Harlow chegou. O Sr. Finlay me pediu que viesse chamá-lo.

Kiro havia chegado. Estava na hora de encará-lo. Eu compreendia seu desejo de me matar. Harlow era tudo para ele. Ela era parte de Emily, e o amor que ele sentia por Emily se estendera a Harlow. Eu compreendia isso completamente. Olhando para a minha própria filha, tudo o que eu podia ver era a mãe dela. Naquele momento, aprendi que meu coração era grande o bastante para ter dois amores épicos nesta vida.

– Já volto. Preciso falar com seu avô. Você o conhecerá em breve. Prepare-se. Ele é muito intenso – disse a ela antes de tirar a mão da incubadora, mandar um beijo e me virar para sair.

Parei na porta e olhei para a enfermeira.

– Já volto. Não quero que ela fique sozinha. Cuide para que esteja bem aquecida.

A enfermeira sorriu e balançou a cabeça.

– Sim, Sr. Carter. Vamos cuidar dela.

– Obrigado – respondi, seguindo para a sala de espera.

Peguei o elevador e passei na estação de enfermagem mais próxima antes de sair e falar com Kiro.

– Há alguma informação nova sobre Harlow Manning? A irmã ia doar sangue para a transfusão.

Queria uma atualização.

A enfermeira assentiu e pegou o telefone. Falou com alguém do outro lado da linha, perguntou sobre Harlow e então desligou e olhou para mim.

– Você é o noivo dela, Grant Carter? – perguntou a mulher.

Assenti.

– A transfusão de sangue foi bem-sucedida. Harlow ainda não abriu os olhos, mas suas ondas cerebrais estão constantes. No entanto, enquanto ela não abrir os olhos, não temos como saber quanto foi afetada. Um médico falará com o senhor em breve. Disseram que o pai dela chegou.

– Obrigado – respondi, me agarrando à boa notícia.

Precisava ser otimista. Kiro estar ali deixava todos mais ansiosos por responder às minhas perguntas, mas aquilo não me incomodava. Se Kiro Manning os deixava nervosos, melhor. Eu precisava deles agindo rápido. Não me importava o motivo.

Ainda não havia conseguido processar a oferta de Nan para doar o sangue de que Harlow precisava. O que ela tinha a ganhar? Nan jamais dava nada sem tentar manipular as pessoas. Precisava haver um motivo para ela fazer aquilo. Mas eu sinceramente não me importava. Ela havia feito, e era o que bastava.

Kiro

Por que não podia ter sido o *meu* coração? Por que tinha de ser o da minha bebê? Eu vinha me fazendo esta pergunta desde o dia em que disseram a Emmy e a mim que havia um problema com o coração de Harlow. Eu teria feito de tudo para tirar isso dela. Mas, assim como eu não pude salvar minha Emmy, não pude salvar nossa filha.

Ela sempre foi teimosa e corajosa. Aquela maldita cabeça dura dela era algo que eu admirava. Até ela decidir que ia ter um bebê. Eu sabia que ela jamais abortaria. Não era da sua natureza. Ela vinha tentando salvar o mundo desde os 3 anos. Ela sempre colocava os outros antes de si mesma. Preferia as pessoas a quem amava às próprias vontades e necessidades.

Isso era apenas uma das coisas que a tornavam tão linda. Exatamente como minha Emmy. E ela era tudo o que eu tinha de Emmy. A luz nos olhos da mãe havia desaparecido fazia muito tempo. Todos os dias em que a visitava, eu esperava ver os olhos dela se iluminarem de compreensão e que ela voltasse para mim, mas isso nunca aconteceu. Nunca.

A única forma de eu ver essa luz era olhando para a nossa Harlow. Nosso pequeno milagre. E agora ela estava deitada em uma maldita cama de hospital toda entubada, a vida por um fio.

Tudo o que eu podia pensar durante o voo para Rosemary Beach era como eu ia esganar Grant Carter por ter feito isso com ela. Ele não havia pensado na segurança dela. Tinha pensado com o pau. E a minha doce Harlow amava o sujeito. Ela queria a criança. E ele a deixou prosseguir com a gravidez.

Agora eu estava na sala de espera com todas aquelas pessoas. Rush tentou conversar comigo e me acalmar. Ele não queria que eu estivesse agitado quando Grant voltasse da sala em que estava a bebê que pode ter acabado de matar a *minha* bebê. Ele disse que Grant estava arrasado, que ficara paralisado ali como se estivesse possuído, olhando para a porta em busca de algum sinal de Harlow. De alguma palavra.

Ele estava assustado. Ótimo. Ótimo, merda! Ele tinha que estar mesmo. Talvez a morte fosse algo bom demais para ele. Uma vida como a minha era o inferno sobre a terra. Era isso que ele merecia. A morte seria fácil demais para ele.

Olhei de novo para Dean, que estava sentado com Blaire, e então vi que o resto da banda havia encontrado onde sentar. Quando recebi a ligação, todos foram ao aeroporto comigo. Eles também amavam a minha menina. Ela era parte da família de todos eles. Havia uma boa chance de eles matarem Grant.

– Kiro – chamou Grant, e eu olhei para ver o homem responsável por aquilo.

Ele estava usando roupas hospitalares azuis e tinha olheiras muito profundas. A palidez em seu rosto não fez com que eu me sentisse nem um pouco melhor.

– Você matou minha filha – disparei com raiva, precisando descontar minha dor em alguém.

Grant ficou tenso, e Rush se colocou entre nós na hora. Ele parecia furioso, prestes a me segurar.

– Ela está viva – interferiu Rush. – Está lutando, porque é o que ela faz. Eu não dou a mínima para quem você é. Vou mandar expulsarem você do hospital se não conseguir se controlar. Sinto muito que esteja sofrendo. Sei que você deve estar assustado. Mas ele também está. – E apontou para Grant. – Ele está apavorado, droga. Perdê-la iria destruí-lo. Ele já está desmoronando. Então não

entre aqui falando merda e o acusando. Ele ficou ao lado da mulher que ama quando ela se mostrou decidida a ter a filha. Ele não podia obrigá-la a fazer algo que ela jamais superaria.

Dean veio até Rush e pôs uma mão no ombro dele, como se quisesse garantir que eu não o agredisse.

– O garoto parece estar vivendo um inferno. Harlow não iria querer isso. Ela gostaria que vocês estivessem aqui se apoiando. Você sabe disso, Kiro – disse Dean num tom sério.

Todos estavam do lado do garoto. Ele poderia ter impedido isso. Meu bebê queria dar um bebê a ele. Ela amava aquele bebê porque era dele. Então, sim, eu o culpava.

– Ele não a protegeu. Ele poderia ter nos poupado de tudo isso com algo tão simples como a merda de uma camisinha.

Grant fechou os olhos, e o vi tremer. Aparentemente, ele também pensava assim. Estava assumindo a culpa. Ótimo. Ele precisava saber que, se a perdêssemos, ele era o responsável. Ele.

– Ele não sabia sobre o coração dela até o dia em que ela o deixou. Ela estava grávida quando foi embora, mas ainda não sabia – explicou Rush.

Eu já sabia disso, mas não importava. Ele ainda devia ter usado camisinha. Respeitado uma garota como Harlow, a protegido do pau dele. É o mínimo que se espera de um homem.

– Onde está o merda do Mase? Ele tinha de estar aqui – gritei, furioso porque o irmão que ela adorava não estava ali, esperando.

– Estou bem aqui, babaca.

Mase

– Não acredito que você acabou de chamar Kiro de babaca – sussurrou Major ao meu lado.

– Olhe como fala – minha mãe chamou minha atenção, embora ela soubesse que ele era um babaca.

– Ele é um babaca – respondi, olhando furiosamente para o homem que havia contribuído para me botar neste mundo.

Eu não o considerava um pai de jeito nenhum. Ele era pai de Harlow, não meu. E definitivamente não era pai de Nan. Ele nem a reconhecera até ela ser adulta, e só o fez depois que o pai de Blaire dividiu essa informação com o mundo.

– Ele é o Kiro. Você não pode chamá-lo de babaca – disse Major.

Major havia crescido afastado dessa parte da minha vida. O pai dele era irmão do meu padrasto. Eu fora afastado da vida de Kiro o máximo possível. Major viajara o mundo como filho de militar e só conhecia o Kiro Manning deus do rock. Ele não sabia que porcaria de pai ele era.

– Sua irmã está morrendo lá dentro e aquele porcaria de irmão que ela idolatra não consegue encontrar tempo em sua bosta de agenda de vaqueiro para chegar aqui rápido o bastante. Quem é o babaca então? – disparou Kiro em resposta.

Minha mãe ficou tensa ao meu lado e foi atrás dele, mas eu a segurei pelo braço. Ela e Kiro não se davam bem. Ele havia sido um grande erro cometido durante um período rebelde da vida dela. Ainda não consigo entender como ela conseguiu levar adiante essa história. Mas sempre que eu perguntava ela me dizia que ele era Kiro Manning e que ela era muito nova. Simples assim. Então ela me lembrava que eu havia sido o resultado, o que fazia tudo valer a pena.

– Eu não tenho meu próprio avião. Precisei pegar um voo comercial. Cheguei aqui o mais rápido que pude. Olhe para mim. Estou coberto de poeira, suor e esterco. Nem parei em casa para me trocar. Fui correndo para a porcaria do aeroporto.

Minha mãe nem tentou corrigir meu vocabulário desta vez.

Kiro pareceu um pouco mais calmo. Voltou o olhar para Major e franziu a testa.

– Quem é esse cara? – perguntou.

Ele ainda não havia olhado para a minha mãe. Babaca.

– Major Colt. Meu primo. Major, este é Kiro Manning.

Não acrescentei que ele era meu pai. Major sabia disso, e eu não gostava de lembrar a mim mesmo ou declará-lo como tal. Eu o suportava por causa de Harlow. Ela era a única pessoa da família Manning com quem eu queria ter alguma relação. Ela era minha irmã mais nova, e se Grant Carter não estivesse completamente ferrado agora eu daria uma surra nele. Eu precisava bater em alguém, e ele era o único que eu podia culpar.

– Você não tem primos. Seu sobrenome não é Colt – disse Kiro naquele tom esnobe que eu odiava.

O astro de rock não me afetava. Aquela persona impressionava a maior parte das pessoas, mas não seus filhos. Nós o conhecíamos.

– Devia ser – disparou minha mãe, e Kiro voltou o olhar furioso para ela de imediato.

Eu não o deixaria ser grosseiro com ela. Daria uma surra no velho se fosse preciso.

– Meu sobrenome é Colt-Manning. O homem que me criou é um Colt – informei a ele.

Kiro sabia muito bem que eu era mais Colt do que Manning. Pai é o homem que está presente, não o homem que doou o esperma.

Kiro revirou os olhos e alongou o pescoço, movendo-o de um lado para outro. Ele estava assustado, e estava agindo feito um idiota para não dar uma surra em Grant. Eu o conhecia bem o bastante para saber por que estava exibindo seu pior lado.

– Vou me sentar – interveio minha mãe, querendo colocar alguma distância entra ela e Kiro.

Assenti e a observei se afastar, sentar e pegar o telefone para ligar para casa.

– Estou vendo que é um encontro de família – falou uma voz feminina, uma voz que eu esperava nunca mais escutar.

Virei para Nan. Por que ela estava ali? Ela não se importava com Harlow. Se não fosse mulher, eu bateria nela para aliviar um pouco a tensão – e vingar toda a dor que ela havia provocado em Harlow.

– Não esperava ver você aqui – eu disse, sem tentar esconder o desgosto na voz.

Ela encolheu os ombros e jogou os longos cabelos ruivos por cima dos ombros.

– Todos temos o mesmo pai – disse ela com uma doçura fingida.

– Isso não significava nada para você antes. Se está aqui para dar em cima de Grant, pode tirar o cavalinho da chuva. Caso não tenha percebido, ele está desmoronando. Você não está sequer no radar dele.

Nan se encolheu, mas muito pouco. Eu não teria percebido se não a estivesse observando atentamente.

– Vá com calma – alertou Rush. – Ela doou sangue quando Harlow precisou de uma transfusão. Ela não merece que você fale assim.

Nan havia doado sangue para Harlow? Isso era verdade?

– O quê? Você está de sacanagem comigo? – perguntei, olhando Rush e depois para Kiro, que parecia igualmente chocado.

– Não – disse Nan para Rush. – Eu não fiz isso para conseguir a aprovação dele. – E deu meia-volta e saiu pisando forte.

Rush observou a irmã que tínhamos em comum se afastar com uma expressão preocupada no rosto. Ele havia crescido com Nan. Os dois tinham sido criados pela mesma merda de mãe egoísta. Rush era a única pessoa que amava Nan, e eu respeitava isso, mas ele perdoava muitas atitudes dela.

– Desde que ela tinha 10 anos, nunca a vi fazer nada para qualquer um que não ela mesma. Eu não a vi demonstrar compaixão ou preocupação por ninguém. Nunca a vi tentar mostrar aos outros que tem um coração por baixo de toda aquela amargura. Até hoje. Ela não hesitou por um instante quando o médico disse que precisavam de um doador com o mesmo tipo sanguíneo de Harlow e que seria melhor se fosse um membro da família. Nan se apresentou e se ofereceu sem pensar duas vezes.

Isso não fazia sentido. Essa não era Nan. Ela não dava sem tentar manipular alguma coisa ou alguém. Mas, naquele momento, aquilo não importava. Nan havia ajudado Harlow quando ela mais precisou. Eu poderia perdoar muita coisa por isso.

Rush foi até onde estava Blaire. Kiro se encostou na parede mais próxima. Eu me virei para procurar Grant e o encontrei parado, com os braços cruzados sobre o peito, observando a porta dupla pela qual o médico havia passado, como se estivesse esperando que ele voltasse.

– Muito bem, a ruiva é sua irmã também? Caramba, ela é gostosa. Quantas irmãs gostosas você

tem e como eu não sabia desta?

Ignorei Major. Ele não conhecia Nan. Não fazia ideia de como ela era. Se fosse esperto, jamais saberia. Voltaria para o Texas e esqueceria minha outra irmã. Eu havia feito isso.

Grant

Dois dias depois

– Sr. Carter? – ouvi dizer uma voz enquanto tocavam meu braço e me sacudiam.

Meus olhos se abriram e eu pisquei, olhando para a enfermeira parada ao meu lado.

– Lamento acordá-lo, mas o médico acabou de vir olhar Lila Kate. O senhor já pode pegá-la no colo, se estiver pronto.

Pegá-la no colo. Eu a observei durante dois dias enquanto esperava que eles me dissessem que eu podia ver Harlow.

– E Harlow? Posso vê-la?

Eu queria ver Harlow primeiro. Queria contar a ela sobre Lila Kate. Também queria acordá-la e estar ao seu lado quando segurasse a bebê pela primeira vez. Não queria fazer isso sem Harlow.

A enfermeira sorriu.

– Na verdade, esta é a outra coisa que eu ia lhe dizer. Ela está estável e, embora ainda não tenha aberto os olhos, é seguro vê-la. O cardiologista disse que ela gostaria de ver o senhor antes do pai dela. Ele acha que sua voz dará a ela algo por que lutar.

Olhei para a minha filha dormindo. Eu estava pronto para segurá-la no colo. Ela se acostumara a segurar meu dedo e me encarar enquanto eu conversava com ela. Ela era um bebê bonzinho, as enfermeiras disseram. Não chorava muito, mas, quando chorava, era intensa. O que me fazia sorrir.

– Quero ver Harlow primeiro – eu disse à enfermeira, que balançou a cabeça e abriu a porta.

– Vamos lá então.

Comecei a acompanhá-la, então parei. Dei meia-volta e fui até Lila Kate. Coloquei a mão no buraco da incubadora e acariciei seu rostinho adormecido.

– Vou ver a mamãe agora. Me deseje sorte – sussurrei.

Quando finalmente acompanhei a enfermeira para o corredor, percebi que seus olhos lacrimejavam. Se ela ao menos soubesse. Eu tinha dois anjos neste mundo, e faria qualquer coisa para salvar ambos. Queria a vida que Harlow e eu havíamos planejado e sonhado. Ela precisava acordar.

– Você precisa estar preparado antes de entrar lá. Ela está ligada a algumas máquinas. Conseguimos tirar a máscara de oxigênio. Ela está tão estável que não precisa mais respirar por aparelhos, mas ainda está com um tubo de alimentação no pescoço. Aquilo é alimento, não oxigênio. Ela está com olheiras profundas e perdeu peso. Apenas saiba que ela está se saindo melhor do que o esperado depois do que passou. A maioria das mulheres não sobrevive àquilo.

Quando a porta se abriu, senti no peito uma dor tão forte que parecia que ia explodir. Ela estava tão indefesa e parecia muito pequena naquela cama de hospital. Estava sozinha ali sem mim fazia quase três dias. Eu odiava não poder estar com ela. Ficava fisicamente doente pensando que ela poderia achar que eu a havia abandonado.

– Estarei do lado de fora, se precisar de mim – disse a enfermeira antes de fechar a porta.

Fui até a cama e toquei a mão de Harlow. Estava fria. Precisava do meu calor.

– Ei, meu bem. Estou aqui. Estava esperando eles dizerem que eu podia vir vê-la. Tenho falado a

Lila Kate tudo sobre você. Ela está pronta para ver a mamãe. Acho que tenho alguém que entende exatamente quanto eu amo você, porque é óbvio que ela também ama – falei, tentando ao máximo não desmoronar.

Não queria chateá-la. Queria parecer animado e lhe transmitir força. Queria que ela soubesse que eu acreditava que ela era capaz de sair dessa.

– Tem uma sala de espera cheia de gente que ama você. Rush e Blaire chegaram logo depois que levaram você de perto de mim. Até Nate passou por aqui para fazer uma visita. Della, Woods e Mase também estão aqui. Mase trouxe Major. E seu pai está aqui, junto com toda a banda. Isso está causando certa comoção no hospital. Ter todos os membros do Slacker Demon na sala de espera e pedindo pizza é mais emoção do que este lugar viu em muito tempo.

Eu falava coisas sem nexo. Só queria que ela soubesse quanto era amada. Não queria que ela pensasse que não precisávamos dela. Porque precisávamos. Eu precisava. Lila Kate precisava.

– Lila Kate é linda. Ela é perfeita. Mal posso esperar para você poder pegá-la no colo. Eles me disseram antes de eu vir aqui que já posso segurá-la. Ela passou os últimos dois dias agarrando o meu dedo. É muito pequenininha e precisou ser colocada em uma incubadora, mas não teve qualquer complicação. Está progredindo bem. E, quando eu falo, ela me observa atentamente. Mas acho que está procurando você. Está esperando a mãe aparecer. Ah, e ela chupa o dedo como uma verdadeira campeã. Ela ama aquele dedo. É o passatempo preferido dela. Eu sei que não vai ser fácil acabar com esse hábito, mas agora é tão bonitinho que eu nem me importo.

Entrelacei os dedos lânguidos dela nos meus e segurei a mão dela com força. Então a levantei e beijei. Vi as manchas roxas das muitas agulhas enfiadas em suas mãos. Beijei cada uma delas, e então segurei sua mão em meus lábios. Não iam conseguir me arrancar dali. Quando eu a vi sendo levada, achei que nunca mais a tocaria ou abraçaria. Mas ela estava ali. Estava respirando e ia voltar para mim.

– Você precisa acordar para mim, meu doce. Você precisa acordar para nós. Lila Kate e eu estamos esperando por você. Queremos entrar no quarto dela com você ao nosso lado. Não sou tão forte como você, Harlow. Não posso viver sem você. Não posso lutar como você. Preciso de você. Não consigo cuidar de Lila Kate sozinho. Ela precisa de você. Ela precisa da mãe. Precisa do que você não teve. Lute, gata. Lute por ela. Lute para abrir os olhos e voltar para nós. Eu acredito em você. Você me mostrou que podia trazer essa menininha preciosa ao mundo. Agora me mostre que pode ficar comigo. Mostre para mim. – Me calei antes de começar a implorar.

Alguém bateu na porta, e uma enfermeira entrou.

– O Sr. Manning deseja vê-la – disse ela.

Pude perceber pela expressão no rosto dela que ele estava infernizando a equipe do hospital. Balancei a cabeça e me voltei novamente para Harlow.

– Seu pai está dando um ataque na sala de espera. Ele está preocupado com você. Você deu um susto e tanto nele. Vou sair para que ele a veja, mas volto. Vou contar a Lila Kate sobre este nosso encontro e sobre como você está bem. Vou falar para ela se preparar. Você acordará logo. E eu vou pegá-la no colo. Queria esperar você estar ao meu lado, mas não vou fazê-la aguardar mais tempo para ser segurada. Vou niná-la e contar tudo a você quando voltar.

Eu me abaixei e dei um beijo nos lábios secos dela. Ela detestaria estar com os lábios secos.

Virei-me para a enfermeira.

– Pode conseguir alguma coisa para os lábios dela? Estão secos. Isso a incomoda. Ela acha

desconfortável.

A enfermeira assentiu.

– Sim, senhor. Faremos isso.

– Vou voltar depois que o pai e o irmão a visitarem. Imagino que já terão dado um jeito nisso até lá.

Ela balançou a cabeça.

– Sim, faremos isso agora mesmo.

Olhei para Harlow mais uma vez antes de sair do quarto e voltar para a UTI neonatal.

Minha doce Lila Kate,

Seu lindo quarto deve fazê-la se sentir a princesa que você é. Sei que seu papai adora seu rosto doce e o beija sempre. Sorria para ele. Dê a ele um motivo para sorrir novamente. Se eu não estiver aí com vocês, seja a força dele e ensine a ele que amar alguém é um risco que todos corremos, mas que a vida sem amor não significa nada. Se ele não tivesse se arriscado, não teria você nos braços agora.

Como não sei se terei a oportunidade de lhe contar esta história pessoalmente, vou contar agora. Meu pai me contou muito tempo atrás e eu a guardei durante toda a vida. Ela me fez ter coragem. Ela me ajudou a enfrentar alguns momentos difíceis, e eu quero que você compreenda como tem um papel realmente importante nesta história.

Era uma vez uma princesa. Ela era amada por todos em seu reino por seu coração. Eles não se importavam com a beleza exterior dela. Era o interior que importava. Mas, certo dia, ela foi amaldiçoada por uma rainha má muito invejosa. Ela foi colocada em um sono profundo. Para acordá-la, o homem que mais a amava no mundo precisaria estar esperando por ela. Se ela soubesse que ele estava lá esperando, abriria os olhos para ele. Mas tem uma parte dessa história que meu pai deixou de fora. Uma parte que eu acho muito importante.

O homem que mais a amava no mundo estava lá, mas ela não precisava abrir os olhos, porque havia deixado um presente para ele. Uma menininha linda e especial para dar amor e cuidar dele. Um motivo para ele ter uma vida cheia de felicidade. Então a princesa não precisava mais abrir os olhos. Ela sabia que, se fosse difícil demais acordar, ela teria deixado para trás amor e alegria em vez de tristeza.

Se eu estiver lendo isto para você, a princesa conseguiu abrir os olhos. Mas, se eu não estiver lendo, sei que ela deixou o homem que mais a amava com alguém a quem ele ama igualmente.

Com amor eterno,

Mamãe

Grant

Ela precisava que eu a pegasse no colo. Precisava saber que era amada. Mas ela era muito pequena, e Harlow não estava ali para me ajudar a fazer aquilo do jeito certo. E se eu errasse? Não queria machucá-la.

– Apenas sente-se na cadeira de balanço. Eu a trarei até você enrolada em um cobertor. Você parece nervoso, mas isso é normal, principalmente para novos pais – acalmou-me a enfermeira ao abrir a incubadora.

Lila Kate começou a chutar alegremente e tirou o dedo da boca, como se estivesse pronta para aquilo e precisasse das duas mãos.

A enfermeira trocou a fralda, o que também pareceu difícil para caramba, e então a enrolou bem firme com um cobertor. Quando começou a pegá-la no colo, prendi a respiração e dei um salto para colocar as mãos embaixo das dela, caso ela deixasse meu bebê cair.

A enfermeira riu.

– Não vou deixá-la cair. Prometo – disse ela, sorrindo diante da minha reação ao ver Lila Kate ser retirada da segurança de sua caixinha.

Então me forcei a recuar e a sentar na cadeira de balanço.

– Está vendo como a seguro de modo a dar apoio à cabeça? Ela precisa disso. Como não consegue sustentar a própria cabeça sozinha, você tem que apoiar com os braços e a segurar perto de si. Ela é prematura e precisa do calor. Também precisa da conexão. Você tem feito um ótimo trabalho, sentando aqui e deixando que ela segure seu dedo, mas ela necessita mais do que isso agora. Você pode segurá-la pelo tempo que quiser. Se não se sentir confortável para se levantar com ela, pode apertar o botão na parede ao seu lado que eu o ajudarei. Mas você precisa aprender a fazer isso sozinho.

Eu a levaria para casa um dia. A enfermeira não disse isso, mas eu sabia que era o que queria dizer. Eu vinha afastando da cabeça qualquer possibilidade de levar Lila Kate para casa sem Harlow. Não era algo que eu quisesse considerar. Mas havia uma chance de ter de levar nossa filha para casa sem ela. Não queria isso. Queria a mãe dela conosco. Queria a minha família.

– Está pronto? – perguntou ela.

Assenti. Eu precisava estar pronto. Era o pai de Lila Kate.

Ela colocou a trouxinha nos meus braços, e seu cheirinho de bebê alcançou meu nariz. Seus olhinhos me observaram enquanto ela olhava fixamente para mim.

– Vou deixar vocês dois sozinhos. Toque a campainha se precisar de mim – falou a enfermeira, deixando-nos a sós.

Eu a aninhei perto do peito, e era incrível como ela era levinha. Parecia uma pena. Seu dedinho deu um jeito de encontrar a boca de novo.

– Acabei de ver a mamãe. Ela ainda não abriu os olhos, mas vai abrir. Ela quer abrir, porque quer muito ver você. Nós só precisamos ter paciência. Dar a ela tempo de se curar. A primeira coisa que ela vai querer fazer será pegar você no colo. É melhor eu aproveitar isto agora, porque, depois que ela acordar, talvez nunca mais queira soltar você. Mal posso esperar para ver minhas duas meninas preferidas juntas. Vai ser a cena mais linda do mundo.

Lila Kate franziu a testa e fez um beicinho, como se estivesse prestes a chorar. Eu não sabia ao certo o que fazer quando bebês choram, mas estava na hora de descobrir. Puxei-a para mais alto no meu peito e a aninhei mais perto do meu rosto. Então nós balançamos.

O movimento a acalmou, e a expressão de choro desapareceu. Os olhinhos dela começaram a fechar lentamente.

Como se fosse a coisa mais natural do mundo, eu cantei para ela. Cantei todas as canções de ninar de que eu me lembrava enquanto a embalava. Muito depois de ela fechar os olhinhos e virar o rosto para enterrá-lo em meu peito, continuei cantando para ela.

Uma batida na porta interrompeu minha canção, e eu levantei o olhar e vi Blaire enfiando a cabeça no quarto. Ela parecia insegura, mas olhou para Lila Kate como se quisesse pegá-la no colo. Uma pena que eu não pretendesse entregá-la.

– Trouxe as malas que Harlow havia feito. Procurei nas gavetas alguma coisa menor para Lila Kate usar para deixar do hospital, mas não havia nada para prematuros.

– Ela vai usar o que Harlow comprou. Vai dar certo. Harlow escolheu – expliquei.

Ela sorriu.

– Então ela precisa usar o que a mamãe escolheu. Mas encontrei uma coisa. Na verdade, um monte de coisas. Não sei se você sabe a respeito delas.

Blaire segurava um envelope. Era o papel de carta de Harlow. Eu a vira escrever nele muitas vezes.

– Há um monte delas, mas esta era a única solta. Como estava endereçada a você, eu a trouxe. Talvez não fosse para você ler ainda, mas, considerando como estão as coisas, acho que pode ajudar. Vou deixar aqui para você ler mais tarde.

Ela se aproximou para espiar Lila Kate.

– Ela é perfeita. Absolutamente perfeita.

Eu já sabia disso, mas ouvi-la concordar comigo fez meu peito se encher de orgulho.

– Ela se parece com a mãe. Não tinha outra escolha além de ser perfeita – comentei, pensando em quanto precisava voltar para o quarto de Harlow. – Mase e Kiro já viram Harlow? – perguntei.

Ela assentiu.

– Mase ainda está lá, acompanhado da mãe dele. Ela perguntou sobre Lila Kate, e eu disse que você estava com ela. Acho que Harlow é importante para ela. De qualquer forma, talvez você precise expulsar Mase.

Fiquei feliz porque Harlow não estava sozinha. Enquanto eu estivesse com Lila Kate, queria que alguém ficasse com Harlow.

– Rush me contou que você disse ao médico que Harlow era sua noiva. Nós não sabíamos se você estava dizendo isso da boca para fora ou se…

– Eu a pedi em casamento no começo da noite em que tudo isso aconteceu. Ela aceitou – expliquei, engolindo a emoção que veio com a lembrança do sorriso de Harlow.

Ela havia ficado tão feliz, e eu havia ficado emocionado. Então tudo foi para o inferno.

– Parabéns – disse Blaire, sorrindo para mim. – Eu estava me perguntando quando isso iria acontecer. Mal posso esperar para ver o anel dela e ajudá-la com o planejamento.

O que eu mais adorava em Blaire era que ela não pensava no pior. Ela era otimista e também acreditava em Harlow. Eu precisava disso naquele momento.

– Obrigado. Estou ansioso para ver o anel na mão dela de novo – falei, olhando para a

menininha nos meus braços. – Estou ainda mais ansioso para ver Lila Kate nos braços dela.

– Se você quiser voltar para Harlow, eu fico com Lila Kate e a pego no colo. Posso niná-la pelo tempo que precisar. Eu não a deixarei sozinha – ofereceu-se.

Eu queria ler aquela carta e queria voltar para Harlow.

– Certo, isso seria ótimo. Não quero enfiá-la de volta naquela coisa enquanto não me obrigarem.

– Não culpo você por pensar assim. Ela já ficou muito tempo lá dentro.

Blaire estendeu os braços para pegá-la e eu congelei. Ela estava de pé. Eu não queria ninguém segurando Lila Kate de pé. Era muito longe do chão.

– Qual é o problema? – perguntou Blaire.

– Eu, ahn… Eu só… não quero que você a deixe cair.

Blaire arregalou os olhos e deu um imenso sorriso.

– Acho que consigo não deixá-la cair. Mas, se você se sentir melhor, pode ficar com as mãos embaixo dela até se sentir seguro. Deus sabe quantas vezes Rush fez isso com Nate. Estou acostumada.

Como Blaire havia sido capaz de não deixar cair o próprio filho em quase um ano, decidi confiar nela. Entreguei Lila Kate a ela lentamente e com extremo cuidado. Quando tive certeza de que ela a estava segurando firme, tirei as mãos de baixo dela, então me levantei devagar e fiquei numa posição em que podia apanhá-la até que Blaire estivesse sentada em segurança na cadeira de balanço.

– Sucesso – disse Blaire em tom de provocação.

– Obrigado por ficar com ela. Volto mais tarde. Talvez entrem aqui e a coloquem de volta na incubadora, mas, se você não se importar de ficar sentada olhando para ela, eu agradeço. Ela gosta que conversem com ela quando fica lá dentro.

Blaire assentiu.

– Pode deixar. Nós vamos conversar. Deixe comigo. Vai lá, papai.

Peguei a carta que ela havia largado quando entrou e saí pela porta. Parei para dizer à enfermeira que havia deixado Lila Kate com a tia e segui para os elevadores.

Amor da minha vida,

Se você encontrou esta carta, então não estou com você e a nossa menininha. Espero que eu tenha lhe dito onde encontrar todas as cartas que deixei, mas, se não tive tempo, fico feliz que as tenha encontrado agora.

Sei que eu disse que iria conseguir e que era forte o bastante. Estava decidida a passar por isso. E tinha esperança de que, se acreditasse, conseguiria passar por isso.

Me perdoe. Eu nunca quis deixar você. Eu queria aquela vida de que falamos. Queria segurar nossa menininha no colo e ver ao seu lado Lila Kate dar os primeiros passos. Eu queria todas essas coisas. Se você está lendo isto agora, eu não as consegui, mas tive você.

Eu soube o que era ser amada por você. A minha vida pode ter sido abreviada, mas eu tive o amor de um homem que me fazia me sentir especial e adorada. Conheci a alegria de sentir o bebê desse homem se mexendo dentro de mim. Pude ver o rosto dele enquanto sentia nossa menininha me chutando e no momento em que ele ouviu o coração dela batendo pela primeira vez. A expressão em seu rosto foi um daqueles momentos que todas as mulheres merecem ter. Eu consegui algo que as pessoas passam a vida procurando. Eu não poderia ter pedido por mais. Você tornava todos os dias únicos e emocionantes. Estar com você me fazia me sentir segura e amada. Eu consegui dar a você o presente que é nossa menininha.

Não ter nossa filha foi algo que eu jamais considerei. Eu não poderia. Amei-a desde o instante em que soube que estava grávida. Ela era nossa. E, agora que você pode abraçá-la e vê-la, compreende. Como eu poderia abrir mão dela para salvar a mim mesma?

Você me deu momentos que fazem valer a pena viver. Você tornou a minha vida neste mundo alegre, brilhante, maravilhosa. Obrigada por isso. Obrigada por tudo. Eu amo você, Grant Carter. Toda vez que olhar para o rosto da nossa filha, saiba que eu amo vocês dois.

Há mais cartas. Algumas ainda estão soltas. São cartas que escrevi sobre nossa experiência durante minha gravidez e são todas para Lila Kate. Elas contam tudo o que eu estava sentindo, e quero que você as leia para ela quando ela tiver idade suficiente para compreender.

Há também uma pilha de cartas amarradas com uma fita rosa. Todas estão rotuladas. São para acontecimentos e momentos específicos na vida de Lila Kate. Ela não me terá aí, mas terá meu amor e minhas palavras.

A pilha com uma fita vermelha é para você. Essas cartas também estão rotuladas. Você saberá quando deverá abrir cada uma delas. Não as leia agora. Dê um tempo. Espere e leia apenas quando chegar o momento de abrir cada uma. Será o que você precisa ouvir naquele momento.

Você foi o meu mundo. Foi o meu primeiro e único. Eu parti, mas lhe deixei outro amor. Não permita que haja um dia sequer sem que Lila Kate saiba quanto você a ama. Ame-a por mim também.

Eternamente e sempre,

Harlow

Grant

Ela havia escrito cartas para o caso de não conseguir sobreviver. Eu me encostei na parede de um corredor vazio do hospital. Meu rosto estava molhado de lágrimas, e eu não me importava. As lágrimas rolaram porque eu não estava lendo aquela carta pelo motivo que ela achou que eu estaria. Ela não havia nos deixado. Ela estava ali, lutando para ficar conosco. Quando o coração dela parou, ela não se deixou ir.

Ela era a minha guerreira. A minha guerreira linda e maravilhosa.

Dobrei a carta e dei um beijo no papel, sabendo que ela a havia segurado não muito tempo atrás, então a enfiei no bolso. Eu ia dizer a ela que não aceitava aquilo. Porque ela ainda estava ali. Ela ainda estava resistindo, e já era hora de abrir aqueles lindos olhos castanhos e olhar para mim.

Sequei o rosto e segui para a UTI.

Quando cheguei lá, vi Mase encostado na porta, com a cabeça baixa e o queixo encostado no peito. Estava com os ombros caídos, parecendo derrotado. Ele precisava voltar para a sala de espera se ia ficar de baixo-astral. Ela ia acordar em breve. Ele não precisava agir como se ela tivesse partido. Ela não havia partido.

Eu não ia deixá-la partir.

Ele levantou a cabeça quando parei na frente dele. Ele parecia estranhamente esperançoso.

Havia acontecido alguma coisa? Por que ele estava do lado de fora em vez de dentro do quarto com ela?

– O que você está fazendo aqui fora? – perguntei, não gostando do fato de que ela estivesse sozinha lá dentro.

– Ela abriu os olhos e disse seu nome apesar do tubo no pescoço, então fechou os olhos de novo.

Levei um tempo para assimilar o que ele tinha dito. Então o empurrei da minha frente e abri a porta para ver duas enfermeiras e um médico ao redor dela. Ela estava sem o tubo de alimentação e vários dos outros fios, mas seus olhos não estavam abertos.

– Olá, Sr. Carter – disse o médico.

– Ela abriu os olhos? – perguntei.

Precisava que eles me confirmassem.

– Foi o que o Sr. Manning, o mais jovem, disse. De acordo com os registros, parece que houve alguma reação. Nós tiramos o tubo de alimentação porque, segundo ele, ela tentou falar, e até disse seu nome. Agora estamos esperando. Se ela estiver saindo do coma, está exausta, e seu corpo só conseguirá ficar acordado por curtos períodos. Mas, com os cuidados adequados, acredito que Harlow verá a menininha dela crescer. Se tivermos sorte.

Senti os joelhos fraquejarem e tive de me segurar na beira da cama. O soluço que soltei não era algo que eu pudesse controlar.

– Ela não vai me deixar – foi tudo o que consegui dizer.

A porta se abriu, e Mase entrou e olhou para mim, depois para Harlow.

– Ela está bem? – perguntou, em pânico.

– Sim. O Sr. Carter só está emocionado com a notícia de que a noiva dele deve acordar em breve.

– Graças a Deus – murmurou Mase, afundando na cadeira mais próxima e deixando a cabeça

cair nas mãos.

– Neste momento, ela precisa que Grant converse com ela. Suspeito que ela tenha tentado acordar para ele e tenho certeza de que quer saber sobre a filha. Vamos dar um tempo a sós a eles – pediu o médico, abrindo a porta e esperando que Mase levantasse e o acompanhasse.

Mase relutou por um instante.

– Você vai mandar avisar assim que ela acordar? – perguntou-me.

– É claro – garanti.

Ele balançou a cabeça e acompanhou o médico para fora do quarto.

Puxei uma cadeira para o lado dela e sentei. Como sua mão ainda estava fria, peguei-a entre as minhas e a aqueci.

– Eu não estava aqui quando você me chamou. Eu estava embalando Lila Kate. Deixaram que eu a pegasse no colo. Ela é leve como uma pena e tem um cheirinho muito bom. Eu cantei para ela. Cantei todas as canções de ninar de que me lembrava, e então comecei a cantar umas músicas country e acho que ela gostou.

Respirei fundo. Queria tanto ver os olhos dela abertos. Poderia levar horas para ela abri-los de novo. Eu precisava ter paciência. Dar tempo a ela.

– Eu li sua carta. Só a primeira. Blaire encontrou as cartas quando foi até nossa casa buscar as coisas de Lila Kate. – Parei, levei a mão dela à minha boca e a beijei. – Eu não aceito aquilo. Quer dizer, aceito que eu seja seu mundo e seu primeiro e único, mas não aceito que não vá ficar para sempre com você. Você abriu os seus olhos antes e vai abrir de novo. E vai falar comigo.

– Hum.

O som saiu dos lábios dela em um sussurro baixinho, e meu coração deu um salto no peito. A mão dela se mexeu e me apertou de modo leve, suave.

– Você está acordada. Você consegue me ouvir – eu disse, olhando espantado para ela.

– Hummm – fez ela, ainda baixinho demais. Mas eu consegui ouvi-la.

– Me mostre esses olhos, meu bem. Eu preciso vê-los.

Seus cílios tremeram levemente e então, como que em câmera lenta, seus olhos se abriram, e ela levou um tempo para focar, mas, quando conseguiu, estava olhando diretamente para mim.

Eu fiquei de pé e me inclinei sobre ela, pressionando a testa contra a dela.

– Você conseguiu – eu disse antes de beijá-la nos lábios. Eles não estavam secos dessa vez. A enfermeira fizera o que eu havia pedido. – E ela é a menininha mais perfeita do mundo. Eu falei tudo sobre você para ela, que está ficando impaciente para conhecer a mãe.

Ela soltou uma risada baixinha e eu respirei fundo pela primeira vez desde que ela deu o grito de dor na nossa cama.

– Você ri, mas ela é uma bebê muito exigente para quem tem menos de 2 quilos, e tenho certeza de que ela já me dominou com aquele dedinho minúsculo. – Recuei para poder olhar para ela. – Você me deu um susto – admiti.

Ela me deu um sorriso triste.

– Desculpe – sussurrou ela.

Segurei seu rosto.

– Você voltou. É tudo o que importa. Você não desistiu. Você abriu os olhos para mim. Para nós. Porque, eu preciso dizer, Lila Kate e eu precisamos muito da mamãe dela.

– Ver… ela? – perguntou ela, dessa vez num sussuro um pouco mais forte.

– Espere aqui. Mantenha esses olhos abertos – eu disse, indo até a porta sem desviar o olhar dela.

Ela sorriu para mim, e eu pisquei em resposta.

Abri a porta ainda sem desviar os olhos dela.

– Ela está acordada e falando comigo. Ela precisa de água, e nós precisamos da nossa filha. Alguém faça isso acontecer – gritei para quem quer que estivesse no corredor e pudesse me ouvir.

Uma enfermeira correu imediatamente até a porta do quarto. Fiquei segurando a mão de Harlow enquanto ela conferia seus sinais vitais.

– Você decidiu se juntar a nós. Tem três homens muito ansiosos e uma menininha esperando não muito pacientemente para ver você.

Harlow olhou para mim.

– Três? – perguntou ela.

– Kiro, Mase e o resto da cidade e todos os integrantes do Slacker Demon. Mas, bem, seu irmão e seu pai vão querer ver você. Eles estão aqui desde o começo. Precisamos obrigar Mase a tomar um banho e trocar de roupa, porque ele apareceu imundo e fedendo depois de uma emergência com um cavalo no meio da noite.

Harlow soltou uma risada baixinha.

– Eu não quero deixá-la. Pode mandar alguém chamar o irmão e o pai dela? – pedi à enfermeira.

– O médico dela está a caminho e vai querer examiná-la. Teremos de pedir que você se afaste enquanto ele faz isso. Se ele a liberar, possivelmente poderemos colocá-la em uma cadeira de rodas e fazer uma visita à filhinha de vocês. Mas antes o médico precisa vê-la.

Eu não concordava com a parte de ter de sair. Comecei a balançar a cabeça, mas a mão de Harlow apertou a minha com um pouco mais de força dessa vez.

– Eu não vou embora de novo. Estou de volta. Vou estar aqui quando você voltar. Quero ver o papai e Mase.

– Prometa – eu disse, ainda sem saber se já estava pronto para sair do quarto.

– Eu prometo.

Dando um último beijo em sua testa, voltei para a sala de espera para contar a todos que Harlow estava acordada. Então fui falar com as enfermeiras na UTI neonatal para ver se podíamos levar Lila Kate para ver a mãe o quanto antes.

Harlow

– Estou certa de que sua irmã vai querer vê-la também. Os homens só estavam sendo mais exigentes – disse a enfermeira depois que Grant saiu do quarto.

Minha irmã? Ela achava que Blaire era minha irmã?

– Considerando que ela foi a heroína, acho que merecia a primeira visita, mas seu pai e seu irmão não iam deixar isso acontecer.

– Heroína? – perguntei, sem saber ao certo do que ela estava falando.

Blaire provavelmente havia feito alguma coisa enquanto eu estava desacordada que salvou o dia. Eu só não sabia o que era.

A enfermeira sorriu enquanto ajustava alguma coisa presa em mim.

– Você perdeu muito sangue e precisou de uma transfusão. Teria que ser um doador compatível, mas, quando alguém com seu problema precisa de sangue, é melhor usar, se possível, o de um familiar com o mesmo tipo sanguíneo. Um dos pais ou um irmão. Sua irmã se ofereceu imediatamente para doar. Conseguimos fazer a transfusão muito mais rápido do que se tivéssemos de ir em busca de um doador.

Nan? Eu não podia imaginar Nan se oferecendo para me dar um copo d'água se eu estivesse pegando fogo, muito menos sangue. Não acreditava nem que ela estivesse ali.

– Que irmã? – perguntei.

Estava com a garganta dolorida e seca e evitava conversar, mas precisava saber de quem ela estava falando.

– Você tem mais de uma? Eu não sabia. A ruiva alta. Lindíssima – respondeu ela.

Havia sido Nan. Minha nossa. Nan estava ali, e tinha doando sangue para mim. Talvez eu ainda estivesse dormindo. Eu estava sonhando? Não estava prestes a ver a minha bebezinha? Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu queria estar acordada. Lila Kate me esperava, e Grant precisava de mim. Ele estava tão triste, implorando que eu abrisse os olhos. Eu estava fazendo um esforço tão grande para dizer alguma coisa para tranquilizá-lo. Achei que aquilo realmente havia acontecido.

– Por que você está chorando? Eu machuquei você? Está com alguma dor? – A enfermeira pareceu entrar em pânico.

Balancei a cabeça e funguei. Pelo menos a enfermeira no meu sonho era gentil.

– Eu ainda estou dormindo – expliquei, soluçando.

Ela franziu a testa e começou a falar quando a porta se abriu e o médico entrou.

– Ora, vejam só quem resolveu se juntar a nós. – E deu um sorriso para mim.

Chorei ainda mais. Queria muito estar acordada.

– Qual é o problema?

– Ela acha que ainda está dormindo – explicou a enfermeira.

– O quê? Por quê?

A enfermeira encolheu os ombros e balançou a cabeça.

– Não faço ideia.

– Nós não queremos você chorando. Queremos você sorrindo. Você mostrou a todos como é forte. Nenhuma doencinha cardíaca vai derrubá-la. Você vai ver sua bebezinha logo. Ela é linda,

fique sabendo.

Ele estava tentando se mostrar alegre, mas não estava ajudando.

– Eu ainda estou dormindo. Eu quero vê-la, mas ainda estou dormindo – eu disse, ainda em lágrimas.

O médico franziu a testa e deu tapinhas no meu braço.

– Não, Harlow, você está acordada, querida. Muito acordada. Tem uma sala de espera lotada de gente que acabou de gritar muito alto quando Grant anunciou que você estava acordada e falando. Eu nunca tinha visto nada parecido. Meu coração ficou muito contente. Então pare com isso. Fique feliz. Você conseguiu.

Balancei a cabeça.

– Não. Nan jamais doaria sangue para mim. Ela me odeia – expliquei, e minha garganta ardeu e eu engasguei.

– Dê um pouco d'água a ela – instruiu ele à enfermeira.

– Goles pequenos – disse ela, levando o copo à minha boca.

Fiz como ela pediu e me encolhi, sentindo a garganta ferida arder.

– Sua garganta vai ficar dolorida por um ou dois dias. Esteve com um tubo de alimentação durante um tempo. Removemos assim que você acordou – explicou a enfermeira.

– Agora, quanto a estar acordada. Você acha que ainda está dormindo porque a sua irmã doou sangue quando você precisava? – perguntou o médico.

Assenti com a cabeça.

– Eu garanto que você está acordada. Às vezes as pessoas mudam quando se veem diante de situações de vida ou morte. Você e sua irmã podem não se dar bem, mas ela não queria que você morresse. Ela estava disposta a ajudá-la.

Consegui parar de chorar e deixar que ele me examinasse.

Quando ele abriu a porta e disse que mandaria me levarem para um quarto normal, meu pai entrou correndo, parecendo Kiro Manning, o Astro do Rock.

– Minha bebezinha não aceita normal. Eu quero o melhor. *O melhor*. Está entendendo? Ela precisa de espaço para descansar e melhorar – gritou Kiro para o médico.

O médico levantou as sobrancelhas para mim e balançou a cabeça antes de sair do quarto. Em outra situação, eu ficaria constrangida, mas estava feliz demais por vê-lo. Por estar viva para vê-lo.

– Ei, papai – falei, e imediatamente ele ficou do meu lado.

– Derrubei Mase para chegar aqui primeiro. Não podia esperar. A mãe dele pode me enquadrar quando eu voltar lá para fora, mas não tenho medo de Maryann. Eu precisava ver você. Você me deixou com um medo e tanto, garota. Eu já não tenho muitos anos de vida, droga, e você acabou de me tirar pelo menos outros dez. Acho que morri mil mortes desde o instante em que recebi aquela ligação. Quase matei Grant Carter – disse enquanto acariciava suavemente a minha cabeça.

Meu pai, selvagem, maluco e apaixonado.

– Eu amo você – disse a ele.

Seu rosto se contraiu e ele se abaixou para beijar minha bochecha.

– Eu também amo você, minha bebezinha.

– Eu tenho uma bebezinha agora – eu disse a ele. – Você a viu?

Uma expressão de dor atravessou seu rosto, e ele balançou a cabeça.

– Eu não a vi. Não consegui. Simplesmente não consegui, Harlow. Eu achei que havia perdido

você.

Eu era a bebê dele. Não Lila Kate. Eu compreendia isso.

– Grant disse que ela é perfeita – falei.

– Ela é sua, bebê. Não sei como ela poderia ser qualquer coisa menos do que perfeita.

Apertei a mão dele e passei o dedo sobre as minhas iniciais tatuadas nos nós de seus dedos, junto com as iniciais da minha mãe. Ele as tatuara no dia seguinte ao meu nascimento. Adorava me contar como havia ficado tão feliz com suas meninas que precisou nos marcar em seu corpo.

– Disseram que Nan doou sangue para mim – eu disse, observando o rosto dele.

Ele franziu a testa e percebi que isso também o deixara confuso.

– É, doou. Não consigo entender. Nenhum de nós conseguiu entender. Mas, como Rush ficou protegendo sua irmã como um cão de guarda, não consegui falar com ela. Mas ela quebrou o maior galho. Deve haver alguma coisa que não é completamente desvirtuada e má embaixo daquilo tudo, afinal.

Sorri. Eu realmente esperava que houvesse.

Grant

Abri a porta do quarto de Lila Kate e encontrei Blaire sentada na cadeira de balanço, cantarolando. Os olhos dela me encontraram e ela apontou a incubadora.

– Eles me fizeram colocá-la de volta há uma meia hora. Precisavam trocá-la, examiná-la e alimentá-la. Estou aqui perto dela, cantarolando para ajudá-la a cair no sono.

– Harlow acordou. E está falando – eu disse, ainda adorando o som disso.

Blaire levantou de um salto da cadeira de balanço e se atirou nos meus braços. O grito alegre que ela soltou me fez dar risada.

– Ela acordou! Ah, graças a Deus! Ela acordou! Ela vai ficar bem, Grant! – Blaire secou as lágrimas. – Todas aquelas cartas… Eu não as li, mas sabia o que eram, então sentei no quarto de Lila Kate e chorei feito uma criança. Me partiu o coração que ela tenha pensado que precisava fazer isso. Mas ela está bem. Não vai precisar se comunicar com a filha por cartas.

– Kiro está com ela agora. Na verdade ele empurrou Mase e foi correndo para chegar antes no quarto quando fui contar a novidade. Eu vim ver como posso levar Lila Kate para Harlow o mais rápido possível. Ela quer ver nossa bebezinha.

Blaire ainda estava fungando e secando as lágrimas do rosto.

– Ela precisa vê-la. Vá falar com eles. Posso ficar aqui com Lila Kate se você quiser.

– Não. Nate está na sala de espera com Rush. Vá ver seu filho. Vocês estão aqui comigo desde que tudo aconteceu. Devem ir para casa descansar.

Blaire sorriu e assentiu.

– Está bem. Mas eu só vou tomar um banho e tirar um cochilo rápido, e então vou voltar para ver Harlow. Estou pronta para planejar esse casamento.

– Obrigado, Blaire. Obrigado por ser amiga dela. Ela nunca teve ninguém como você. Obrigado por amá-la.

Blaire pôs as mãos nos quadris.

– Pare de me fazer chorar, Grant Carter.

– Desculpe. Mas eu estou sendo sincero.

Blaire suspirou e fungou novamente.

– Eu sei disso. Por isso estou à beira das lágrimas de novo.

– Vá encontrar sua família e vão todos para casa descansar. Eu ligo quando ela estiver pronta para receber visitas.

Blaire balançou a cabeça e me abraçou mais uma vez antes de sair do quarto.

Fui até a incubadora e olhei para nossa Lila Kate. Eu nunca soube que queria um bebê. Não era algo em que eu havia pensado antes de Harlow. Mas, agora que a tinha, não conseguia imaginar minha vida sem ela.

– Ela acordou. Sua mamãe acordou e está esperando por você. Ela acordou por nós, e nós temos uma vida inteira de lembranças para começar a fazer.

Uma hora depois, Lila Kate estava acomodada em um berço com rodinhas e estávamos a caminho do quarto de Harlow. Como os pulmões de Lila Kate estavam completamente desenvolvidos e ela

não havia apresentado quaisquer sinais de problemas, os médicos consideraram seguro deixá-la passar algum tempo com a mãe. Ela havia começado a se alimentar de verdade aquele dia. Estávamos levando a mamadeira, e Harlow ia poder alimentá-la.

Abri a porta e me certifiquei que Harlow estava acordada e que Kiro e Mase haviam saído. Harlow estava sentada, tomando água, acompanhada apenas de uma enfermeira. Mal podia esperar para vê-la sorrir quando entrasse com nossa filha.

– Tenho alguém muito importante esperando para conhecer você. Ela foi muito paciente, mas agora está pronta – eu disse.

Segurei a porta para a enfermeira trazer Lila Kate para o quarto.

Os olhos de Harlow se arregalaram de espanto quando ela viu nossa bebezinha. Lila Kate havia dormido durante o trajeto até ali e ainda não estava consciente do momento e de quanto ele era importante.

– Posso pegá-la no colo? Vou machucá-la? Eu quero pegá-la no colo, mas não quero machucá-la – falou Harlow com a voz ainda fraca.

A enfermeira arrumou um travesseiro de cada lado de Harlow.

– A melhor coisa para ela neste momento é estar nos braços da mãe. Ela deve ter sentido falta da sua voz e de sentir seu coração batendo. Ela estava esperando por isso, posso lhe garantir.

Os olhos de Harlow estavam fixos em nossa filha, e os meus nela. A enfermeira pegou Lila Kate e a colocou em segurança nos braços de Harlow. Fiquei o mais perto possível das duas enquanto olhava a cena que temera jamais ver.

– Ela é linda – sussurrou Harlow, com uma expressão reverente no rosto.

– Eu disse que era – lembrei-lhe.

– Ela é tão pequena. Não tem problema ela ser tão pequena? – perguntou Harlow, olhando para mim e para a enfermeira.

– Ela nasceu dois meses antes do previsto. Ela está com quase 2 quilos, um peso muito bom para um prematuro de 32 semanas. Os pulmões dela estão ótimos, assim como o coração. E já aceitou a mamadeira sem problemas.

Harlow tocou as mãozinhas de Lila Kate e passou o dedo sobre o narizinho delicado enquanto a examinava.

– Vou poder vê-la crescer – murmurou Harlow. – Vou poder ser a mãe dela.

– A melhor mãe do mundo – eu disse, vendo as minhas meninas juntas pela primeira vez.

Harlow passou os minutos seguintes conferindo os dedos das mãos e dos pés e a barriguinha de Lila Kate. Ela examinou tudo. Quando eu a estava ajudando a colocar meias nos pezinhos da nossa filha, os olhinhos da bebê se abriram, e ela fez cara de choro.

– Oi, minha bebê querida, é a mamãe. Eu estou aqui – disse Harlow.

A cara de choro desapareceu instantaneamente, e Lila Kate olhou para Harlow.

Peguei o telefone e tirei uma foto daquele momento. As duas estavam perdidas uma nos olhos da outra, e eu não sabia dizer quem estava mais apaixonada por quem. Foi um daqueles momentos que palavras não são capazes de descrever. Nada seria bom o bastante.

Lila Kate enfiou o dedinho na boca e continuou olhando para a mãe.

Harlow olhou para mim e deu um sorriso enorme.

– Ela está chupando o dedo.

O deslumbramento em sua voz era algo que eu compreendia completamente.

– Ela faz isso desde o primeiro dia. Também gosta de acrescentar outro dedo de vez em quando.

Harlow deu risada, e Lila Kate parou de chupar. Seus olhinhos se arregalaram maravilhados, como se tivesse acabado de se dar conta de quem a estava segurando no colo.

– Você é o nosso começo – disse Harlow a ela. – Está na hora de vivermos sem medo. Você é o risco mais maravilhoso que eu já corri.

Eu me abaixei e beijei a testa de Harlow.

– Obrigado por ela – eu disse.

Então abaixei a cabeça e beijei a cabeça do outro amor da minha vida.

Harlow

Um dia depois de acordar, fui levada para uma grande suíte – essa é a melhor maneira de descrever o quarto. A suíte não era coberta pelo seguro de saúde e era usada raramente, mas era Kiro quem estava pagando e aquela era o melhor que eles tinham a oferecer. Fiquei agradecida por isso. A cama extra para Grant e o sofá grande e os assentos extras para os convidados eram ótimos. O ambiente não parecia apertado. Se eu ia ficar presa em um hospital, era uma boa maneira de enfrentar a situação.

Grant entrou no quarto trazendo a mala que Blaire trouxera.

– Disseram que você tomaria uma ducha hoje, e eu quis que você tivesse seu sabonete e sua camisola – disse ele.

– Obrigada.

Ele colocou a mala no chão e me deu um beijo suave na boca antes de se afastar.

– Maryann quer ver você. Depois da visita, ela vai voltar para o Texas.

Mase havia contado que sua mãe viera com ele para me ver quando eu não estava acordada. Ela havia saído do hospital para descansar pouco antes de eu chamar por Grant e de tudo que aconteceu depois. Eu queria vê-la e agradecer por ter sido a primeira pessoa a ficar ao meu lado quando decidi ficar com meu bebê.

– Ótimo. Quero vê-la – falei.

Grant apontou para o grande buquê de rosas e um presente embrulhado.

– Aquilo é dela. Ela trouxe ontem à noite, e eu pedi que colocassem ali.

Virei-me para olhar mais atentamente as rosas enquanto esperava Maryann chegar. Quando a porta se abriu, sorri para ela, que explodiu em lágrimas. Seu sorriso grande, largo e feliz foi a única coisa que me tranquilizou. Ela estava chorando de felicidade. Com isso eu podia lidar.

– Eu queria que você tivesse seu bebê, mas quando você não acordou… – Ela pôs a mão no peito e arfou. – Eu me culpei. Tinha tanta certeza de que você era forte o bastante, mas daí, ah, eu fiquei… Não faça isso de novo, está bem? – disse ela, passando os braços em volta de mim e me dando um abraço apertado.

– Obrigada por ter acreditado em mim. Ela é a menininha mais maravilhosa, perfeita e linda do mundo.

Maryann suspirou e secou as lágrimas do rosto.

– Eu sabia que seria, mas não estava preparada para ver sua vida por um fio.

– Eu jamais teria me perdoado se eu não tivesse ficado com ela. Precisava ser daquele jeito. Era a única opção. E agora eu posso ser mãe. Posso ser uma Maryann e fazer biscoitos e jogar bola no quintal com ela. Posso fazer todas aquelas coisas que você fazia com Mase. Eu tinha tanta inveja dele quando criança porque ele tinha você. Agora eu posso ser como você – contei, abrindo meu coração.

Maryann era a pessoa que eu mais queria ser.

– Ah, menina, você está acabando comigo. Eu amo você, querida. Você sempre foi especial. Foi a única coisa que salvou a alma do seu pai. Você e a sua mãe. É preciso ser uma pessoa especial para tocar o coração daquele homem, e você conseguiu. Você não precisa ser como eu. Vai fazer um trabalho incrível sendo você.

Balancei a cabeça, mas sabia que eu sempre iria querer dar a Lila Kate o que Mase teve quando criança e com que eu sonhara.

– Estou voltando hoje para o Texas. Vou levar Major comigo antes que ele faça alguma coisa idiota. Tenho certeza de que você verá Mase por mais alguns dias antes de ele se sentir seguro o bastante para deixá-la. Ele é o perfeito irmão mais velho superprotetor.

Eu concordava plenamente.

– E eu o amo por isso.

– Sei disso – concordou.

Ela virou-se para sair do quarto e eu me lembrei do presente.

– Muito obrigada pelas rosas e pelo presente – eu disse, chamando sua atenção.

Ela olhou para trás e sorriu.

– De nada. As rosas são para você. O presente é para Lila Kate.

Balancei a cabeça e Maryann foi embora. Saber que ela havia largado tudo e praticamente morado na sala de espera enquanto eu lutava para voltar me encheu o coração. Ela era realmente a melhor mulher que eu conhecia.

Depois de mais uma semana no hospital, tive permissão de ir para casa sob supervisão médica semanal e sem atividades cansativas. Eu deveria ficar na cama a maior parte do tempo. Devia manter uma dieta especial e minha medicação havia sido mudada novamente.

Lila Kate havia atingido todos os marcos na UTI neonatal. Ela teria sido liberada para ir para casa dois dias antes, mas o hospital permitiu que ela ficasse internada até minha liberação. Kiro ter pagado uma quantia ridiculamente alta de dinheiro para se certificar de que eu receberia os melhores cuidados deve ter influenciado um pouco a decisão, tenho certeza. Isso e o fato de ele ser uma celebridade.

Grant estava parado na porta do meu quarto com Lila Kate aninhada em seus braços usando o chapéu e o vestido rosa que eu havia comprado tantos meses atrás. Eu a segurei no colo e ele tirou uma foto nossa – que eu queria para o álbum dela. Seria outra parte de nossa história, assim como todas aquelas cartas eram parte de nossa história. Havia uma carta que queria ler para ela naquela noite.

– Você a segura e eu empurro a cadeira de rodas. Seu pai contratou uma empresa de transporte para levar todos aqueles balões, as flores e as cestas de presente – disse Grant, apontando para o quarto cheio de lembrancinhas e felicitações.

Eu nem sabia que tinha tanta gente que se importava comigo.

Uma ovelhinha de pelúcia branca chamou a minha atenção, e eu me virei para Grant.

– Pegue a ovelhinha – pedi.

Ele franziu a testa e olhou para o bichinho de pelúcia. Era feito do tecido mais macio do mundo e combinava com um cobertor.

– O cobertor também – acrescentei.

Nan não tinha ido visitar a mim ou a Lila Kate. Mase contou que ela fora embora depois que Grant anunciou que eu estava acordada e não voltou. Deduzi que originalmente fora apenas por motivos egoístas, mas, qualquer que fosse sua motivação, eu estava grata. Ela havia me ajudado. Então, dois dias antes tinha chegado um presente – um enxoval francês que eu havia visto navegando pela internet atrás de roupas de bebê. A ovelhinha e o cobertor estavam incluídos. Quando abri o enxoval, o cartão dizia apenas: *Parabéns, Nan*.

Só isso. Nada mais. Mas já era alguma coisa. Ela não usou aquilo para chamar a atenção de Kiro ou de qualquer outra pessoa. Ela apenas mandou um presente. Foi muito inesperado e especial. Porque, não importava o que acontecesse no futuro, eu jamais me esqueceria do que ela havia feito por mim.

– Este não é o presente que Nan mandou? – perguntou Grant, colocando o bichinho e o cobertor do meu lado.

– É, sim – respondi.

Não dei mais explicações.

Ele balançou a cabeça e me empurrou com Lila Kate pelo longo corredor até o elevador, então na direção do estacionamento do hospital, onde um Land Rover prata estava estacionado.

– Presente do seu pai. Ele disse que você precisava de um carro grande agora. E seguro – explicou Grant enquanto abria a porta. – Tentei dizer a ele que eu compraria um carro seguro para a minha família, mas ele falou que era um presente e que eu não tinha direito de não aceitar. Acrescente alguns palavrões aí e você consegue imaginar como foi.

Grant sorriu ao voltar até onde eu estava e pegar Lila Kate no colo como um profissional.

– Você também tem um equipamento de viagem bem luxuoso. Com os cumprimentos do vovô – continuou, enquanto afivelava Lila Kate em sua cadeirinha, o que era muito complicado, mas Grant parecia saber o que estava fazendo.

Quando terminou, pegou minha mão, me levantou cuidadosamente da cadeira de rodas e me acompanhou até a porta do passageiro.

– Como você sabia como afivelar o cinto dela? – perguntei enquanto entrava no carro.

– Passei os últimos três dias estudando o manual. Quando Kiro comprou a cadeirinha para o Land Rover, achei que era melhor ter certeza de que a usaria corretamente.

Ele era *esse* tipo de pai. Do tipo que eu queria tanto que fosse. Ele adorava nossa menininha e estava lendo manuais de cadeirinhas de carro.

– Você é maravilhoso – eu disse a ele, que sorriu.

– Só agora você está se dando conta disso?

Ele fechou a porta do passageiro e deu a volta para entrar no lugar do motorista. Em vez de dar a partida no carro, ele olhou fixamente para a frente por um instante e então se virou para mim. Ele estava pálido.

– Qual é o problema?

Eu me endireitei e me inclinei para tocar sua perna. Ele estava se sentindo mal?

– Eu preciso levá-la. Eu não… acho que eu não havia pensado nisso até este instante. Ela é tão pequenininha.

Segurei um sorriso, porque ele estava falando realmente sério.

– Grant, nos leve para casa. Agora. Você é um motorista cuidadoso, e ela está em um veículo seguro, em uma cadeirinha topo de linha. Você consegue fazer isso, gato. Está pensando demais.

Ele concordou e respirou fundo, então deu a partida no carro. Saímos lentamente, deixamos o estacionamento e seguimos para casa.

Grant entrou na nossa frente e acendeu a luz do quarto dela. Esperei do lado de fora da porta, segurando uma Lila Kate alerta e feliz. Ela havia acordado alegre quando a tiramos da cadeirinha do carro. Ela não gostou de ficar amarrada e pareceu felicíssima de estar saindo de lá.

– Bem-vinda à sua casa – eu disse quando entramos no quarto dela.

Eu a segurei de modo que ela pudesse ver todo o quarto. O imenso unicórnio que Dean Finlay havia mandado estava no canto, e os olhinhos não desgrudavam de suas cores vivas. Grant fez um sinal para eu me sentar na cadeira de balanço.

– Você precisa descansar. Pode segurá-la, mas faça isso sentada.

Ele havia voltado a cuidar de mim, e eu sabia que, depois do que ele havia passado, eu precisava deixar. Aquele homem temia amar as pessoas e perdê-las e agora as agarrava com as duas mãos e segurava forte. Ele não havia me deixado desistir. Quando eu estava fazendo um esforço tremendo para abrir os olhos no quarto do hospital, ouvi a voz dele. *Não aceito que não vá ficar com você para sempre*.

Eu também não havia aceitado. Naquele momento, soube que abriria meus olhos. Ele precisava que eu abrisse, e eu estava pronta para ver nossa bebezinha.

Minha doce Lila Kate,

Hoje nós trouxemos você para casa. Passei a última semana fascinada pelo seu rosto lindo. Eu não estava lá para você num primeiro momento. Nos primeiros dois dias e meio, eram apenas você e o papai. Mas eu voltei. Abri os olhos. Eu sentia falta do seu pai e mal podia esperar para conhecer você.

Nós temos muitas coisas para viver juntas. Espero ansiosamente pelo dia em que dirá a primeira palavra e o dia em que dará os primeiros passos. Imagino que seu pai e eu vamos ficar arrasados quando levarmos você para seu primeiro dia no jardim de infância. Quando você me contar sobre sua primeira paquera. Quando eu arrumar seus cabelos para sua primeira festa. Quando eu a vir em sua roupa de formatura e você realizar grandes coisas.

Mas agora eu quero abraçá-la e beijar cada um dos seus dedinhos. Quero ler para você os livros que espalhei pelo seu quarto. Espero ansiosamente pelas nossas noites insones e pelas vezes que você cuspir toda a comida em mim e eu precisar me trocar. Essas coisinhas não serão uma obrigação ou uma dificuldade para mim. Adorarei fazê-las, porque quase não consegui vivê-las.

Então cresça com calma. Não quero apressar nada. Quero saborear cada momento. O bom, o caótico e o mais caótico ainda. Pode vir com tudo, Lila Kate, porque eu espero ansiosamente por cada minuto.

Com amor eterno,

Mamãe

Grant

Harlow estava tomando banho enquanto eu cuidava de Lila Kate. Ela dormia tranquilamente, mas Harlow não queria que ela acordasse e chorasse por nós não estarmos lá. Harlow dizia que nossa bebê tinha medo e queria ter certeza de que estávamos lá.

Coloquei a pilha de cartas amarrada com a fita de cetim vermelha na minha frente em cima da cama. Eu tinha até medo de ler o que estava escrito do lado de fora de cada uma delas. Não queria sequer pensar nas circunstâncias em que teria de lê-las. Doía até mesmo pensar nisso. Mas Harlow havia escrito aquelas cartas para mim.

Uma para o dia depois do funeral dela. Uma para a primeira vez que eu tomasse conta de Lila Kate sozinho. Uma para o dia em que ela começasse no jardim de infância. Uma para o dia em que eu achasse que poderia amar de novo. Essa eu não seria capaz de abrir, porque esse dia jamais chegaria. Eu não poderia amar alguém, nem sequer tentar, porque não seria justo com a pessoa. Harlow estaria sempre no meu coração. Ninguém poderia tomar o lugar dela. E toda vez que nossa filha sorrisse para mim, eu seria capaz de ver sua mãe e me lembrar do sacrifício que ela havia feito para que aquela menininha perfeita pudesse viver.

– Você está quieto. Está dormindo? – chamou Harlow.

Peguei as cartas e fui até o banheiro. Ela as viu e abriu um sorriso. Se eu não a tivesse, aquelas cartas seriam uma joia. Mas ela estava ali.

– Você vai lê-las? – perguntou ela.

Olhei para a as cartas e de novo para ela.

– Não – respondi. – Não preciso. Elas eram para um Grant que não tinha sua Harlow. Eu tenho a minha Harlow. Aquele Grant não existe. O homem partido e vazio para quem você escreveu estas cartas jamais existirá. Mas vou guardá-las. Deixá-las em um cantinho. Talvez um dia a gente as pegue e as use para lembrar, mas não hoje.

Ela inclinou a cabeça para o lado e um cacho molhado roçou seu pescoço.

– Você não estaria vazio. Lila Kate preencheria o vazio que eu teria deixado para trás.

Talvez sim. Mas ela jamais compensaria a ausência da mulher que era dona da minha alma.

– Lila Kate sempre será a minha bebezinha. Eu vou adorá-la e amá-la até o dia em que morrer. Mas você… você é o amor da minha vida. É minha para sempre. Eu vou envelhecer amando você.

Harlow suspirou, mas foi um suspiro feliz.

– Você tem uma bela lábia, Grant Carter. Uma lábia e tanto.

– Harlow?

Ela sentou na banheira.

– Sim?

– Quer se casar comigo?

Ela riu e mostrou o dedo anular, que ostentava o anel de diamante.

– Nós já fizemos isto. Lembra? Eu disse sim.

– Amanhã. Quer se casar comigo amanhã?

Ela olhou para mim por um instante como se eu tivesse enlouquecido.

– Nós acabamos de chegar do hospital.

Balancei a cabeça.

– Sim, mas eu quero chamar você de esposa. Quero que seu sobrenome seja Carter. Quero que você seja minha.

– Eu sou sua. Já sou sua há um bom tempo.

– Por favor.

Ela mordeu o lábio inferior e pareceu pensativa. Finalmente soltou o lábio.

– Três semanas. Me dê três semanas. Posso pedir a ajuda de Blaire para conseguir um vestido, e isso dará aos seus pais, ao meu pai e aos Colts tempo para se planejarem para vir. Não precisa ser nada sofisticado. Na verdade prefiro que seja simples. Mas quero as pessoas que amamos aqui.

Eu podia dar a ela três semanas, se era o que ela queria.

– Fechado.

Ela se levantou e apontou para as toalhas.

– Pode me dar uma daquelas? Preciso ligar para Blaire.

As bolhas e a água escorrendo pelo seu corpo nu exigiram toda a minha atenção. Eu não podia tocar nela antes de o cardiologista liberá-la. Mas olhar para ela era muito bom.

– Estou ficando com frio – disse ela, esboçando uma risada que me despertou do meu desejo.

Peguei uma toalha, fui até ela e a enrolei em seu corpo. Justamente quando eu estava me inclinando para beijá-la, o choro da nossa filha encheu o ambiente pela babá eletrônica.

Harlow me empurrou suavemente.

– Rápido, vá ver como ela está.

Dei meia-volta e saí correndo.

Entrando no quarto de Lila Kate, acendi a luz com o dimmer para não agredir seus olhos. Quando ela me viu ali parado, parou de chorar, jogou os pés para o alto e começou a chupar a mão fechada, faminta. Aquele era o sinal de fome, as enfermeiras me ensinaram.

Peguei-a no colo e a levei até o trocador para limpá-la, então fomos ver a mamãe. Eu precisava descer para preparar a mamadeira, e Harlow não gostaria que eu deixasse uma Lila Kate agitada no quarto.

– Alguém está com fome e quer fazer uma visita para a mamãe enquanto eu preparo a mamadeira – eu disse, levando Lila Kate até Harlow, que vestiu rapidamente a camisola e sentou na cama para eu deitar Lila Kate ao seu lado.

– Oi, você – arrulhou ela para nossa filha. – Está pronta para comer alguma coisa? Esta mão não vai ter gosto bom por muito tempo.

Deixei as duas lá em cima e desci para preparar a mamadeira.

Harlow

Tive de empurrar Grant porta afora naquela manhã. Ele estava andando de um lado para outro falando ao telefone com um empreiteiro. Fazia uma eternidade que ele não ia trabalhar, e ele vinha passando muito tempo ao telefone. Era difícil não perceber a frustração estampada em seu rosto. Lila Kate ainda passava boa parte do dia dormindo, e eu descansava quando ela dormia. Quando ela estava acordada, normalmente ficávamos deitadas na cama, conversando e brincando. Não era difícil.

Estava na hora do almoço, e ela estava ficando agitada, então eu a levei para o andar de baixo e a deitei no moisés enquanto preparava a mamadeira. A campainha tocou justamente quando a mamadeira atingiu a temperatura certa. Tirei a mamadeira da água quente, sequei-a e fui até a porta.

Do outro lado, estava um homem que eu não conhecia, mas não precisava conhecê-lo para saber quem era. As semelhanças eram muitas – o rosto dele era uma versão mais velha do rosto de Grant. Aquele era seu pai. O homem sobre quem ele nunca falava.

Sempre que eu tentava mencioná-lo, a expressão de mágoa nos olhos de Grant me fazia desistir. Ele não fazia ideia de onde a mãe estava e disse que, quando ela ligasse, ele contaria sobre o bebê. Já tinham se passado sete meses de gravidez e mais duas semanas desde o nascimento de Lila Kate e ela ainda não havia telefonado.

– Olá – eu disse, interrompendo o silêncio.

Ele sorriu, e pude ver que estava nervoso. Até mesmo o sorriso dele era parecido com o de Grant.

– Eu sou, ahn, Brett Carter. O pai de Grant.

Balancei a cabeça.

– Imaginei. A semelhança é impressionante.

Brett riu.

– Sem conversa fiada. Eu imaginava que seria uma mulher desse tipo que conquistaria Grant. Ele já teve falsidade e inconstância suficientes na vida.

Assenti, porque tinha a impressão de que ele se encaixava na última categoria. Ou talvez ele fosse apenas frio e insensível. Grant sempre quis um relacionamento com esse homem – um relacionamento de verdade –, mas nunca conseguiu.

– Eu acabei de deixar o canteiro de obras. Ele me falou sobre a bebê. Parabéns.

Como se soubesse que estávamos falando dela, Lila Kate chorou, lembrando-me de que estava com fome.

– Obrigada. É hora do almoço, e Lila Kate está com fome. É bem-vindo para entrar e conhecer sua neta, se quiser.

Não esperei que ele me desse uma desculpa. Dei meia-volta e o deixei ali, parado diante da porta escancarada, e fui tratar da minha bebê agitada. Ela me viu segurando a mamadeira e começou a chutar e a fazer mais barulho. Estava pronta para comer. Eu a peguei no colo e, quando me virei, percebi que Brett havia de fato me seguido para dentro de casa. Ele olhava para Lila Kate com preocupação.

– Ela é tão pequena – comentou.

– Ela nasceu oito semanas antes da hora – respondi, aninhando-a no meu colo e lhe dando a

mamadeira. Ela sugou avidamente. Depois fechou os olhinhos, como se aquilo fosse a melhor coisa do mundo. Eu sabia que estava longe de ser.

– Grant não me contou. Ela precisou ficar muito tempo no hospital? – perguntou ele.

Aquele cara era de verdade? Ele não sabia de nada?

– Sim, precisou ficar pouco mais de uma semana. Eu também – respondi, fazendo um aceno com a cabeça na direção da sala de estar. – Preciso me sentar para ela ficar confortável. Podemos ir para lá.

Ele deu um passo para trás e me deixou passar.

Não conferi para ver se ele estava me seguindo. Segui até a minha poltrona enorme e confortável para poder cruzar as pernas e deitá-la no meu colo enquanto a alimentava. Ela também gostava dessa posição.

Pude vê-lo sentando no sofá à nossa frente, e esperei até ela estar sugando contente antes de olhar para ele.

– Então você ficou bem – disse ele.

Tive vontade de dar risada. Onde ele estava enquanto o filho dele ficava no hospital achando que teria de criar a filha sozinho?

– Não exatamente. Perdi muito sangue e desmaiei, então fui submetida a uma cirurgia de emergência. Meu coração parou, mas eu estava decidida a viver. Dois dias depois, acordei com uma bebezinha saudável e um pai apavorado me esperando.

Brett arregalou os olhos, e percebi que ele não tinha noção de que as coisas haviam sido tão ruins.

– Eu não sabia. Grant me deixou uma mensagem dizendo que estava no hospital com você e que a bebê havia nascido. Ele me pediu que ligasse para ele. Eu estava ocupado e imaginei que vocês dois quisessem tempo para ficar com o bebê e já tivessem visitas suficientes, então fui vê-lo no canteiro de obras hoje. Ele não me deu muitas informações. Mal olhou para mim. – Ele soltou um suspiro. – Acho que agora entendo por quê. Eu só… Quando ele me disse para ligar para ele, não achei que precisasse ligar imediatamente. Imaginei que fosse sobre trabalho e sabia que teria de cobrir a folga dele enquanto ele estivesse com você e a bebê.

Isso não era desculpa. O filho dele deixara recado de que estava no hospital, de que a filha dele havia nascido, e pedira ao pai que ligasse. Ele devia ter ligado. O trabalho não era mais importante do que o filho. E ele tinha um filho fantástico.

– Grant é um homem maravilhoso. Um grande homem. O tipo de homem que qualquer um teria orgulho de chamar de seu. Eu terei orgulho de chamá-lo de meu marido, e sei que Lila Kate já o adora. Ela acompanha o som da voz dele quando ele está perto. Não haverá um momento na vida em que ela não tenha orgulho do pai. Não se fazem homens melhores do que Grant. Ele é o melhor. E eu reconheço isso. Eu o aprecio e honro.

Não conseguia parar de falar aquelas coisas.

– Mas você não percebe o presente que tem... – prossegui. – Ele quer um relacionamento de verdade com você. Posso ver a mágoa nos olhos dele quando seu nome é citado. Meu pai, o astro de rock doido, pirado, estava lá no hospital conosco. Ele não é perfeito, mas se importou. Ele estava lá. Precisou lidar com fãs e com a mídia enquanto esteve lá, mas esteve lá. Você não conseguiu sequer ligar de volta para o seu filho e perguntar se ele estava bem. Se a bebê dele estava bem. Eu não entendo o senhor, Sr. Carter.

Decidi parar. Eu poderia chamar a atenção daquele homem e dizer quanto ele era terrível o dia inteiro, mas já havia falado tudo o que precisava ser dito.

Brett Carter se levantou e enfiou as mãos nos bolsos. Ele ia embora. Bem, boa viagem. Ele não havia sequer pegado a neta no colo. Eu me perguntei se ela algum dia conheceria aquele homem. Ou se o único avô que teria seria o primeiro e único Kiro Manning.

– Você tem razão. Sobre tudo – disse ele, indo na direção da porta, parando na soleira. – Fico feliz que ele tenha encontrado você. Você é digna dele. Ele é um homem de sorte.

Então foi embora.

Nan

Fiquei parada na beira da água, segurando o convite e deixando as ondas baterem em meus pés. Se eu ficasse ali por tempo suficiente, meus pés afundariam e a areia chegaria até os tornozelos. Era um hábito estranho, mas eu fazia isso quase todos os dias, exceto no inverno, quando a água estava fria demais.

Hoje eu estava ali para pensar. Eu imaginava que o convite iria chegar. Aquilo ia acontecer. Eu sabia mesmo antes de descobrir que Grant havia engravidado Harlow. Mas ver era diferente. Era mais definitivo.

Um dia, pensei que Grant Carter seria o homem que me enxergaria. Veria quem eu sou por trás da fachada. Aquela que eu tenho medo de mostrar para o mundo. Aquela que foi tão ferida emocionalmente por ter se exposto tanto quando menina. Quando fiquei mais velha, escondi tanto esse meu lado que as pessoas não são capazes de me magoar.

Mas isso facilitou que elas me odiassem.

Havia muito poucas pessoas que não me usaram. Meu irmão era Rush Finlay, filho do famoso baterista Dean Finlay. Durante anos, minhas supostas amigas apenas queriam se aproximar do meu irmão. Elas queriam ser apresentadas àquele mundo. E eu dava isso a elas, porque vê-lo transar com elas e jogá-las fora era o que elas mereciam. Era a minha forma de me vingar.

Então descobri que Rush não era o único com um pai célebre. Kiro Manning era meu pai desde sempre. No entanto, ele nunca havia me reconhecido ou tentado manter qualquer relacionamento comigo. Isso quase destruiu a mim e aos muros de aço ao redor do meu coração. A recusa dele em me reconhecer quase me fez perder a cabeça completamente. Rush estava lá, porém, e ele me amava. Ele sempre foi o único que me amou. Quando ninguém mais fazia isso, meu irmão me aceitava, não importava quanto eu fosse terrível. Ele não aprovava o que eu fazia, mas via quem eu era por baixo de tudo.

Então Blaire o tirou de mim. Ela conquistou o coração dele e lhe deu um filho, e agora ele tinha pouco tempo para a irmã maluca. Eu odiava Blaire por isso. Odiava que ela o tivesse tirado de mim. Eu queria odiar o filho deles também, mas, merda, Nate era a criança mais fofa do mundo. Eu não conseguia odiá-lo. Era impossível.

Grant Carter apareceu e esteve presente quando eu precisava que alguém se importasse. Rush estava ocupado demais com a nova família, e Grant assumiu o papel dele com um toque diferente. Grant não era meu irmão e era deslumbrante. Então nós começamos a ficar – aquela história de amizade colorida. Ele não esperava que eu fosse legal, e eu não esperava que ele comesse apenas a mim. Ele era muito doce às vezes e fazia as coisas melhorarem quando ninguém mais conseguia, ou nem sequer queria. Ele sabia como me fazer rir.

Mas, exatamente como qualquer coisa boa que surge na minha vida, eu o afastei porque o havia deixado se aproximar demais. Eu me recusei a aceitar que talvez ele pudesse me amar. Fiquei morrendo de medo de me expor mais uma vez à rejeição.

Enquanto eu afastava Grant, ele ficava totalmente apaixonado pelo completo oposto de mim. Uma garota que tinha o amor do pai. Tranquila e despretensiosa. Que não era má com ninguém. Nunca. Era ao mesmo tempo direta e afável. Era a pessoa perfeita para Grant. Eu não era. Eu era a

pirralha maluca que não se sentia segura o bastante para se permitir se aproximar de alguém.

Grant se apaixonou por aquela garota, e isso aconteceu bem embaixo do meu nariz. Enquanto eu berrava e xingava, ela era tranquila e calma. Só um idiota não a escolheria. Ela era fácil de amar. Eu era impossível.

Olhei para o convite de novo. Harlow Manning nunca havia me feito nada de ruim. O único problema era ela ser a única de nós a receber o amor de nosso pai. Não era culpa dela. Ela não implorou ou exigiu esse amor – ela simplesmente o tinha. Eu poderia culpá-la, mas não faria sentido. E pude ver que a vida dela não foi uma moleza só porque Kiro Manning a amava. Ele ainda era um pai de merda. Pensando bem, ter um astro de rock como pai nunca era algo positivo.

Eu havia sido injusta com ela… Não, eu havia sido cruel com ela. Mas havia pagado meus pecados. Compensei o que havia feito de errado com ela. Agora eu podia me afastar e deixar Grant e Harlow Carter viverem suas vidas felizes para sempre. Eles tinham uma bebezinha e uma casa com uma cerca branca. Era o que os dois mereciam.

Eu não merecia merda nenhuma. Eu estava sozinha no mundo, e era culpa minha. Eu não via como isso podia mudar, porque eu teria de liberar aquela que eu havia sido um dia, e não podia fazer isso de novo. Não sabia se seria capaz de suportar mais uma rejeição que fosse. Encontrar um motivo para viver estava se tornando cada vez mais difícil.

Esta era a minha vida. E eu a havia criado.

Grant

Harlow não teve qualquer reação quando eu disse que não precisávamos mandar convite do casamento para meu pai. Ele nunca havia mencionado a visita dele à nossa casa, mas Harlow me contara todos os detalhes. Se ele não quis me dizer nada sobre minha filha, não merecia fazer parte do meu casamento.

No entanto, fiquei preocupado quando ela disse que queria convidar Nan. A atitude de Harlow em relação a Nan havia mudado completamente desde que ela soube que a irmã havia lhe doado sangue, embora Nan já tivesse voltado à sua postura desagradável de sempre, pelo que eu podia observar. Eu a vira no clube reclamando com Rush sobre alguma coisa. Os olhares arrogantes estavam de volta. Ela nem sequer cumprimentara Blaire quando se aproximou de Rush. Mas isso não parecia ter importância para Harlow. Ela jamais esqueceria o que Nan havia feito. Para mim também era difícil esquecer. Se ela queria convidar Nan e tentar algum contato com ela, eu estava mais do que disposto a concordar. Porém, a situação mudaria no instante em que ela fizesse qualquer coisa para perturbar Harlow. Eu tinha meus limites.

O restante dos convites foi enviado a todas as pessoas que amávamos e eram importantes em nossas vidas. Lila Kate ficou deitada sobre um cobertor no chão perto da mesa em que endereçávamos os envelopes. Ela gostava de nos ouvir falar. Eram momentos como esse que me deixavam emocionado. A ideia de que por pouco eu não perdi aquilo tomava conta de mim se eu pensasse demais a respeito.

As meninas estavam se arrumando no andar de cima enquanto eu tomava o café da manhã. Ouvi Harlow conversando com Lila Kate enquanto descia a escada, larguei a xícara de café e fui encontrá-las. Harlow estava usando uma calça jeans e uma blusa de manga comprida, já que o outono finalmente estava dando o ar da graça. Normalmente era quente até novembro, mas já estávamos tendo uns dias mais frescos.

Lila Kate tinha todo um guarda-roupa novo graças a Blaire. Ela havia aparecido com roupas de bebês prematuros porque nada além dos vestidinhos servia nela, e mesmo eles eram grandes. Como Harlow ainda não queria sair de casa, Blaire trouxera as roupas para ela ver. As duas examinaram o que parecia centenas de roupas antes de escolherem as que mais agradavam Harlow. Hoje Lila Kate estava vestindo um body estampado de borboletas amarelas.

– Olhe quem está esperando por você – disse Harlow chegando ao último degrau da escada. – O papai.

– Eu estava esperando por vocês duas, na verdade – eu disse, beijando os lábios Harlow. – Você parece no ponto para eu comer esta manhã.

Harlow riu.

– Podemos dar um jeito nisso.

– A mamãe está sendo safada. Gosto disso – provoquei.

Seu sorriso lindo ficou maior.

Peguei Lila Kate de seus braços e a aninhei contra meu peito. Firmei sua cabeça quando ela se jogou para trás para olhar para mim.

– Divirta-se comprando o vestido. Compre o que quiser.

Ela ia sair para escolher um vestido de noiva com Blaire e Della. Della também estava procurando um vestido. O casamento dela seria dali a muitos meses, mas as três iam aproveitar o dia de compras para ter um tempo só entre garotas. Blaire havia convidado Bethy, mas ela usou a desculpa de que precisava trabalhar. Blaire estava preocupada com Bethy, o que deixava todos nós preocupados com ela. Bethy se isolava cada vez mais. Alguém precisava resgatá-la, eu só não sabia quem poderia fazer isso. Eu sabia que Jace não iria querer que ela ficasse assim. Ele não iria querer que ela sofresse por tanto tempo.

– Vocês dois se divirtam enquanto eu estiver fora. Estou nervosa por sair, mas não porque duvide que você não possa dar conta. É só que não saí de perto dela desde que acordei. Não gosto da ideia de não poder vê-la sempre que quiser.

Tínhamos voltado do hospital fazia pouco mais de uma semana e Harlow não saíra de casa. O médico recomendou que mantivéssemos Lila Kate em casa durante o primeiro mês enquanto seu corpinho e seu sistema imunológico se desenvolviam. Quando eu ia trabalhar, Harlow ficava feliz em casa. Blaire quase precisou implorar para fazê-la sair em busca do vestido de noiva.

– Vou ficar com o telefone no bolso. Toda vez que quiser vê-la, basta me ligar e fazemos chamada de vídeo. Agora, vá se divertir – eu disse, dando um tapinha na bunda dela e fazendo sinal com a cabeça na direção da porta.

Ela sorriu e revirou os olhos para mim.

– Tudo bem. Eu vou – concordou, mas então se inclinou para beijar a cabeça de Lila Kate mais uma vez. – Volto logo – disse ela.

Lila Kate ficou tão emocionada com o beijo de Harlow que enterrou o rosto no meu peito. Mantive a mão em sua nuca, porque a qualquer momento ela ia se jogar para trás de novo para ver se Harlow ainda estava por perto.

– Ela está mais parecida com você agora – falou Harlow, tocando no bracinho de Lila Kate.

– Ela é linda demais para se parecer comigo – respondi.

Harlow levantou uma sobrancelha.

– Eu sei que você não gosta de ouvir isso, mas você também é bonito, gatão.

Dando risada, abri a porta e beijei os lábios dela mais uma vez no instante em que o utilitário Mercedes de Blaire parou na entrada da nossa garagem. Harlow se despediu com um aceno e nos jogou beijos, e então finalmente saiu de casa pela primeira vez.

Fiquei olhando Harlow entrar no carro de Blaire, colocar o cinto, e o carro se afastar, e então fechei a porta.

– Quer apostar que a mamãe vai nos ligar em dez minutos? – perguntei a Lila Kate quando entramos na cozinha para eu preparar a mamadeira dela e terminar o meu café. – Ela não vai conseguir evitar. Ficar longe de você não é algo de que ela goste. Mas preciso que ela compre esse vestido para poder me casar com ela. Então será oficial. A família Carter. Soa bem, não?

Para a mulher que me deu tudo,

Hoje é o dia que eu lhe dou meu nome. Não parece o bastante, mas, por outro lado, você tem meu coração e minha alma há mais de um ano. O nome é tudo o que restou para dar a você. O que você me deu foi muito mais.

Eu resolvi, já que Lila Kate e eu temos tantas cartas suas, que estava na hora de você ganhar uma carta minha também. Você merece uma carta mais do que ninguém. Você é, afinal, a heroína da nossa história. Sem você e sua determinação, não estaríamos todos diante da família e dos amigos hoje com a nossa menininha nos braços, jurando amor eterno. Como se precisássemos de uma cerimônia para isso.

Você se tornou minha para sempre antes mesmo de eu me dar conta.

Obrigado por ter sido corajosa. Mais corajosa do que qualquer pessoa que eu conheço. Obrigado por me mostrar que, quando queremos muito alguma coisa, vale a pena correr todos os riscos para se ter ao menos uma prova.

Quando pensei que havia perdido você, em nenhum momento lamentei ter me permitido amá-la. Eu estava destruído, mas, no meu coração, estava grato pra caramba por aquelas lembranças. Por ter me deixado ficar aquele tempo com você. Descobri que a vida significa experimentar esses momentos em que estamos tão felizes que temos a impressão de que o peito vai explodir. Nós precisamos dessas boas lembranças para que possamos nos segurar a elas durante os momentos em que o mundo parece estar desabando.

Eu não compreendia isso até estar lá. Enquanto você estava adormecida, tudo o que eu podia fazer era me lembrar dos bons momentos. Do som da sua risada e da sensação incrível de ter você nos meus braços. De como estar com você deixava tudo bem. Foi o que me fez suportar. Foi o que me ajudou a segurar nossa bebê no colo pela primeira vez sozinho, sem saber se você algum dia veria o rosto dela.

Obrigado por me amar. Eu sou o homem mais sortudo do mundo. Sei que muitos homens dizem isso, mas eles nem imaginam. Eles não têm você. E não seguraram nossa bebezinha no colo. Eu tenho tudo e não poderia pedir mais.

Com amor do seu marido amoroso e sortudo pra caramba,

Grant

Harlow

Dobrei a carta e sequei as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Que sujeito maluco, para me fazer chorar antes de eu caminhar até o altar. Usei o lenço que tinha na mão para limpar as lágrimas e respirei fundo. Eu provavelmente teria de emoldurar aquela carta, porque a leria com tanta frequência que o papel iria gastar.

– Por que você está chorando? – perguntou Blaire ao entrar no quarto.

Mostrei a carta.

– Isto. É do Grant – expliquei. – Acho que não era para me fazer chorar, mas fez.

– Ah, eu entendo. Rush me fez ter uma crise de choro antes de eu subir ao altar.

Sorrindo, lembrei-me do casamento deles. Havia sido lindo e muito mais elaborado do que o nosso. Eu queria tudo simples, e Grant concordou.

– Temos um trajeto de cinco minutos pela frente. Pronta para ir? – perguntou-me ela.

– Sim. Lila Kate está pronta?

Ela assentiu com a cabeça.

– Sim. Parece um anjo. A mamãe dela pode não estar usando branco, mas ela está arrasando com seu próprio vestidinho branco fofo.

Rindo, vesti as sapatilhas e enfiei a carta na minha caixa de joias.

– Vamos lá – eu disse, saindo pela porta do quarto a caminho do quarto de Lila Kate.

Ela estava deitada no berço, olhando fascinada para os pezinhos com sapatilhas. Quando seu olhar cruzou com o meu, ela chutou o ar alegremente.

– Temos um príncipe bonitão à nossa espera. Precisamos ir.

Peguei-a no colo. Ela estava encantadora em seu vestido.

Blaire nos levou até meu Land Rover e eu afivelei Lila Kate na cadeirinha antes de sentar no lugar do passageiro. Meu vestido era simples. Eu não havia escolhido o tradicional vestido de noiva branco e longo. Em vez disso, ele era de um azul claríssimo. Lembrava a cor do céu vista através de uma nuvem. Era um vestido de cetim casual porém elegante, ajustado na linha da cintura e com uma saia que fluía até logo acima dos joelhos.

Lila Kate fez um barulhinho com a boca, nos informando que estava no banco de trás um pouco agitada. Viramos na direção do clube, então seguimos para a praia particular fechada para os proprietários das casas da região. Woods havia se oferecido para usarmos a faixa de areia diante da casa dele. Não teríamos nenhum curioso, e a festa seria privada.

Blaire parou diante do arco coberto de rosas que servia de entrada para o casamento.

– Aqui é a sua parada – disse ela, sorrindo. – Nervosa?

Neguei com a cabeça.

– Não. De jeito nenhum. Eu nunca estive mais preparada para fazer algo na minha vida.

Depois de descer do carro, tirei Lila Kate rapidamente da cadeirinha antes que ela ficasse muito frustrada e a encaixei em meus braços. Ela ainda pesava menos de 3 quilos, mas estava ganhando peso constantemente, e era isso que importava.

– Vamos ver o papai – sussurrei.

Fomos até o arco de entrada. Blaire arrumou o próprio vestido e mandou rapidamente uma

mensagem de texto para avisar que estávamos prontas, já que não podíamos ser vistas daquele lado da casa.

A música começou, e Blaire levantou a mão e me deu um tchauzinho antes de pegar um buquê de três rosas – uma cor-de-rosa entre duas brancas. Era um símbolo de nossa família. Eu mesma o teria levado, mas estava com as mãos ocupadas por algo muito mais importante.

Blaire foi na frente, e eu contei até vinte, exatamente como havíamos ensaiado, antes de Lila Kate e eu percorrermos nosso caminho coberto por pétalas de rosas. Demos uma volta em torno da casa e lá estavam todos, de pé, virando na nossa direção. As pessoas que amávamos. Sorri enquanto o olhar de Lila Kate observava tudo ao redor.

Foi apenas quando estávamos no meio do caminho, olhando para o altar, que o vi. Nosso lindo príncipe. Os olhos dele presos aos meus.

Ele achava que eu era a heroína da nossa história. Como estava enganado. Ele havia sido o herói o tempo todo.

Agradecimentos

Escrever esta segunda metade da história de Grant e Harlow foi uma jornada surpreendente para mim. Nunca chorei tanto enquanto escrevia, editava e relia um livro. Sempre adorei Grant. Fico muito feliz que a história dele tenha acabado assim. Ele era especial e a vida dele merecia ser igualmente especial.

Antes de tudo, quero agradecer à equipe da Atria. À brilhante Jhanteigh Kupihea. Não poderia desejar uma editora melhor. Ela é sempre positiva e trabalha para deixar meus livros o melhor possível. Obrigada, Jhanteigh, por ser incrível. A Ariele Fredman e Valerie Vennix, não apenas por suas ideias brilhantes, mas também por ouvirem as minhas. A Judith Curr, por dar uma chance a mim e aos meus livros. E a todo mundo na Atria que teve alguma participação na produção deste livro. Eu amo muito vocês.

À minha agente, Jane Dystel. Ela está sempre presente para ajudar em qualquer situação. Sou grata por tê-la ao meu lado neste novo e sempre mutante mundo editorial. A Lauren Abramo, que cuida dos meus direitos no exterior. Eu não poderia pensar em conquistar o mundo sem ela.

Aos amigos que me entendem como ninguém: Colleen Hoover, Jamie McGuire e Tammara Webber. Vocês três me escutaram mais e me deram mais apoio do que quaisquer pessoas que eu conheça. Obrigada por tudo.

A minhas primeiras leitoras, Natasha Tomic e Autumn Hull. Vocês duas são brilhantes e sabem identificar exatamente o que está faltando. Muito obrigada por me acompanharem com minha agenda maluca. Ser o primeiro leitor de alguém que está sempre escrevendo um livro não é um trabalho fácil.

Por último, mas certamente não menos importante: à minha família. Sem o apoio dela eu não estaria aqui. Meu marido, Keith, garante que eu tenha meu café e que as crianças estejam bem cuidadas quando preciso me trancar para cumprir um prazo. Meus três filhos são muito compreensivos, ainda que, depois que eu saio da minha caverna de escrita, eles esperem minha atenção total e a recebam. A meus pais, que sempre me apoiaram, mesmo quando decidi escrever coisas mais quentes. A meus amigos, que não me odeiam por eu passar semanas a fio afastada quando o trabalho me domina. Eles são meu maior grupo de apoio, e eu os amo demais.

A meus leitores. Jamais imaginei ter tantos de vocês. Obrigada por lerem meus livros, por gostarem deles e dizerem isso a outros leitores. Sem vocês, eu não estaria aqui. Simples assim.

Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter (@abbiglines) e escreve regularmente no seu blog.

www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

Paixão sem limites

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Estranha perfeição

Della Sloane não é uma garota comum. Ansiando se libertar do seu passado sombrio e traumático, ela planeja uma longa viagem de carro em busca de autoconhecimento e dos prazeres da vida real. Seu plano, no entanto, logo encontra um obstáculo: o automóvel fica sem gasolina em Rosemary, na Flórida, uma cidadezinha praiana no meio do nada.

Neste cenário, ela conhece o jovem Woods Kerrington, muito disposto a ajudar uma menina bonita em apuros. O que ela não sabe é que Woods é o herdeiro do country club Kerrington e está de casamento marcado com Angelina Greystone, uma união arranjada que culminará na fusão de suas empresas, garantindo o futuro profissional do rapaz.

Uma noite despretensiosa parece a solução perfeita para Della e Woods fugirem por um tempo de tanta pressão. Do passado que ela gostaria de esquecer. Do futuro de que ele tantas vezes tentou escapar.

Mas eles não poderiam prever que a atração os levaria a algo mais quando os seus caminhos se reencontrassem. Agora precisam aceitar suas estranhezas para descobrirem a perfeição.

Se você é fã da série Sem Limites, vai adorar este delicioso romance ambientado no mesmo universo sedutor criado por Abbi Glines.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de
promoções e sorteios.


www.editoraarqueiro.com.br


facebook.com/editora.arqueiro


twitter.com/editoraarqueiro


instagram.com/editoraarqueiro


skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Mais uma chance
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Informações sobre a Arqueiro